

## ERRATA

p. 30 - 4º parágrafo - 3ª linha . Onde se lê: Sobre este aspecto, Cardoso apresenta os seguintes dados. Leia-se: Sobre este aspecto Cardoso apresenta os seguintes dados, referentes ao Brasil.

p. 111 - 1º parágrafo . Onde se lê: De um total de 324 professoras do quadro acima, 54,9% são diplomadas (sendo 246 professoras) e 45,1% são leigas (sendo 110 professoras). Leia-se: De um total de 324 professoras no quadro acima, 75,92% são diplomadas (sendo 246 professoras) e 24,02% são leigas (sendo 78 professoras).

p.121 - 2º parágrafo - citação. Onde se lê: A pessoa só pode, só pode usar chinelo se for por viver, viver com o ordenado de professor, tem que morar num quartinho, viver de chinelo, com a cesta, com o bocapio no braço e indo pra feira! Porque é assim! É muito pouco! (Lina, 1933). Leia-se: A pessoa só pode, só pode usar chinelo se for por viver, viver com o ordenado de professor, tem que morar num quartinho, viver de chinelo , com a cesta, com o bocapio (sacola) no braço e indo pra feira! Porque é assim! É muito pouco! (Lina, 1933).

ANAMARIA GONÇALVES BUENO DE FREITAS

*Este exemplar corresponde  
à redação final da disserta-  
ção defendida por Ana Maria  
Gonçalves Bueno de Freitas  
e aprovada pela Comissão  
Julgadora em 21/2/95.*

*L. R. Segredo*

**"VESTIDAS DE AZUL E BRANCO" : UM ESTUDO  
SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE EX-NORMALISTAS  
ACERCA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E DO  
INGRESSO NO MAGISTÉRIO. (1920-1950)**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CAMPINAS, 1995**

**ANAMARIA GONÇALVES BUENO DE FREITAS**

**"VESTIDAS DE AZUL E BRANCO" : UM ESTUDO  
SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE EX-NORMALISTAS  
ACERCA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E DO  
INGRESSO NO MAGISTÉRIO. (1920-1950)**

**ORIENTADORA: PROF<sup>ª</sup>. DR<sup>ª</sup>. LILIANA ROLFSEN PETRILLI  
SEGNINI**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CAMPINAS, 1995**

**Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração: Ciências Sociais Aplicadas à Educação à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Professora Doutora Liliana Rolfsen Petrilli Segnini.**

Comissão Julgadora:

Luiz A. de Almeida  
Olga R. de Moraes von Sinton.  
Zeila de B. F. Duarte.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as representações das ex-normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa - Escola Normal - acerca da formação profissional e do ingresso na carreira do magistério.

Para realizar este estudo foram coletadas histórias de vida resumidas das ex-alunas que se formaram na instituição no período que compreende as décadas entre 20 e 50. Foram também analisados documentos oficiais.

Buscou-se apreender, durante a análise, aspectos relacionados ao processo de ingresso no curso normal; à duração e estrutura do curso; à convivência no espaço escolar entre professores e alunas e ao início da carreira das ex-normalistas.

O relato destas experiências acerca do cotidiano da formação da Escola Normal e do processo de ingresso na carreira permitiram conhecer não só as trajetórias individuais, como também as vivências coletivas no espaço escolar e a inserção no mercado de trabalho das professoras primárias de Aracaju, no período estudado.

*Aos meus pais, Rose e Elifas, pela possibilidade de existir, sonhar e realizar...*

*Às ex-normalistas da Escola Normal/Instituto de Educação Rui Barbosa...*

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram na criação, produção e realização deste trabalho. Conteí com companheirismo, solidariedade, confiança e estímulo de amigos e de desconhecidos. Nem todos conseguirei citar nominalmente neste momento, mas todos foram e são muito importantes para mim e a eles serei eternamente agradecida.

### AGRADEÇO...

Às ex-normalistas da Escola Normal/Instituto de Educação Rui Barbosa, pela disponibilidade na partilha de suas vivências e lembranças...

À Liliana R. P. Segnini, minha orientadora, pela confiança, estímulo e acima de tudo pelo incansável acompanhamento...

Ao Dr. Geraldo Bezerra, que permitiu conhecer a Escola Normal na década de 50, através dos álbuns de seu pai, ex-diretor e ex-professor da instituição; além de facilitar o contato com algumas ex-normalistas...

À Conceição, que partilhou comigo sua "cachaça" predileta, o Arquivo do Instituto de Educação Rui Barbosa, oportunizando acesso a documentos e informações importantes e me acompanhou em algumas visitas às ex-normalistas...

À Direção, professores, funcionários e alunos do Instituto de Educação Rui Barbosa, pela confiança...

Aos meus irmãos, Marcelo, Andréa, Adriana e meus pais, Rose e Elifas, que em todos os momentos foram prestativos e solidários...

Aos amigos, todos, de Aracaju, de Campinas, São Paulo, Brasília, do Rio Grande do Sul, de São Miguel do Oeste, que compreenderam minhas constantes ausências e me proporcionaram valiosos momentos de lazer e descontração, mesmo contra a minha vontade...

À Neri, Regina, Márcia e Odilon, pela solidariedade sem medida e pelo companheirismo em todos os momentos...

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de mestrado...

À UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina - Campus São Miguel do Oeste -, pela licença concedida para a conclusão deste trabalho...

À Rita de Cácia e ao Afonso Henrique, pela revisão do texto da dissertação...

Aos meus alunos, e ex-alunos, pela partilha das angústias e realizações, e principalmente pelas demonstrações carinhosas de saudade - mútua - durante o meu período de licença...

Ao César, meu companheiro, que dividiu pacientemente comigo as dúvidas e certezas deste processo...

A todos, muito obrigada!

# ÍNDICE

RESUMO.....	V
DEDICATÓRIA.....	VI
AGRADECIMENTOS.....	VII
ÍNDICE.....	IX
ÍNDICE DE FOTOS E QUADROS.....	X
INTRODUÇÃO.....	13
<b>1. O PROCESSO DE INGRESSO E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA ESCOLA NORMAL.....</b>	<b>19</b>
1.1. Antecedentes históricos.....	21
1.2. As ex-normalistas e o processo de ingresso na Escola Normal.....	32
1.3. Requisitos legais do processo de ingresso na Escola Normal.....	48
1.4. Requisitos curriculares legais do processo de formação profissional na Escola Normal.....	62
<b>2. A CONVIVÊNCIA ESCOLAR: ASPECTOS DO COTIDIANO DA ESCOLA NORMAL RUI BARBOSA.....</b>	<b>77</b>
2.1. Os professores e o cotidiano na Escola Normal Rui Barbosa.....	82
2.2. As colegas e o cotidiano na Escola Normal Rui Barbosa.....	99
<b>3. O INÍCIO DA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....</b>	<b>107</b>
3.1. Características do magistério em Sergipe.....	109
3.2. As ex-normalistas e o processo de ingresso na carreira profissional.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	152
ANEXOS.....	165

## ÍNDICE DE FOTOS

1. Foto da turmade alunas formandas de 1933 .....	XII
2. Foto da fachada da Escola Normal Rui Barbosa .....	44
3. Foto do pátio interno da Escola Normal Rui Barbosa.....	104

## ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1: Exame de Admissão da Escola Normal 1927-1929.....	50
Quadro 2: Análise dos Currículos da Escola Normal.....	64
Quadro 3: Distribuição do Magistério em Sergipe em 1930.....	111
Quadro 4: Analfabetismo em Sergipe e no Brasil 1872-1920.....	118
Quadro 5: Matrícula e Frequência no Ensino Primário em Sergipe.....	119
Quadro 6: Unidades Escolares do Ensino Primário em Sergipe.....	120

## AS NORMALISTAS

Lembro-me como hoje  
à caminho da ESCOLA, elas iam  
elas passavam em grupos  
de blusas brancas e saias azuis  
como em bando voavam  
as andorinhas pelo céu...

Altas, baixas, mignos,  
louras, morenas, negras,  
meninas à mão cheia  
de todos os tipos, todas as classes  
elas passavam em grupos  
como em bandos voavam  
as andorinhas pelo céu...

Pilhérias, diziam-lhes os rapazes  
bilhetes recebiam ao passarem  
rosas roubadas embrulhadas em beijos  
e, elas as recebiam com aquela inocência  
e a singela pureza da adolescência  
elas passavam em grupos  
como em bandos voavam  
as andorinhas pelo céu...

Hoje elas andam alhures...  
não sei bem por onde  
já vai longe, bem longe o tempo...  
algumas casaram-se, são mães, avós,  
outras são professoras, como era de se esperar  
outras meninas continuam  
a desfilar pelas ruas  
pilhérias? bilhetes? rosas roubadas?  
será que ainda existem?  
talvez, quem sabe?  
a tecnologia mudou a vida das pessoas...  
será que as normalistas  
foram também envolvidas?  
pela parafernália das comunicações?  
ou em seus corações os sonhos  
ainda brotam com a intensidade  
dos tempos de outrora?  
quedo-me a lembrar os velhos tempos  
tranquilos, belos e fagueiros de outrora  
em que eu também usava  
a blusa branca e a saia azul  
e passava em grupo pelas ruas  
como em bando voavam  
as andorinhas pelo céu...

Ana Maria Machado da Silva  
Aracaju, 13.04.1992.

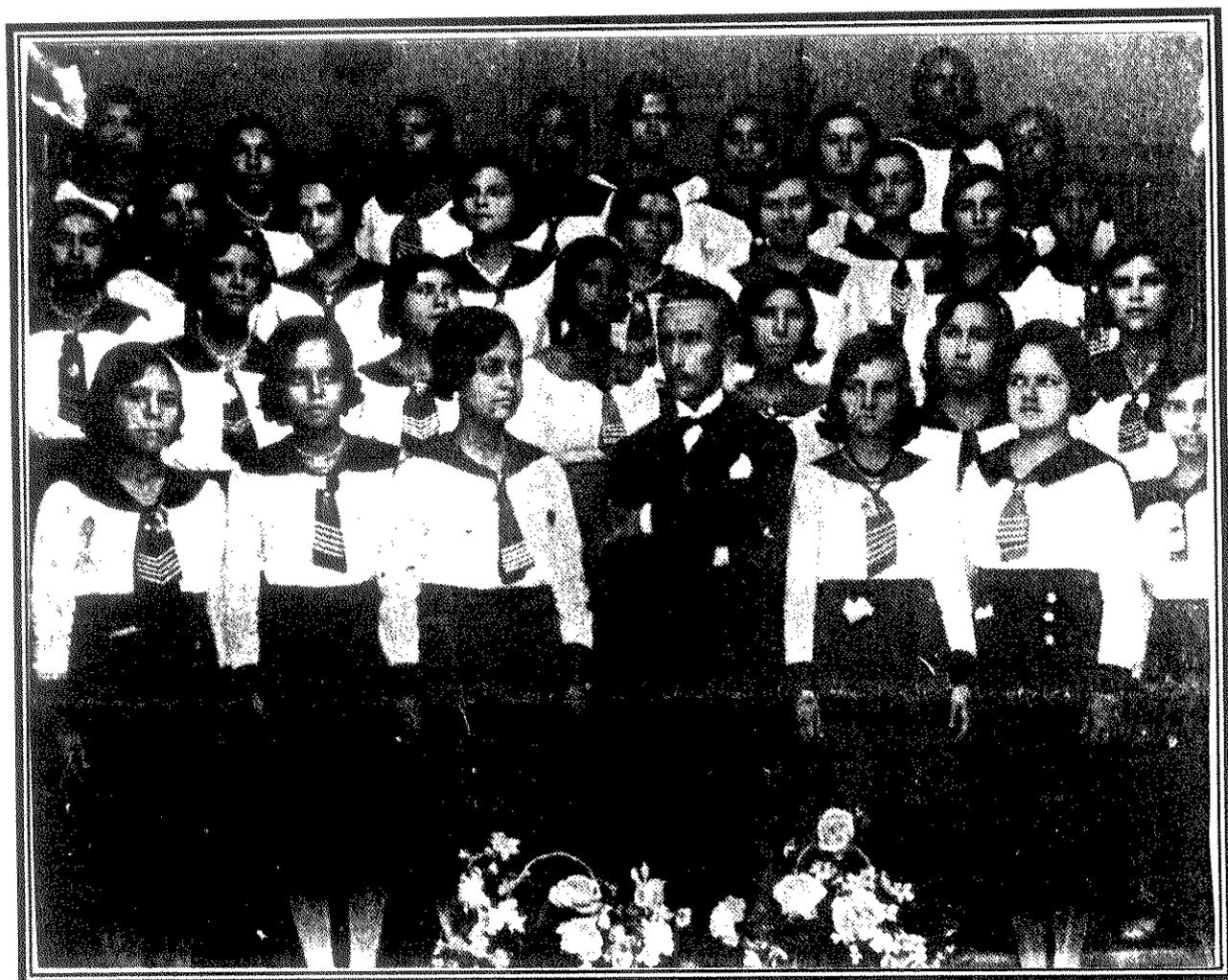


Foto da Turma de Alunas Formandas de 1933 com o Diretor da Escola Normal Dr. Helvécio Andrade.  
Fonte: Jornal da Cidade, Aracaju, 27.09.1992.

# INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo analisar as representações de ex-normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa, acerca da formação profissional e do processo de ingresso no exercício do magistério.

Através da coleta e análise de histórias de vida resumidas de ex-normalistas buscou-se compreender o processo de formação profissional - e o início das trajetórias profissionais das mesmas. Durante o período de coleta dos depoimentos - janeiro a julho de 1992 -, foi possível fazer contato com informantes que representassem diferentes momentos históricos da instituição, tendo como referência a data de formatura; os depoimentos cobrem o período entre 1920 e 1990.<sup>1</sup>

No entanto, a análise deste estudo se preocupou em focalizar as normalistas formadas entre 1920 e 1950, que estudaram na Escola Normal e exerceram o magistério.

A metodologia utilizada na coleta de depoimentos foi a história de vida "inacabada" ou resumida, que procura associar as estratégias usadas na coleta de histórias de vida e depoimentos pessoais.

Demartini conceitua histórias de vida inacabadas ou resumidas a partir de Bertaux:

*" Deste modo não podemos afirmar que são apenas*

---

<sup>1</sup> Foram coletadas 62 histórias de vida resumidas abrangendo o seguinte universo: a diretora, 10 professores e 10 normalistas que estavam na Escola no período de levantamento de informações da pesquisa; além de: 32 ex-normalistas, 8 ex-professores e uma ex-diretora.

*depoimentos; preferimos chamá-las de histórias de vida 'inacabadas', se for possível. Segundo Bertaux (1980) poderíamos dizer que são histórias de vida 'sumárias', necessárias quando se precisa entrevistar um número maior de pessoas, como nesses estudos."*<sup>2</sup>

Esta metodologia de coleta demanda tempo, vários encontros com os informantes selecionados, e cada história de vida encerra um conjunto de depoimentos sobre diversos assuntos.

No entanto, apesar dos objetivos definidos em relação ao tema de pesquisa - formação e início da trajetória profissional -, foi muito importante solicitar que os informantes relatassem sobre sua vida, enriquecendo assim a possibilidade de uma compreensão mais ampla dos aspectos definidos para este estudo. Relatos sobre festas, acontecimentos políticos, sociais e culturais, casamento, filhos, mudanças, outros cursos e relação familiar informam a experiência de vida das ex-normalistas.

Desta forma, mesmo instando-se algumas vezes por maiores informações sobre os temas definidos a priori, permitiu-se que o discurso das informantes fluísse pelos aspectos que desejassem, solicitando-lhes que falassem de suas vidas e experiências pessoais. Foram seguidos os procedimentos da história de vida "inacabada", de acordo com Demartini:

*"... não seguimos nenhum roteiro pré-estabelecido (...) pedia-se na primeira entrevista que fossem falando sobre sua vida; a partir do que nos relatavam, íamos procurando aprofundar os aspectos que nos pareciam necessários levando em conta os problemas de investigação, tentando não truncar o relato do*

---

<sup>2</sup> Cf. DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Trabalhando relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: LANG, Alice Beatriz de S. G. (org) *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo, CERU, 1992, p.44.

*entrevistado ou impedi-lo de falar sobre o que quisesse."*<sup>3</sup>

Depois da coleta das histórias de vida resumidas ou "inacabadas" foi feito o trabalho de transcrição e análise a partir dos sub-temas:

- o processo de ingresso na Escola Normal;
- a duração e a estrutura do curso tendo em vista o processo de formação profissional;
- a convivência na Escola durante o período de formação;
- o ingresso na carreira profissional.

Cabe ainda ressaltar a importância da metodologia de coleta de dados escolhida no sentido de possibilitar o conhecimento dos valores, dos costumes, das opiniões, das relações sociais e familiares vivenciadas pelas informantes, além de suas experiências, pois, conforme destaca Pereira de Queiroz, " Com as histórias de vida, busca-se atingir a coletividade de que seu informante faz parte e o encara, pois, como mero representante da mesma através do qual se revelam os traços desta..."<sup>4</sup>

Além das informações obtidas nas histórias de vida resumidas, outras fontes foram utilizadas, como: jornais e revistas, mensagens presidenciais e governamentais, outros documentos oficiais, além da bibliografia pertinente sobre a educação sergipana.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> DEMARTINI, Zeila de Brito de. *Relatos Oraís: nova leitura de velhas questões educacionais*. Texto apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1993. p. 11.

<sup>4</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Op. cit.* p. 10.

<sup>5</sup> Dois estudos sobre a educação sergipana mereceram destaque neste trabalho: *A História da Educação em Sergipe*, de Maria Thetis Nunes e *A Educação em Sergipe*, de José Antônio Nunes Mendonça, tendo este último sido professor da Escola Normal na década de 50.

Buscou-se também conhecer os estudos sobre as Escolas Normais em outros Estados<sup>6</sup> e a literatura publicada sobre a formação de professores primários e suas trajetórias profissionais.<sup>7</sup>

O primeiro capítulo deste trabalho analisa o processo de ingresso na Escola Normal, tendo em vista os requisitos legais e as representações das informantes. Além destes aspectos, apresenta um estudo sobre o currículo da formação profissional da instituição no período de 1920 a 1950.

---

<sup>6</sup> Entre outros: LOURO, G. L. *Prendas e Antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre, UFRGS, 1987. BRZEZINSKI, I. *A formação do professor para o início da escolarização*. Goiânia, Ed. UCG/SE, 1987. TANURI, L. M. *O ensino normal no Estado de São Paulo, 1890-1930*. São Paulo, FEUSP, 1979. DEMARTINI, Z. B. F. *Magistério primário no contexto da 1ª República*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/CERU, Relatório de Pesquisa, maio, 1991. COELHO, M. I. M. *Escola Normal - Instituto de Educação: reconstrução da história da educação elementar. (Minas Gerais, 1906-1969)* XIV Reunião Anual da ANPED, USP/FE, São Paulo, 1991. PAIXÃO, L. P. Mulheres mineiras na República Velha. Profissão: professora primária. *Educação em Revista*. n.14. Fac. de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1991. VILLELA, H. A primeira Escola Normal do Brasil. In: NUNES, C. (org) *O passado sempre presente*. São Paulo, Cortez, 1992. p. 17-42. MEDIANO, Z. *Revitalização da Escola Normal*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1990.

<sup>7</sup> Entre outros podem ser citados: RAMALHO, B. L.; CARVALHO, M. E. P. Magistério enquanto profissão: considerações teóricas e questões para pesquisa. *Cad. Pesq.* São Paulo, n.88 p.47-54, fev. 1994. LELIS, I. A. O. M. *A formação da professora primária*. São Paulo, Cortez, 1989. NOVAIS, M. E. *Professora primária - mestra ou tia*. São Paulo, Cortez, 1984. MELLO, G. N. *Magistério de primeiro grau: da competência técnica ao compromisso político*. São Paulo, Cortez, 1986. PEREIRA, L. *O magistério primário numa sociedade de classes*. São Paulo, Pioneira, 1969. ROSEMBERG, F. et al. *Mulher e educação formal no Brasil: estado da arte e bibliografia*. Brasília, INEP/ REDUC, 1990. SILVA, M. A. Professor: caminhos e descaminhos da profissionalização. Belo Horizonte, *AMAE Educando*, n.204, jun.1989. ALVES, Nilda. (org) *Formação de professores: pensar e fazer*. São Paulo, Cortez, 1992. SILVA, R. N.; DAVIS, C. Formação de professores das séries iniciais. *Cad. Pesq.* São Paulo, n.87, p.31-44, nov.1993. SOUZA, M. C. S. de. A formação de professores no Brasil: do Império à Primeira República. *Cadernos CERU*, n.3 série II, São Paulo, 1991. CARDOSO, T. M. *Magistério primário, trabalho de mulher*. mimeo, 1990. CARVALHO, M. J. S. *Mulher profissão professora: acaso ou necessidade ?* Porto Alegre, UFRGS, 1990. Dissertação de Mestrado. DEMARTINI, Z. B. F.; ANTUNES, F. F. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. *Cad. Pesq.* São Paulo, n.86. p. 5-14, ago, 1993.

O segundo capítulo procura apreender a convivência entre professores e alunas e o cotidiano da formação profissional na Escola Normal.

O terceiro capítulo tem como objetivo a análise do início da trajetória profissional de cada uma das informantes e as estratégias coletivas de ascensão na carreira docente.

# **1. PROCESSO DE INGRESSO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA ESCOLA NORMAL**

## CANÇÃO DO PERMANENTE

A clara e excelsa luz que o antigo canto,  
dentro do verso, lúcido, movia,  
tento encontrá-la e inultamente busco  
na unidade do tempo surpreendê-la.

O canto é móvel. Sua essência é longa  
demais para ser conduzida  
na área finita da palavra. É flama  
e sendo flama, intacta permanece.

Nesta ausência impossível, recomponho,  
sob este céu extinto, os fundamentos  
de um mundo de retorno e de mistério,

onde o fogo central seja em si mesmo  
fonte, repouso, som, mobilidade  
no aquário musical da criação.

*Santo Souza, Obra Escolhida, 1989.*

## 1.1. Antecedentes históricos

Alguns antecedentes históricos são apresentados com o objetivo de contextualizar os depoimentos em relação ao processo de ingresso na Escola Normal Rui Barbosa.

A educação feminina brasileira, durante o período Colonial, ficou restrita aos Conventos e, em alguns casos raros, foi ministrada por professores particulares nas residências das jovens.<sup>8</sup>

Em relação ao período Imperial, de acordo com Ribeiro:

*" É sabido que o ensino secundário feminino durante o segundo Império permaneceu como algo ainda visto com pequeno interesse pelo governo monárquico. Não fazia parte das intenções oficiais o gasto com recursos para a implementação desse tipo de educação visto que o objetivo da sociedade vigente era de tornar as mulheres boas mães e mães 'extremosas'".<sup>9</sup>*

Alguns rudimentos de leitura e escrita, formação religiosa e trabalhos manuais eram suficientes para a educação feminina. No entanto, algumas jovens eram encaminhadas para

---

<sup>8</sup> Cf. RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *A Educação da Mulher no Brasil Colônia*. Campinas, UNICAMP, 1987. (Dissertação de Mestrado)

<sup>9</sup> RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *A Educação Feminina durante o século XIX: O Colégio Florence de Campinas (1863-1889)*. UNICAMP, Faculdade de Educação. Campinas, 1993. (Tese de Doutorado)

colégios particulares a fim de continuar os estudos.

*"Desobrigados (os colégios particulares) de preparar para os cursos superiores, considerados ainda impróprios para as mulheres, revestiram-se de feições próprias, libertando-se dos vícios decorrentes do sistema de exames parcelados e da tradição que consagra o predomínio das humanidades clássicas nos estudos preparatórios. Montados os cursos não humanísticos e clássicos, os colégios particulares para meninas caracterizaram-se pela importância atribuída às línguas e às ciências, especialmente suas aplicações práticas."<sup>10</sup>*

A lei de 15 de outubro de 1827, que prescrevia a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos para todos os cidadãos (livres). Através desta, a mulher adquiriu o direito legal à educação através da criação de escolas de primeiras letras para meninas, que deveriam ser providas por professoras, surgindo as primeiras vagas no magistério primário público para as mulheres.

A legislação (Lei de 15/10/1827) previa ainda, conteúdos curriculares diferenciados para meninos e meninas e o processo de recrutamento das professoras, cuja primeira exigência era provar que eram reconhecidamente honestas para depois prestar o exame de conhecimentos necessários ao preenchimento do cargo:

*"Art. 6º. Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporcoes, as noções mais gerais de geometria pratica, a gramatica de lingua nacional, e os principios de moral christã e da doutrina da religião catholica e apostólica romana, proporcionados á comprehensão dos meninos; preferindo para*

---

<sup>10</sup> CF. HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. O ensino secundário no Império Brasileiro. São Paulo, Grijalbo/USP, 1972. Apud. RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *Op. cit.* Faculdade de Educação, UNICAMP, 1993. (Tese de Doutorado) p.67.

*as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brazil. ' Quanto ao trabalho das professoras, o Art. 12º previa o seguinte: 'As mestras alem do declarado no art. 6º. com exclusão das noções de arithmetica só as quatro operações, ensinarao também as prendas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brazileiras e de reconhecida honestidade se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na forma do Art. 7º. ' " 11*

No entanto, inicialmente, as habilidades a serem desenvolvidas para o exercício do magistério feminino pareciam não depender de um processo de qualificação teórico-metodológico já que as mulheres tinham a preferência para lecionar no magistério primário sem ter acesso às Escolas Normais, dependendo apenas da honestidade e de seus atributos "inatos" para exercê-lo:

*" ... um projeto de lei de 1830 determinava que no magistério primário das escolas públicas dar-se-ia preferência às mulheres (Moacyr, 1937. vol 1. p.229). Campos (1989a p.8) aponta nesse caso a existência de uma contradição nos valores então vigentes: '... de um lado, o sexo feminino encontrava dificuldades consideráveis de acesso ao ensino, pois a educação formal não era considerada necessária para as funções que iria desempenhar na sociedade; por outro lado, o exercício da atividade docente, especialmente no que se refere às crianças, era visto como sendo função própria das mulheres, para a qual tinham habilidades inatas.' " 12*

Além das habilidades consideradas "inatas" para cuidar de crianças, as mulheres professoras deveriam demonstrar honestidade, boa conduta e respeito aos padrões morais da época. Estas exigências indicam que na maioria das vezes o "retrato" da professora

---

<sup>11</sup> Cf. LIMA, L. O. p. 80 e ss. Apud. DEMARTINI, Z. B. F. ; ANTUNES, F. F. *Op. cit.* p. 6.

<sup>12</sup> Apud DEMARTINI, Z. B. F; ANTUNES, F. F. *Op. cit.* p.06.

era socialmente construído em torno da "mulher honesta, casada, boa mãe, laboriosa, fiel e dessexualizada." <sup>13</sup>

O Ato Adicional de 1834 descentralizou o ensino, delegando às províncias o direito de regulamentar e promover a educação primária e secundária.<sup>14</sup>

No entanto, muitas províncias por falta de recursos não tiveram condições de organizar rapidamente seus sistemas de ensino.

Em relação às Escolas Normais, elas foram criadas no Brasil, a partir de 1830, nas províncias de: Niterói (1835), Bahia (1836), Ceará (1845), São Paulo (1846), Pará (1839), Sergipe (1870) e Goiás (1882), e só aceitavam inicialmente alunos do sexo masculino.

Aos poucos foram sendo criadas Escolas Normais femininas, como aconteceu em Sergipe em 1877, e em Minas Gerais em 1906<sup>15</sup>. Outra forma de acesso para as jovens que desejam fazer o curso normal, era através de vagas abertas em escolas normais já existentes, como o caso de São Paulo<sup>16</sup>. Também as outras escolas normais, no final do século XIX, começam a receber alunas.

---

<sup>13</sup> Cf. RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.90.

<sup>14</sup> Cf. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil (1930/1973)*. Petrópolis, Vozes., 1991. 14ª ed. p.39-40.

<sup>15</sup> NOVAES, Maria Eliana. *Professora primária - mestra ou tia*. São Paulo, Cortez, 1984. p.21.

<sup>16</sup> Cf. DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *Magistério Público no contexto da Primeira República*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, CERU, Relatório de Pesquisa, maio, 1991. " Em 1880, a Normal de São Paulo voltou a funcionar, agora com uma estrutura bem diferente das anteriores. O curso incluía 3 anos de estudo; as classes eram mistas, mas com entradas separadas para moças e rapazes." p, 18.

Em Sergipe, de acordo com o que a Regulamentação Orgânica da Instrução Pública, assinado pelo então Presidente Francisco José Cardoso Júnior, em 1870, indica no artigo 17, os cursos oferecidos pelo Ateneu Sergipano, único estabelecimento de ensino público secundário no Estado, eram: humanidades e curso normal.<sup>17</sup>

Em 1874, o Presidente Passos de Miranda cria uma Escola Normal independente do Ateneu, destinada ainda somente a rapazes. Entretanto, ainda assim a matrícula era muito restrita, uma vez que não havia muito estímulo para que o jovem se preparasse para o magistério. De acordo com Maria Thetis Nunes: " a baixa remuneração do magistério primário não motivava esses jovens, além do favoritismo político que podia transformar qualquer pessoa em professor".<sup>18</sup>

A Escola Normal masculina é extinta indiretamente pela Resolução nº 1.326, de 17/5/1888, do Presidente Olímpio dos Santos Vital, ao determinar que seriam suspensas as aulas que não tivessem a frequência de pelo menos 10 alunos. Em 1883, ninguém havia se matriculado e em 1886, os alunos inscritos desistiram do curso.

Em Sergipe, só em 1877 é criada pelo então Presidente João Pereira de

---

<sup>17</sup> Enquanto o curso normal formava professores e possuía duração de dois anos, o curso de humanidades era constituído pelas seguintes disciplinas: Gramática Filosófica da Língua Nacional e Análise dos Clássicos; Gramática e Tradução da Língua Latina; Gramática e Tradução da Língua Francesa; Gramática e Tradução da Língua Inglesa; Aritmética, Álgebra e Geometria; História e Geografia; Filosofia Racional e Moral; Retórica e Poética. O curso durava 4 anos. A clientela que buscava o curso, segundo Nunes, eram em sua maioria filhos da burguesia latifundiária-mercantilista, que viam nele um trampolim de acesso às Academias do Império. Assim, os jovens não realizavam todo o curso, apenas as disciplinas exigidas para terem acesso ao curso superior. Cf. NUNES, M. T. *História da Educação em Sergipe*. Rio de Janeiro, Aracaju, Paz e Terra, UFSE, 1984. p.114.

<sup>18</sup> NUNES, M. T. *Op. cit.* p. 128.

Araújo Pinto a Escola Normal para moças, que iniciou seu funcionamento no Asilo Nossa Senhora da Pureza, em Aracaju. Ai sediado, o curso normal, além de poder oferecer uma profissão às jovens órfãs que não se casavam, oportunizava a ampliação de estudos para jovens não internas.

O primário era oferecido, em Aracaju, às meninas em escolas isoladas, em grupos escolares e escolas particulares. Estas geralmente mantinham internatos e começaram a crescer e se multiplicar a partir do final do século XIX e nas primeiras década do século XX. É o caso do Instituto América, dirigido por Norma Reis, professora da Escola Normal, que funcionou de 1920 a 1935, e possuía um corpo docente renomado.<sup>19</sup>

As ordens religiosas também mantiveram colégios na cidade. O colégio Nossa Senhora de Lourdes, sob a orientação da ordem sacramentina, desde 1903, recebeu impulso com a inauguração do novo prédio em 1925: além do primário e ginásial, o colégio passou a oferecer o curso normal. Em 1936, formou a primeira turma de normalistas, sendo equiparado à Escola Normal Rui Barbosa pelo então Governador Eronides Ferreira de Carvalho.<sup>20</sup>

As possibilidades educacionais femininas em Aracaju, a partir de 1920, estavam vinculadas às seguintes instituições: à Escola Normal Rui Barbosa, aos colégios particulares, à Escola de Comércio Conselheiro Orlando e ao Colégio Ateneu.

A Escola de Comércio Conselheiro Orlando funcionou no prédio da Escola Normal durante o período noturno até a década de 40. O curso comercial por ela oferecido

---

<sup>19</sup> NUNES, M. T. Op. cit. p. 234.

<sup>20</sup> Id. Ibidem. p. 249.

possuía duração de 3 anos e concedia ao concluinte o diploma de Perito em Comércio e Contabilidade.<sup>21</sup>

Entre as informantes deste estudo três normalistas realizaram o curso comercial na Escola de Comércio Conselheiro Orlando.

O Colégio Ateneu, criado em 1870, foi o primeiro estabelecimento de ensino secundário público do Estado de Sergipe, e possuiu durante muitos anos clientela somente masculina. Todos os regulamentos e transformações pelas quais passou esta instituição foram no sentido de equipará-la ao Colégio Pedro II, que funcionava no Rio de Janeiro. As mulheres começaram a ter acesso ao Ateneu nas primeiras décadas deste século. Em 1912, concluiu o bacharelado, após 6 anos de curso, somente Sílvia de Oliveira Ribeiro. Em 1924, são registradas 15 mulheres matriculadas ao lado de 18 homens.<sup>22</sup>

Em 1901, a Escola Normal passa a ser mista, no entanto nenhum aluno se matriculou. De acordo com os dados levantados, alguns professores homens procuraram a Escola para fazer o Curso de Aperfeiçoamento, no final da década de 30; mas, como normalistas, eles aparecem apenas na década de 70, no período noturno.

A Escola Normal em Aracaju foi durante um longo período um espaço feminino de formação. Nesse sentido, Novaes ressalta algumas das funções deste tipo de instituição:

*"... em fins do século XIX, a Escola Normal cumpre funções de dar formação profissional, aumentar a instrução e formar boas*

---

<sup>21</sup> NUNES, M. T. Op. cit. p. 250.

<sup>22</sup> Id. Ibidem. p. 255.

*mães e donas-de-casa, funções essas que sem maiores alterações persistem até a atualidade. (...) De qualquer forma até a década de 30, a Escola Normal gerida pelo Estado ou por instituições religiosas, mesmo com todas as limitações que continha, desempenhou papel relevante na formação profissional e na elevação cultural da mulher brasileira. O magistério entendido como um prolongamento das atividades maternas, passa a ser visto como uma ocupação essencialmente feminina e, por conseguinte, a única profissão plenamente aceita pela sociedade para a mulher."*<sup>23</sup>

Na Escola Normal Rui Barbosa, as disciplinas estudadas pelas normalistas até a década de 20 referem-se em sua maioria à educação geral e não à formação docente propriamente dita.

Em anexo ao prédio da Escola Normal, ou mesmo no próprio prédio, funcionaram várias modalidades de ensino voltadas ao sexo feminino, ao longo do período analisado (1920-1950).

O ensino primário era ministrado em anexo à Escola até a metade da década de 30, no Grupo Escolar Modelo, inaugurado juntamente com o prédio da Escola Normal em 1911.

No final da década de 30, foi inaugurada a Escola de Aplicação responsável pelo ensino primário. Nas décadas de 40 e 50, esta escola serviu como campo de estágio para as normalistas.

Em 1937, foi inaugurada uma Escola Infantil, também em anexo ao prédio da Escola.

A Escola Complementar, ou curso complementar, começou a funcionar junto

---

<sup>23</sup> NOVAES, M. E. *Op. cit.* p.21 e 22.

à Escola Normal em 1916, inicialmente com duração de um ano letivo e como intermediária para o Curso Normal. Até 1925, o certificado expedido por ela garantia à aluna matrícula imediata no Curso Normal, sem a necessidade de realização do exame de admissão.

Em 1922, o Curso Complementar foi ampliado para dois anos: o primeiro ano continuava tendo o caráter preparatório para a Escola Normal; o segundo ano enfatizava a formação das jovens que não pretendiam se preparar para o magistério. Neste segundo ano, há ênfase no currículo, na perspectiva de formação da "boa dona-de-casa". As disciplinas ministradas para tanto eram: Economia Doméstica, Educação Moral e Cívica, Higiene Geral, Higiene Infantil, Arte Culinária e Música.

Em 1927, este segundo ano, chamado então de Curso Profissional Feminino, deixou de ser ministrado na Escola Normal transferindo-se para o Instituto Coelho e Campos, que se caracterizava pela oferta de cursos profissionalizantes. O Curso Complementar funcionou até o final da década de 30.

O Governador Dr. Eronides Ferreira de Carvalho criou em 1935, com o objetivo de atualização e aperfeiçoamento dos professores, o Curso de Aperfeiçoamento com duração de um ano. Este curso funcionou na Escola Normal entre 1936 e 1940 aproximadamente. Para frequentá-lo existia um exame de seleção, que poderia ser realizado por professores formados pelo curso normal ou leigos. Após este curso muitas professoras assumiram cargos de direção e orientação. O programa era composto por: Educação Física, Canto Orfeônico, Álgebra, Português, História Natural, Higiene, Física, Química e Biologia.

A partir da década de 40, a Escola Normal possuía: escola infantil, escola de aplicação, curso ginásial e curso normal.

A Escola Normal feminina, criada em 1877, recebe em 1923 a denominação de Escola Normal Rui Barbosa, por iniciativa do Presidente da Província Graccho Cardoso, como " homenagem póstuma à memória do sábio precursor da reforma do ensino."<sup>24</sup>

Em 1947, a Escola Normal Rui Barbosa passa a denominar-se Instituto de Educação Rui Barbosa<sup>25</sup>, mudança que atingiu todas as escolas normais do país, a partir da Lei Orgânica do Ensino Normal (nº 8.560, de 2/01/1946). Os Institutos de Educação passaram a ser constituídos pelos seguintes cursos: ginásial, de formação de professores primários, de especialização do ensino normal e de administração escolar. No entanto, em Aracaju, os dois últimos não foram instalados.<sup>26</sup>

As escolas normais vão se multiplicando pelo país. Na década de 30, Sergipe conta com mais de 6 estabelecimentos, entre públicos e particulares.

A procura feminina pela formação nas escolas normais é demonstrada pelos índices de concentração crescente de mulheres docentes no ensino primário. Sobre este aspecto, Cardoso apresenta os seguintes dados:

*" Em 1935, a participação da mulher no corpo docente do ensino primário era de 87,1%, em 1940 sobe para 90,4%; em 1948, 93,3%; em 1964, eram 93,4%. Em 70, as mulheres representavam 83,8% dos docentes no ensino de 1º Grau (1ª 4ª série). Nesse mesmo nível de ensino, em 1980, as mulheres*

---

<sup>24</sup> NUNES, M.T. *Op. cit.* p. 249.

<sup>25</sup> Para efeito deste estudo será utilizada a primeira denominação, Escola Normal Rui Barbosa, tendo em vista ser esta a expressão mais citada pelas ex-normalistas.

<sup>26</sup> Cf. MENDONÇA, José Antonio Nunes. *A Educação em Sergipe*. Aracaju, Livraria Regina Ltda. 1958. p.172.

*eram maioria absoluta: 96,2%.*"<sup>27</sup>

As escolas normais constituíam um espaço de formação socialmente aceito, responsável pela profissionalização de um grande número de mulheres.

A possibilidade de exercer uma profissão socialmente permitida garantia às mulheres a oportunidade de transcender o âmbito doméstico na busca de realização e independência social e econômica.

A escola normal criada no século XIX, como espaço de formação de professores homens por falta de demanda de alunos do sexo masculino abre-se às mulheres órfãs e de honestidade reconhecida.

Estas primeiras professoras perdem este espaço para as "moças de classe média." Nesse sentido, o trabalho no magistério primário é caracterizado como inerente às qualidades femininas e socialmente indicado para as mulheres.

---

<sup>27</sup> Cf. CARDOSO, Terezinha Maria. Magistério primário: trabalho de mulher. São Paulo, 1989 (mimeo), p. 1.

## **1.2. As ex-normalistas e o processo de ingresso na Escola Normal**

A partir do contexto histórico relatado serão analisadas as histórias de vida resumidas de nove ex-normalistas da Escola Normal Rui Barbosa/ Instituto de Educação Rui Barbosa, aí formadas entre as décadas de 20 e 50.

O processo de ingresso das informantes foi estudado a partir das representações acerca dos motivos que as levaram à Escola e aos requisitos necessários para realizar a matrícula na instituição.

Em relação à motivação observa-se que muitas vezes estão associadas a diferentes razões, como: à boa reputação da instituição, tendo em vista seus professores cadetráticos; aos conselhos familiares; ao desejo acalentado na infância em ser professora, entre outros.

Todos estes "motivos" apresentados não são apenas da normalista; é explícito o papel da família - mãe, pai, avó - no encaminhamento ao curso normal. Sendo jovens, era comum que a família participasse de suas decisões; no entanto, em alguns casos a influência foi decisiva, isto é, a informante era levada ao curso normal por uma decisão familiar.

Nos depoimentos analisados, trabalhamos com representações, que, mesmo individuais " exprimem uma situação de vida e uma posição social determinada". Assim:

*" Entendemos por representação a elaboração subjetiva mental, que os indivíduos fazem das suas condições materiais de vida. Consideramos que as estruturas econômicas e sociais possuem tanto uma realidade objetiva e subjetiva incorporada pelos indivíduos, quanto uma realidade objetiva que transcende os agentes sociais que lhe dão visibilidade e concretude. " <sup>28</sup>*

Nesta perspectiva, o estudo das representações das ex-normalistas acerca da formação profissional permite o conhecimento das situações - objetivas e/ou subjetivas - por elas vivenciadas, enquanto indivíduos representantes de uma coletividade.

Desta forma as motivações das informantes estão inseridas em um contexto objetivo, concreto que permeia a subjetividade expressa nos depoimentos.

Apesar das motivações diversas, estas jovens-mulheres viveram, enquanto normalistas, a experiência de um curso normal, numa mesma instituição. Partilharam valores, normas, regras e conteúdos no processo de formação.

O conceito de experiência em Thompson permite a análise das vivências de homens e mulheres inseridos num contexto historicamente situado a partir de suas necessidades, de seus interesses e de sua consciência. Nesse sentido, a experiência humana permeia e constitui as relações sociais através da história. Thompson ressalta ainda que:

*" Os valores não são 'pensados', nem 'chamados'; são vividos e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem nossas idéias. São normas, regras, expectativas, etc, necessárias e aprendidas ( e 'aprendidas' no sentimento) no 'habitus' de viver; e aprendidos, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser*

---

<sup>28</sup> BRIOSCHI, L. P. & TRIGO, M. H. B. *Família: representação e cotidiano - reflexões sobre um trabalho de campo*. São Paulo, CERU/CODAC/USP, 1989. p.14.

*mantida e toda produção cessaria."*<sup>29</sup>

Os valores constituídos a partir das relações materiais e a necessidade de "aprendizagem" dos mesmos através das normas, regras e expectativas permitem que as representações das ex-normalistas possam ser analisadas tendo em vista a perspectiva familiar herdada e a adquirida no processo escolar.

A influência familiar é o centro das motivações que fizeram com que as ex-normalistas fossem para a Escola Normal. As condições materiais, os valores, a profissionalização, a garantia de um emprego, a possibilidade de sobrevivência, a qualidade do ensino oferecido pela instituição, foram aspectos elaborados pela convivência familiar.

Thompson destaca a importância da vida familiar na constituição da consciência social:

*"... quanto a 'experiência' fomos levados a reexaminar todo esses sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão: parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia, e deferência, formas simbólicas de dominação e resistência, fé religiosa, impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias - tudo o que em sua totalidade, compreende a 'genética' de todo processo histórico, sistemas que se reúnem todos; num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria ( como experiência de classes peculiares) sua pressão sobre o conjunto."*<sup>30</sup>

Ieda, filha mais nova, tinha quatro irmãos e três irmãs; todas elas foram alunas

---

<sup>29</sup> THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. p.194.

<sup>30</sup> THOMPSON, E. P. *Op. cit.* p.189.

na Escola Normal. Seu pai compunha e regia músicas, além de atender em casa como prático dentista. Perdeu a mãe quando era criança e foi criada pela irmã mais velha, que, professora formada pela Escola, foi também a primeira farmacêutica do Estado.

Ieda estudou na Escola Normal entre 1917 e 1920, porém seu grande sonho era ser médica:

*" Não me arrependi! (de ser professora) Digo, agora, tenho uma mágoa profunda, porque não me formei em Medicina, porque eu tinha gosto, muito gosto, tanto gosto que comecei, eu... saía dando injeção em todo mundo, curava quem tava com uma ferida, fazia tudo que podia fazer..." (Ieda, 1920)<sup>31</sup>*

Ieda não conseguiu realizar o curso de medicina, mesmo quando afirma não ter se arrependido de ser professora e relata as atividades realizadas na comunidade referentes ao fazer médico, não consegue esconder a frustração que sempre vivenciou.

Nessa época, em Aracaju, eram poucas as mulheres que freqüentavam o curso do Colégio Ateneu, considerado propedêutico e preparatório para o " exame de entrada" (vestibular). Apesar de pretender realizar o curso de medicina, Ieda foi para a Escola Normal para aprimorar seus conhecimentos, local onde todas as suas irmãs haviam estudado.

Ieda conseguiu, depois de concluir normal, aprovação no "exame de entrada" (como o atual vestibular, instituído pela Reforma Rivadávia Correia, Lei Fundamental do Ensino, de 5/4/1911)<sup>32</sup>. No entanto, em decorrência da impossibilidade familiar de arcar com os custos financeiros do curso, não foi possível realizá-lo:

---

<sup>31</sup> A data citada em todos os depoimentos refere-se ao ano de formatura da mesma.

<sup>32</sup> Cf. NUNES, M. T. *Op. cit.* p.211.

*" Eu também fiz pra medicina...passei mas, não pude ir, não tinha mais pai! Então ainda choro quando me lembro, não posso nem me lembrar, porque passei... " (Ieda, 1920)*

Nessa época, como já foi dito anteriormente, a profissionalização realizada através do curso era socialmente valorizada e incentivada. Além disso, a possibilidade de colocação no mercado de trabalho, magistério público ou privado era uma garantia..

Clarinha, filha única, perdeu a mãe com 5 anos e foi criada pela tia. Ela indica no seu depoimento ter ido para a Escola Normal a partir de um desejo acalentado na infância em ser professora:

*" de sorte que eu sempre dizia, ela (tia) perguntava: 'minha filha, o que é que você quer, quer quando ficar grande...' (quando se é) Menina, sempre se pergunta, né!? Eu respondia: eu quero ser professora! como D. Leonor Telles. Dona Leonor, a professora Dona Leonor, era vizinha aí... e eu dizia: eu quero ser professora! Eu quero ser professora! E fiquei naquilo... depois com 7 anos, eu fiz as primeiras letras aí, e depois com 7 anos, eu fui para o grupo... Grupo ... Grupo Modelo! Que era mesmo ali, na Escola Normal." (Clarinha, 1929)*

Dona Leonor Telles era poetisa, oradora e professora catedrática de português da Escola Normal; além disso dava aulas particulares em casa.

Na Escola Normal Clarinha fez todo seu processo de escolarização, o primário, o curso complementar, o curso normal e o curso de aperfeiçoamento.

Clarinha estudava música e gostava muito de tocar piano e cantar. Durante o período que estudava na Escola Normal tocava em cinemas e festas da cidade, animando bailes.

Outras informantes, assim como Clarinha, declaram suas motivações ligadas

ao ingresso na Escola Normal como um desejo acalentado na infância e o incentivo familiar recebido. No entanto, no caso de Lina e Diana estas motivações também se relacionam à possibilidade de garantir uma oportunidade de trabalho como forma de sobrevivência econômica.

Na família de Lina, a mãe era responsável pelo sustento da casa através do trabalho de "costura de carregaço":

*"Meu pai não trabalhava, ele era doente... Minha mãe é quem trabalhava, ela costurava com uma máquina de mão... chamava-se costura de carregaço, pra fornecer no mercado... hoje, chama-se confecção... confecção, né!? Ela recebia aquelas calças, aqueles brins cortados, e ela costurava, camisa, calça, no sábado levava... Nós fomos 3(filhos)! Fomos 3, minha irmã, a minha irmã casou-se logo, o meu irmão ficou trabalhando... ele trabalhava de pedreiro, servente de pedreiro... E eu dei prá professora... Casei-me já tarde!..." (Lina, 1933)*

O depoimento de Lina reforça a representação a respeito da formação geral do curso normal. Nesse processo informa a respeito do currículo vivenciado na Escola Normal:

*"Ah! Eu me realizei! Apesar destas coisas todas é, me sinto vaidosa, de ter sido professora, de ser formada...e os meus conhecimentos poucos, mas quando surge qualquer coisa na televisão, eu já estou me lembrando...negócio assim de história, geografia de países... eu me recordo, não sabe!? Certas coisas assim eu me recordo!" (Lina, 1933)*

Lina sente-se vaidosa por ter sido professora e ter recebido uma boa formação na Escola Normal.

Diana formou-se na mesma turma de Lina e foi criada pela avó, que era professora. Ela assim relata seu desejo de ser professora:

*"Eu sentia dentro de mim que queria ser professora... quando*

*fazia minhas bonecas de pano, ou de celulóide, ou de louça, eu ganhava as bonecas e fazia a escola... quer dizer, ela (avó) naturalmente compreendeu... e era a maneira da gente viver, como uma sobrevivência... era uma profissão!..." ( Diana, 1933)*

O papel da avó na escolha profissional de Diana foi decisivo, pelo que ela relata no seu depoimento:

*" A minha avó sentiu minha inclinação...(para a profissão de professora)... E ela dizia que eu era muito inteligente, muito atilada! E achava que era conveniente investir! Então, ela investiu na minha educação..." (Diana, 1933)*

Investir na educação, para a avó, parecia significar investir na profissionalização como garantia de sobrevivência. Nesse sentido, a motivação de Diana em ir para a Escola Normal está mais ligada à busca de uma profissão do que ao brinquedo infantil:

*" Porque, como eu lhe falei, eu fui pra Escola Normal porque era a maneira das pessoas se desenvolverem para uma profissão! E nessa ocasião era professora..." (Diana, 1933)*

Sergipe contava na década de 20 com um importante parque industrial têxtil. Possuía também firmas comerciais estrangeiras como a "Loeser & Cia, Morton Ltda, Singer Sewing Machine Company, e agentes locais da Chevrolet, Chrysler, Opel, Phillips, Remington, entre outras." <sup>33</sup>

No entanto, a nível profissional o magistério continuava sendo socialmente mais indicado para as mulheres de classe média, possibilitando também colocação quase imediata no mercado de trabalho, após a formatura.

Além disso, Pessanha ressalta que: " A profissão de professora era desejável

---

<sup>33</sup> Cf. NUNES, M.T. *Op. cit.* p.240.

para mulheres de determinada classe social, no caso das mulheres pobres e sem família, como uma perspectiva de se não ascender socialmente, pelo menos não 'decair' para um meio de vida 'não decente'".<sup>34</sup>

Os cursos profissionalizantes do Instituto Coelho e Campos e o trabalho operário não atraem as filhas da classe média. Mesmo tendo em vista a questão da sobrevivência, este tipo de trabalho não aparece no horizonte profissional destas jovens.

As representações destas ex-normalistas em relação ao ingresso na Escola Normal expressam aspectos subjetivos e objetivos. No caso de Diana, por exemplo, o brincar de "escolinha" com bonecas é uma brincadeira infantil presente em todos os níveis sociais até a atualidade. No entanto, esta representava para a sua avó a possibilidade de investir na sua educação, já que além de inteligente ela demonstrava ser cuidadosa e atenciosa ao "educar" suas bonecas. Objetivamente era preciso garantir um emprego para sua neta. A perspectiva da independência econômica ou mesmo da sobrevivência aparece através da transformação da brincadeira em realidade.

O curso normal poderia ser a concretização de aspirações ligadas a múltiplos fatores, tais como: a "motivação infantil", a necessidade econômica e a valorização social.

Juliana, outra normalista da década de 30, apesar de ter vivido toda sua vida escolar na Escola Normal, passando pelos cursos primário, normal e aperfeiçoamento não informa as razões que determinaram o seu ingresso naquele estabelecimento; por isso seu depoimento não é considerado nesta análise. Filha única, ela se formou em 1934, dois anos

---

<sup>34</sup> PESSANHA, Eurize Caldas. *A ascensão e queda do professor*. São Paulo, Cortez, 1994. p. 71.

antes do falecimento de sua mãe.

Lizete fez o ginásio e o curso normal, formando-se em 1945. Apresenta no seu depoimento o motivo que a levou a estudar na Instituição:

*"Fui estudar na Escola Normal por vocação! Desde pequena, que eu dizia que ia ser professora... (...) eu queria estudar e ser professora..." (Lizete, 1945)*

Lizete, além do sonho acalentado na infância em relação ao magistério, ressalta a perspectiva da vocação, que aparece em seu depoimento em vários momentos, não só relacionado à Escola Normal como também ao exercício profissional.

Neste caso, a ênfase na vocação também expressa aspectos subjetivos e objetivos, que vão além de uma realização individual. A vocação para o magistério inclui estereótipos sexistas como, por exemplo, afetividade, dedicação e paciência. Apesar de universais, são socialmente atribuídos como características femininas, sobretudo em referência ao trabalho doméstico.

O termo "vocação" segundo Belotti:

*"... subentende um chamamento de natureza quase mística, a que é duro subtrair-se, desejo de ser útil à sociedade, desinteresse quase total pelo aspecto econômico da atividade abraçada, altruísmo e espírito de sacrifício. (...) Curiosamente, este termo é utilizado só quanto às profissões que se ocupam da pessoa humana e de suas facetas consideradas com ou sem razão, mais desagradáveis: infância, velhice, enfermidade física, anormalidade, etc." <sup>35</sup>*

Nesse sentido, vocação-magistério-mulher são representados como realidades

---

<sup>35</sup> BELOTTI, Elena Gianini. *Educar para a submissão - o descondicionalismo da mulher*. Petrópolis, Vozes, 1975. p.110.

intrinsecamente relacionadas. Ressalta-se ainda que no caso deste estudo as próprias informantes relatam que a maioria das ex-colegas, quando não exerciam o magistério, era porque se casavam logo que se formavam ou faziam enfermagem, dificilmente seguindo carreiras dissociadas da "ocupação com a pessoa humana."

A mulher aparece associada ao magistério como "atividade natural", tendo em vista o cuidado de crianças e a educação de jovens. Desde a infância, algumas "aptidões" são "encontradas" pela família nos seus jovens membros: "... tudo é dito e tudo é determinado à criança, no momento em que a palavra aptidão lhe permite conceitualizar as múltiplas experiências em função das quais se joga com seu futuro de dona-de-casa, professor ou cirurgião...".<sup>36</sup>

Lídia era filha única. Seu pai, funcionário público, influenciou-a na busca de profissionalização através do magistério. Ela ressalta em seu depoimento, o interesse manifestado desde a infância em ser professora:

*" Desde pequenininha, 3 anos, 4 anos, eu já queria ir prá escola, eu fui prá escola com 5 anos. Porque eu queria ir para a escola, eu queria ser professora, e meu pai me levava lá numa escola noturna, que tinha lá no Santo Antônio, e a moça gostava muito de mim, a professora e eu pequenininha, ele me levava lá, e aí, ele dizia: 'Você vai ser professora, quando você crescer, você vai ser professora...' Encucou aquilo, né..."*  
(Lídia, 1948)

Lídia foi aluna também do Instituto de Educação Rui Barbosa no final da década de 50, durante um ano, a fim de realizar algumas adaptações curriculares para poder

---

<sup>36</sup> BISSERET, Noëlle. A ideologia das aptidões naturais. IN: DURAND, José Carlos Garcia. (org) *Educação e Hegemonia de Classe - as funções ideológicas da escola*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986. p.65.

fazer o vestibular.

Ao longo de seu depoimento, Lídia faz muitas reflexões sobre a educação paterna recebida. Sua mãe era dona de casa e seu pai insistia na sua profissionalização, indicando-a inclusive como alternativa ao casamento, para a independência social e econômica da filha:

*" Pois é, então, as moças eram preparadas assim, para o casamento, agora, uma ressalva, o meu pai, não me preparou para o casamento (risada) muito pelo contrário, ele queria que eu estudasse, me formasse, tivesse um emprego, e ele me dizia assim: 'o melhor marido do mundo é o emprego!'... Naquela época, meu pai dizia isso, ' o melhor marido do mundo é o emprego! esse negócio de casamento é muito secundário... Você tem que estudar, se formar, ter seu emprego e a sua independência, você tem que ser independente! A mulher tem que ser independente!' ... A minha mãe, você repare... Ele falava e ainda comparava: 'Você quer ficar como a sua mãe, dentro de casa, lavando, cozinhando, você não é disso mesmo, você não tem muito jeito para essas coisas, nem gosta de nada de cozinha, nem de serviços domésticos, nem tem estrutura física pra isso, você tem que estudar! Tem que ser independente!' e por aí foi mesmo, não sabe!?..."* (Lídia, 1948)

O magistério, além de ser um campo de trabalho socialmente aceito para as mulheres, proporcionava a continuação de estudos, a possibilidade de independência econômica e um certo prestígio social, afinal: "numa sociedade onde os índices de escolarização eram baixos a professora primária consistia numa profissão de alto prestígio social para a mulher e que lhe permitia uma certa dignidade no seu modo de vida."<sup>37</sup>

Augusta formou-se em 1953, fez o curso ginásial e normal. Durante todo o

---

<sup>37</sup> Cf. CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. *O magistério primário como ocupação feminina: uma análise das representações sociais de professoras primárias sobre sua prática profissional*. Campinas, UNICAMP/FE, 1990. (Dissertação de Mestrado) p.89.

seu depoimento destaca a excelência dos professores da Escola e o mérito vivenciado por ser aluna da instituição:

*" Mas, naquela época era honroso ser aluna da Escola Normal! Do Instituto Educacional Rui Barbosa! Era a Escola Normal, onde tinha, não era uma elite, uma elite financeira, econômica e social, era uma elite assim de excelentes professores. Júlia Teles, Dalva Fontes, Júlia dava português, Dalva dava metodologia do ensino, no pedagógico. Era uma elite de qualidade, de alunas exemplares. E eu tive oportunidade de ser aluna da Escola Normal desde 1948..." (Augusta, 1953)*

Augusta morava no interior, na cidade de Maruim. A família mudou-se para Aracaju quando ela passou no exame de admissão. Ela recorda no depoimento o orgulho do pai ao apresentá-la aos amigos como professora:

*" Meu pai, antes de morrer, eu me lembro tanto, meu pai me apresentava aos amigos dele: 'Essa é a Augusta, Augusta minha filha, a professora!' Ele tinha o maior orgulho de dizer que eu era professora..." (Augusta, 1953)*

Ema formou-se em 1956, fez no Instituto de Educação Rui Barbosa o ginásio e o curso normal (pedagógico). No seu depoimento, ela procura ressaltar as relações de sua família com políticos, professores renomados, com os diretores da Escola entre outras pessoas influentes da sociedade sergipana como:

*" E a gente tinha afinidade com o Governador, Leandro Maciel, qualquer festa que fosse no Palácio (do Governo), a gente ia..." (Ema, 1956)*

Em relação à Escola, ela enfatiza a qualidade do ensino e a seletividade do exame de admissão. Ema apresenta o curso normal como muito procurado, identificando uma possível função social do curso para as moças pobres:

*" Na Escola Normal, o sistema de ensino era muito bom... A*

*entrada, porque eu acho que o exame de seleção, na escola normal, eu acho importante, nos colégios públicos eu acho importantíssimo... Era um exame rigorosíssimo. As turmas eram muitas, o pedagógico era muito procurado, não só pela classe simples, que sabia que era, que era um meio de emprego, era um campo de emprego, era um trabalho..." (Ema, 1956)*

Ema foi da última turma que estudou no prédio do Instituto de Educação Rui Barbosa, situado na praça central da cidade, inaugurado em 1911. Em 1957, a Escola Normal passou a funcionar em outro prédio, agora na Rua Laranjeiras.

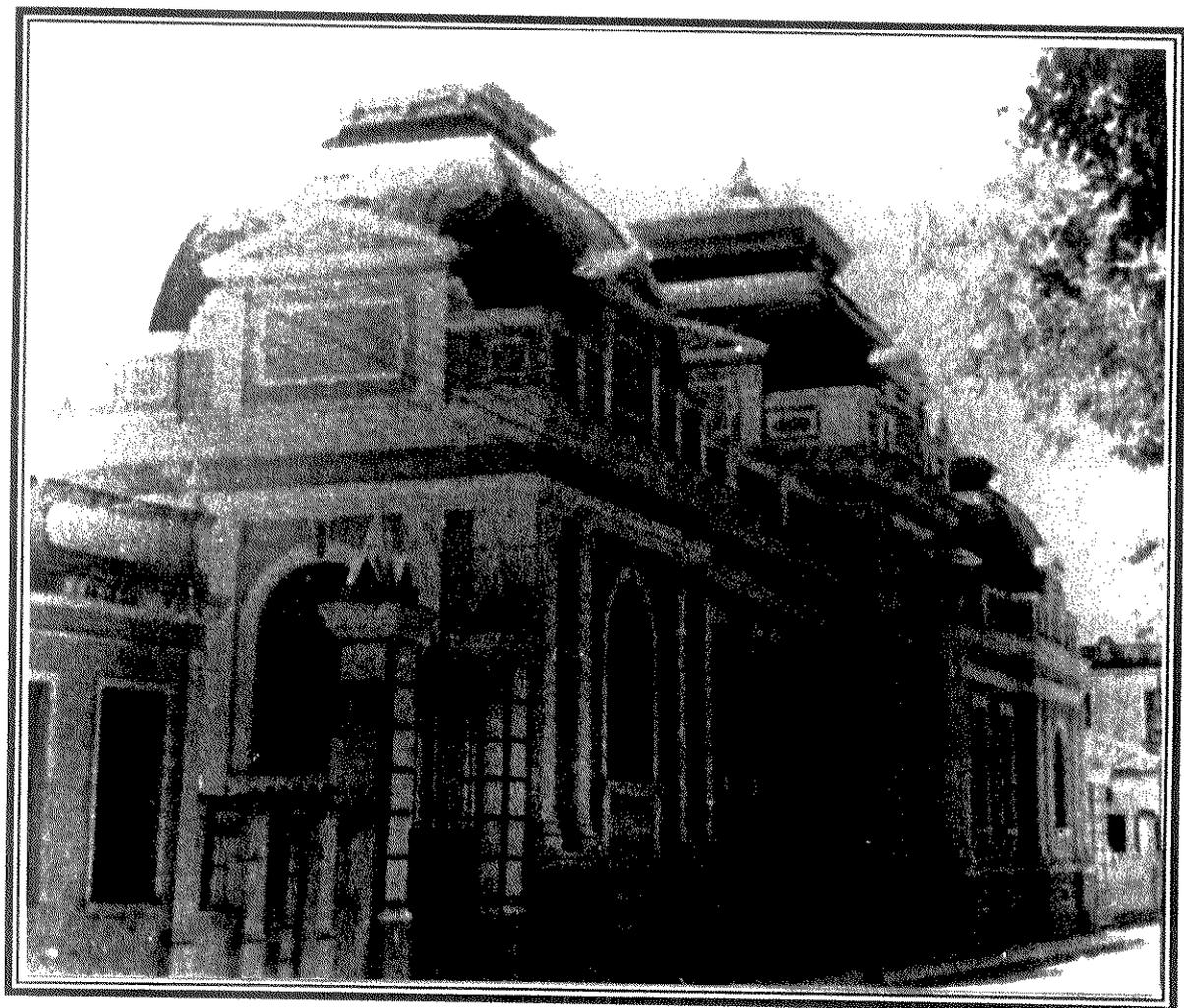


Foto da fachada do prédio da Escola Normal situado na Praça Olímpio Campos, 1950.  
Fonte: Arquivo do Instituto de Educação Rui Barbosa.

No caso de Ema, apesar de não buscar no curso um meio de emprego, como suas colegas, este serviu para possibilitar experiências pessoais e profissionais, que lhe proporcionaram relativa independência social e econômica.

Augusta e Ema, salientam nos seus depoimentos: a qualidade da formação, os bons professores, e a seletividade da clientela da instituição. Apontam para a "distinção" da Escola Normal, enquanto espaço de formação e convivência que ela representa na cidade de Aracaju no período estudado.

A maior parte das informantes ingressou na Escola Normal incentivada pela família por oportunizar uma formação profissionalizante, tendo em vista a possibilidade de ingresso quase imediato no mercado de trabalho. A profissão de professora primária e a própria instituição eram socialmente valorizadas, na época.

Nos depoimentos, o desejo em ser professora aparece representado nas brincadeiras infantis, e nas "habilidades específicas para o magistério" verificadas pelos familiares ou pela própria informante.

O papel desempenhado pela família das ex-normalistas é destacado nas motivações em relação ao ingresso no curso normal. O magistério representa a sobrevivência social e econômica para as famílias de Diana e Lina.

As famílias das outras ex-normalistas valorizam o curso normal como forma de profissionalização e independência social e econômica de suas filhas, dentro dos padrões socialmente permitidos.

Neste sentido, Chaui aborda o papel ambíguo exercido pela família:

*" A família se apresenta, portanto, como mescla de*

*conformismo às exigências sociais e como forma fundamental de resistência contra essa mesma sociedade - mantém a subordinação feminina e filial, mas protege as mulheres, crianças e velhos contra a violência urbana; (...) conserva as tradições e elabora um projeto para o futuro."*<sup>38</sup>

Percebe-se que as motivações associadas à qualidade da instituição ou à busca de profissionalização referem-se de uma forma geral à busca de independência social e econômica das informantes. No entanto, este processo é representado de forma ambígua, de acordo com o sentido atribuído por Chauí ao termo:

*"A ambigüidade não é falha, defeito, carência de um sentido que seja rigoroso se fosse unívoco. A ambigüidade é a forma de existência dos objetos da percepção e da cultura, percepção e cultura sendo elas também, ambíguas, constituídas não de elementos ou partes separáveis, mas de dimensões simultâneas..."*<sup>39</sup>

As diferentes motivações que levaram as informantes a realizar o curso na Escola Normal revelam, ao mesmo tempo, a busca pela independência social e econômica; porém, através da possibilidade de profissionalização socialmente aceita para mulheres no período estudado.

Desta forma é possível apreender que, ao tentarem romper com a ordem social predominante - o trabalho da mulher deve estar restrito ao âmbito doméstico - e procurando independência econômica e social, as professoras o fazem no âmbito de um profissão possível visto que reconhecidamente permitida socialmente. Reafirmam assim a

---

<sup>38</sup> CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência - Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.145.

<sup>39</sup> Cf. CHAUI, M. Op. cit. p.123

ambigüidade apontada por Chauí, mostrando que "são capazes de conformismo ao resistir e resistência ao se conformar."<sup>40</sup>

Foi possível apreender através das representações das ex-normalistas que o ingresso lhes atribui status. O conhecimento, o rigor na seleção, as distinguem do conjunto das jovens sergipanas que pretendem continuar sua escolarização.

---

<sup>40</sup> Cf. CHAUI, M. Op. cit. p. 124.

### **1.3. Requisitos legais do processo de ingresso na Escola Normal.**

Através dos depoimentos, dois aspectos são valorizados no processo de ingresso na Escola Normal: a idade e o exame de admissão. Em relação à idade, tendo em vista o período analisado de 1920 a 1950, não foi encontrada nos documentos oficiais nenhuma informação sobre a idade mínima exigida.

No entanto, duas Mensagens Presidenciais, do início do século, revelam algumas informações. Em 1903, O Presidente Josino Menezes se refere ao Regulamento, decreto nº 494, de 26/12/1899, que exigia no seu artigo 124, parágrafo quarto, a idade mínima de 15 anos para matrícula na Escola Normal feminina.<sup>41</sup>

Em 1911, na sua Mensagem Presidencial o Dr. José Rodrigues da Costa Dória afirma que a partir daquele ano seria exigida "idade mais crescida" para a matrícula na Escola Normal; entretanto, não esclarece a qual faixa etária se referia.<sup>42</sup>

As informantes apresentam como idade mínima exigida para o ingresso no curso normal de 14 a 16 anos.

Apenas uma das informantes declara não ter conseguido ingressar no curso

---

<sup>41</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Presidente da Província Josino de Menezes, 1903, p. 16.

<sup>42</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Presidente da Província Dr. José Rodrigues da Costa Dória, 1911, p. 55.

normal no ano esperado já que, ainda não tinha idade exigida para tanto; a pedido do pai ficou mais um ano no curso complementar.

As outras informantes revelaram que comprovaram a idade necessária para o ingresso através de duas estratégias: cartas de pessoas idôneas, conforme exigido por lei. Ou através da alteração da data de nascimento, realizada por aquelas pessoas que, por não terem sido registradas no momento do nascimento, o faziam quando do ingresso na Escola de acordo com as exigências da mesma.

Esta preocupação com o critério da idade desaparece nos depoimentos a partir da década de 40.

Para o exame de admissão, as exigências presentes nos depoimentos expressam a necessidade de domínio de conhecimento de diversas áreas, "como um vestibular". A maioria das informantes frequentou cursos preparatórios com professores renomados no Estado na tentativa de garantir a admissão. Apenas uma das informantes não conseguiu aprovação no primeiro exame prestado, voltando no ano seguinte para tentar novamente.

Nos documentos oficiais - Mensagens Presidenciais da Província - percebe-se uma elevada taxa de reprovação no exame, como pode ser percebida no quadro a seguir:

QUADRO 1 : EXAME DE ADMISSÃO DA ESCOLA NORMAL 1927-1929

ANO	CANDIDATAS	APROVADAS	% REPROVADAS
1927	72	17	76,38%
1928	80	37	53,75%
1929	75	34	54,66%

Fonte: Mensagens Presidenciais do Dr. Manoel Corrêa Dantas no período de 1927-1929.

Em alguns anos houve a abolição do exame de admissão para o ingresso no Curso Normal, como, por exemplo, 1921, em que as alunas aprovadas no curso complementar preencheram as vagas existentes.

O alto índice de reprovação nos exames de admissão demonstra a exigente seletividade do processo de ingresso na Escola Normal; este aspecto foi ressaltado pelas informantes como sendo uma das garantias do alto nível educacional existente no processo de formação.

A Escola Normal Rui Barbosa passou por diversas alterações de currículo e de duração como pode ser observado ao longo da análise dos depoimentos.

Ieda prestou o exame de admissão e entrou no curso normal em 1917, que de acordo com o Decreto nº 563, de 12/8/1911 teria a duração de 4 anos, com as seguintes disciplinas:

*" Português, Aritmética e elementos de Álgebra e Geometria, Geografia Geral e História especialmente do Brasil,*

*Pedagogia, Pedologia<sup>43</sup> e noções de Higiene Escolar, noções de Física, Química e História Natural, com aplicações à Agricultura e à Zootecnia. Complementava o currículo o ensino de trabalhos manuais, ginástica, música e caligrafia."*<sup>44</sup>

A nota máxima na época era 6, e Ieda conseguiu, além de ingressar na Escola Normal sem a idade exigida, ter boas notas nas disciplinas estudadas:

*" Quanto a mim, o temor do exame de admissão diante de uma banca examinadora composta de mestres os mais escrupulosos e severos no julgar, presidida pelo Diretor Dr. Helvécio Andrade que, desde a minha inscrição às provas me marcava a sentença de reprovação porque, na verdade, não tinha a idade requerida que era de 14 anos. Graças, porém, a um desvio ou destruição de um certo cartório pude, com um atestado de duas pessoas idôneas, provar a legalidade da ilegalidade, pressentida pela argúcia do Diretor; depois meu mestre de História Natural, em cuja matéria arrancava sempre o 6 nota máxima na época, ouvindo dele por vezes entre penitente e surpresa: 'Menina, você me enganou em tudo, na idade e no aproveitamento, este eu não esperava!...' "* (Ieda, 1920)

A avaliação realizada na Escola neste período dividia as notas em três níveis: simplesmente, plenamente e distinção. As notas finais das alunas eram colocadas no verso do diploma, ao lado das disciplinas.

Ao mostrar seu diploma Ieda relata:

*" Então vocês vão ver que diploma engraçado! Eu disse a vocês que as notas eram 6... 6 com distinção! Simplesmente, agora,*

---

<sup>43</sup> Cf. OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993. " Pedologia: ciência da criança que integra os aspectos biológicos, psicológicos e antropológicos." p. 20.

<sup>44</sup> Cf. NUNES, M. T. *Op. cit.* p.218.

*passando de 3,5 eles diziam, plenamente, equivalente a plenamente, passando de 5,5 equivalente a distinção... que distinção... E o 6 tinha que ser 6! só que era difícil a gente ter, porque às vezes, não é !?(...) Agora os meus plenamente salvam, repare, quase distinção, a não ser uma nota ou outra..." (Ieda, 1920)*

Clarinha entrou na Escola Normal através do exame de admissão, mesmo tendo cursado a Escola Complementar. No entanto, teve que esperar até que tivesse a idade exigida para frequentar o curso normal:

*" Fiz o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, e depois... tudo ali na Escola Normal, viu!? Depois do quarto ano, é que eu entrei no Normal, mas, primeiro, tive que fazer o curso de Complementar... (...) na Escola Complementar eu estava com 13 anos, então, papai pediu a professora que me deixasse repetir. Ai eu chorei demais! Porque não era prá ser reprovada, não queria ser reprovada, não queria ser reprovada, ele: ' Não minha filha...' A professora: 'Não minha filha, você não vai ser reprovada, não! Você vai continuar porque não tem idade prá Escola Normal!' E aí, eu fiz outro ano, na Complementar..." (Clarinha, 1929)*

Sobre o Curso Complementar, Clarinha relata que:

*" Tinha um curso, era uma, um Estudo prá Escola Normal, mas, já era adiantado! Que quando nós saíamos do quarto ano primário naquele tempo, era já pesado, a gente já sabia fazer de tudo! Uma carta comercial bem feita, tudo! Eu era louca pelo português, não sabe!? Então, dali do quarto ano, eu fiz a Escola Complementar, mas eu ainda não tinha idade para entrar na Escola Normal, porque na Escola Normal antes, só se entrava com 15 anos completos... na Escola Complementar eu estava com 13 anos..." (Clarinha, 1929)*

Apesar de ter cursado o Complementar, Clarinha precisou fazer o exame de admissão porque, no ano em que ingressaria, o Presidente da Província Dr. Maurício Graccho Cardoso alterou a possibilidade de ingresso para o Curso Normal com apenas a aprovação no

Complementar. De acordo com sua Mensagem Presidencial, de 1925, ele justifica o fato:

*" em defesa do bom nome do ensino normal deve ser restabelecido o exame de admissão para todos os inscriptos, indistinctamente (...) Nenhum meio se depara mais adequado á selecção dos concorrentes ás vagas abertas em consequencia das promoções ao 2º anno. "*<sup>45</sup>

Sobre o exame de admissão Clarinha ressalta:

*" Uma prova... uma provinha, não! Era uma prova grande, era... era o mesmo que estar fazendo um exame mesmo! E, aí, eu fiz..."* (Clarinha, 1929)

Clarinha entrou no curso normal em 1925, no ano de alteração da duração do curso e do programa - Decreto de 4/5/1925. O curso foi ampliado para 5 anos, objetivando preparar melhor as professoras. Assim, o currículo de formação de Clarinha era composto por:

*" Português, Aritmética, Álgebra e Geometria, Agricultura, Desenho, Geografia Geral, Cosmografia e Corografia do Brasil<sup>46</sup> e de Sergipe, Física, Química, História Geral, do Brasil e de Sergipe, Francês, Inglês, Educação Moral e Cívica, Trabalhos Manuais e Economia Doméstica. Nos programas aprovados, era ressaltada a importância do emprego do método objetivo. "*<sup>47</sup>

A análise dos currículos será realizada detalhadamente a posteriori; no entanto, pode-se perceber desde já esta alteração comparando-a com o currículo do curso de Ieda: um aumento de disciplinas referentes a conhecimentos gerais e regionais (estudos relacionados a Sergipe) e a retirada das disciplinas voltadas ao conhecimento da criança.

---

<sup>45</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Dr. Maurício Graccho Cardoso, de 1925, p.16.

<sup>46</sup> Cf. HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. Cosmografia: astronomia descritiva; Corografia: Estudo ou descrição, geográfica de um país, região, província ou município.

<sup>47</sup> Cf. NUNES, M. T. *Op. cit.* p.249.

Clarinha revela ainda, no seu depoimento, como era necessário se esforçar para atingir boas notas; destaca também a metodologia adotada por alguns professores:

*" ...comecei a fazer, fiz o primeiro ano normal, depois, fui seguindo, nunca fui reprovada, nunca fiz... nem segunda época, tinha muita força de vontade, porque com minha mãe, sozinha, eu não queria de forma alguma dar um desgosto, num sabe!? Mas... eu não gostava era de matemática e geografia (risos). Eu não gostava não, sabe!? Porque geografia, precisava... os professores naquele tempo, gostavam de certo, eles não gostavam que a gente lesse não, gostavam que a gente fizesse aquela explanação sobre a matéria, num sabe? Ai, decorava, pá-pá-pá-pá-pá-pá-pá, e agora, Dona Judite Ribeiro, que foi professora de Geografia, durante 5 anos da Escola Normal, ela foi uma boa professora! Aposentou-se, ela gostava mais que a gente expusesse." (Clarinha, 1929)*

Juliana entrou no Curso Normal em 1930. A duração do seu curso equivale àquele descrito por Clarinha. Ou seja, 5 anos e com o mesmo elenco de disciplinas.

Juliana relata também não ter a idade mínima exigida para o ingresso no Curso Normal, porém através de alteração da data de nascimento conseguiu realizar a matrícula.

*" Eu sou cria daquela casa (Escola Normal), estudei no Grupo Escolar Modelo, 4 anos, e fui aluna de Dona Maria das Graças, ela foi minha professora. De lá mesmo, eu passei para Escola Normal, aí não havia ginásio, quando eu terminei eu não tinha idade, e Dr. Ernesto, que era muito amigo de Dona Mariana, prima de Dr. Gerson... nós, nesse tempo, morávamos no sítio e de vez em quando... Mamãe ia passear... e encontrou com o Dr. Gerson, e disse: 'Dr. Gerson, o que é que eu faço com essa menina aqui, que ainda vai fazer 10 anos... E a Escola Normal só entra com 16 anos completos...' Ele chegou e disse: 'tem um jeito, me diz uma coisa, ela tem registro civil?' Mamãe disse: 'Não porque quando nasceu foi morrendo, tanto que se batizou em casa, depois foi pra Igreja, mas depois eu me mudei pra Aracaju, trouxe ela pequena e não fiz registro não...' 'Então pronto!... Agora vai e registra em Aracaju, aumentando 7 anos...' (...) E constava 19, mas eu tinha doze, treze anos. Entrei em 1930, na Escola Normal... (...) Ele disse assim: 'Só*

*tem uma coisa...' Eu usava uma fita aqui... 'Agora, vai mudar o penteado dela para parecer mais... chique...'" (Juliana, 1934)*

Juliana, para aparentar mais idade, alterou o penteado.

Diana e Lina, que também se formaram na década de 30, fizeram o curso normal em cinco anos.

Lizete formou-se em 1945 no curso normal. No seu depoimento, além das disciplinas cursadas nos cinco anos de duração do curso, relata algumas características das avaliações e da estrutura:

*" Aqui, (mostra o diploma) diz todas as notas dos exames finais do curso, quer dizer, no final do curso, ainda tinha a prova de tudo aquilo, que tinha sido estudado, com os exames e tudo: Português, Francês, Inglês, Matemática, Geografia, História do Brasil e de Sergipe, História Geral, História Natural, Literatura, Higiene e Puericultura, Agricultura, Economia Rural, Educação Moral e Cívica, Química, Física, Trabalhos Manuais, Música... (...) Era uma super-educação! Instrução, ali, foi a Escola Normal, eu sempre digo, foi a Escola Normal Rui Barbosa! Nós tínhamos educação física, ali dentro com Dona Eloá... Tínhamos tudo ali, ainda tinha uma Escola Infantil que era ali, também... Tudo funcionava ali... embaixo era a Escola de Aplicação! Era de crianças... Que nós, quando estávamos no quarto, ou era quinto, no quinto ano, nós dávamos aulas, fazíamos o estágio... Tirava assim uma turma, essa turma, essa semana vai fazer o estágio! Nós íamos fazer o estágio, e a professora dava a nota! Tinha que estudar bastante mesmo! Porque tinha a prova, e ainda tinha o exame, passava por três examinadores... Era estudar mesmo! Tinha que saber! Dr. Clóvis, era assim, era 2 ou 3 professores, na época, quando chegava o fim de ano, né, fazia a prova, depois da prova fazia o exame, e tinha a nota da prova e do exame... A nota máxima era 10!(...) Não estou dizendo, a Escola Normal era a ESCOLA NORMAL!" (Lizete, 1945)*

A Escola Normal exigente, rigorosa, com muitos exames e provas aparece no depoimento de Lizete. Ela destaca também a parte prática do curso realizada através dos

estágios. Nos outros depoimentos anteriores à década de 40, a prática profissional só acontece depois da formatura.

Lídia entrou na Escola Normal em 1944, formando-se em 1948. Entretanto, no início da década de 50 voltou à Escola para fazer uma complementação curricular porque pretendia fazer o vestibular.

*" Que eu me formei em 1948... Eram 5 anos de curso. Ai eu passei algum tempo sem estudar, quando eu me formei, 4 ou 5 anos depois, eu fui fazer a faculdade de filosofia. Eu não pude fazer o vestibular, porque o meu curso era de 5 anos, e ai o curso normal já tinha passado para 3 anos..." (Lídia, 1948)*

A modificação relatada por Lídia advém da Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946; a partir desta, o curso na Escola Normal teria duração de 3 anos. Além disso, aquela lei criava os Institutos de Educação que deveriam oferecer jardim de infância e escola primária anexos e os cursos de especialização de professores primários e habilitação de administradores escolares.<sup>48</sup>

No caso das informantes deste trabalho, a partir da mencionada alteração todas fizeram o curso normal de segundo ciclo<sup>49</sup>, ou seja, com duração de três anos no então denominado Instituto de Educação Rui Barbosa.

As disciplinas cursadas nesse período foram: Português, Matemática, Física e Química, Anatomia e Fisiologia Humanas, Música e Canto Orfeônico, Desenho e Artes

---

<sup>48</sup> Cf. ROMANELLI, O. *Op. cit.* p.164-165.

<sup>49</sup> Foram criados a partir da Lei Orgânica do Ensino Normal dois ciclos de preparação de professores: o curso de primeiro ciclo, responsável pela formação de regentes do ensino primário, e o curso de segundo ciclo, que formaria professores primários e funcionaria em Escolas Normais com duração de 3 anos. Cf. Id. *Ibidem.* p. 165.

Aplicadas, Educação Física, Recreação e Jogos, Biologia Educacional, Psicologia Educacional, Higiene, Educação Sanitária, Puericultura, Metodologia do Ensino Primário, Sociologia Educacional, História e Filosofia da Educação e Prática de Ensino.

O Instituto de Educação Rui Barbosa a partir dessa regulamentação passou a ser composto por: escola infantil, escola de aplicação, curso ginásial e curso normal.

Desde então, conforme relato de Augusta e Ema, deixou de haver seleção para o curso normal. No entanto, rigoroso exame selecionava as alunas para o curso ginásial, através do exame de admissão.

*" Em 1946... eu fiz o exame de seleção daquela época, era mesmo que se fosse um vestibular de hoje! Eu me lembro que eu morava na cidade de Maruim, é uma cidade aqui, próxima da capital, alguns quilômetros... e eu vim fazer o exame de admissão, e perdi o primeiro exame de seleção!(foi reprovada) E isso era mesmo que ser o vestibular, né!? E então, eu voltei pra Maruim, pra me preparar, porque eu perdi português com o professor Sebrão Filho..." (Augusta, 1953)*

Augusta voltou no ano seguinte e prestou novo exame, conseguindo aprovação.

A seleção antecipada para o curso normal começou a acontecer no ginásio conforme também relata Ema:

*" A entrada, porque eu acho que o exame de seleção, na escola normal, eu acho importante, nos colégios públicos eu acho importantíssimo... Era um exame rigorosíssimo. O exame para entrar na quinta série, que era o primeiro ano ginásial... depois, eram 3 anos de pedagógico (curso normal)... antigamente eram 5 anos... Comigo, já foram 3 anos, que eram totalmente separados... As turmas eram muitas, o pedagógico era muito procurado, não só pela classe simples, que sabia que era, um meio de emprego, era um campo de emprego, era um trabalho... (...) A minha turma mesmo, era uma turma mais pra classe média, inclusive tinha classe média alta, mas tinha gente*

*simples, bem simplesinha... O estágio era lá mesmo, porque nós tínhamos a Escola de Aplicação Leandro Maciel..." (Ema, 1956)*

Ema também ressalta o aspecto do rigor do exame de admissão como sinônimo de qualidade do ensino; assim, apesar da aparente democratização das vagas, tendo representantes de todas as classes sociais, a seletividade do processo de ingresso na Escola Normal permanece ao longo do período analisado.

Em relação à clientela que frequentava a Escola Normal, ressalta-se que na primeira década deste século as alunas eram oriundas em sua maioria da classe média.<sup>50</sup>

Entretanto, com o passar dos anos uma grande parte das jovens da classe média deixam de procurar o magistério tendo em vista outras oportunidades de trabalho, de acordo com Nunes Mendonça:

*" O ideal das moças sergipanas, residentes na capital ou provenientes da classe média nas cidades do interior, não é mais o magistério. As suas aspirações voltam-se para os cargos federais e autárquicos, hoje acessíveis a todos mediante habilitação em concurso, e para as profissões mais bem remuneradas." <sup>51</sup>*

Através dos estudos de Catani e Demartini, Pessanha sugere que os professores de São Paulo das primeiras décadas deste século tenham se originado tanto entre os "aristocratas empobrecidos" tanto quanto entre os pobres que queriam se livrar do "trabalho manual". A autora lembra ainda que: " ter uma professora na família seria uma saída para as

---

<sup>50</sup> NUNES, T. M. *Op. cit.* p. 195.

<sup>51</sup> MENDONÇA, J. A. N. *Op. cit.* p. 158.

famílias que, por algum motivo, sofreram uma queda em sua posição social." <sup>52</sup>

No caso de Sergipe, as mesmas características podem ser observadas. Na década de 50, de acordo com dados de uma pesquisa realizada pelo professor Nunes Mendonça, temos a seguinte composição do magistério primário público:

*" Mais ou menos 80% dos professores primários de escolas públicas provêm das classes pobres. São filhos de operários, modestos funcionários públicos, pequenos lavradores e comerciantes, lavadeiras, etc. Apenas 20% aproximadamente, descendem da classe média. O percentual dos provenientes da classe superior é muito baixo. De 83 professoras públicas, das quais conseguimos identificar a origem pela profissão dos pais, 77,11% procedem da classe humilde, 21,69% da classe média e 1,20% da classe superior." <sup>53</sup>*

Ema relata no seu depoimento a presença de jovens das diversas camadas sociais na Escola Normal. A motivação frente ao curso é diversificada, enquanto algumas normalistas se encaminham para o magistério primário como estratégia de sobrevivência ou ascensão social, outras se utilizam do curso para o acesso a outras carreiras.

O professor Nunes Mendonça, no ano de 1956, realizou uma pesquisa com as primeiras e segundas séries do curso normal e obteve os seguintes resultados:

*" Das 58 alunas que responderam ao questionário, 29 revelaram a intenção de abraçar o magistério primário, 28 declararam que não sentem tendência alguma para esta ocupação e uma se manifestou em dúvida, afirmando que deseja ser professora, mas o salário a desanima. Das que confessaram não sentir atração pelo ensino elementar, exprimindo a sua repulsa em termos categóricos, alegam algumas que estão se submetendo ao curso para satisfazer aos*

---

<sup>52</sup> Cf. PESSANHA, Eurize Caldas. *Op. cit.* p. 74-76.

<sup>53</sup> MENDONÇA, J. A. N. *Op. cit.* p. 159.

*pais ou pelo fato de não terem podido seguir outra carreira, outras para ingressarem na Faculdade de Filosofia. As que não sentem inclinação ao ensino primário, consignaram propensão para as seguintes profissões enumeradas pela ordem de reincidência nas respostas: magistério secundário, enfermagem, assistência social, odontologia e advocacia." <sup>54</sup>*

Os dados desta pesquisa permitem perceber que na década de 50, em Aracaju, as jovens aspiravam a outras carreiras, e que o magistério primário não era mais a única oportunidade de profissionalização socialmente aceita para as mulheres da classe média.

Aracaju nesse período contava com 5 estabelecimentos de curso superior: Faculdade de Filosofia, Faculdade de Direito, Faculdade de Ciências Econômicas, Escola de Química e Escola de Serviço Social. No ano de 1955, a matrícula inicial, em todos os cursos, foi de 317 alunos.<sup>55</sup>

Ema foi da última turma a estudar no prédio da Escola Normal que funcionava na praça central da cidade. Apesar de alguns documentos oficiais datarem a mudança do prédio em 1954, esta ocorreu efetivamente com a transferência de todas as turmas em 1957. A Escola foi transferida para um bairro periférico, por falta de espaço físico para comportar todas as alunas e os cursos por ela oferecidos. Com a alteração de localização do prédio da Escola, mudou também a clientela e a representação social da instituição. Porém, esta análise não será realizada neste trabalho.

Percebe-se através dos depoimentos acerca do processo de ingresso a

---

<sup>54</sup> MENDONÇA, J. A. N. *Op. cit.* p. 159.

<sup>55</sup> Id. *Ibidem.* p. 80.

possibilidade de transgressão da norma existente com relação à idade. As ex-normalistas se utilizam dos procedimentos legais - certidão de nascimento e atestados de pessoas idôneas - para atingir a idade mínima exigida, quando na realidade não a possuíam.

O índice de reprovação no exame de admissão comprova o processo seletivo rigoroso.

#### 1.4. Requisitos curriculares legais do processo de formação profissional na Escola Normal.

Em relação às disciplinas estudadas pelas informantes, percebe-se que ao longo do período analisado - 1920 a 1950 - foram três os currículos básicos ministrados. A duração do curso variou entre 3 e 5 anos.

As alterações curriculares realizadas nesse período correspondem a legislações estaduais e nacionais. Em alguns casos, algumas reformas ou metodologias implantadas em outros Estados eram trazidas para Sergipe através de grupos de professores convidados. Como foi o caso da "missão carioca" na década de 30:

*"Em 1935, na administração de Eronides de Carvalho, o professor Franco Freire, à frente do setor educacional, fez vir ao Estado a 'missão carioca', de Vieira Brandão e Tito Pádua, professores, respectivamente, de canto orfeônico e educação física. Estes dois mestres trouxeram um sopro vivificador às escolas que se tornaram mais saudáveis e alegres..."*<sup>56</sup>

Entretanto, algumas alterações metodológicas, ou mesmo reformas, possuíam pouco tempo de permanência. No caso citado acima, Nunes Mendonça ressalta que, pouco tempo depois da partida dos dois professores cariocas, "tudo retornou à rotina, e as próprias

---

<sup>56</sup> MENDONÇA, J. A. N. *Op. cit.* p. 139.

atividades orfeônicas e de educação física se tornaram práticas rotineiras e mecânicas sem o sentido educativo.<sup>57</sup>

A nível nacional, em 1946, o curso normal recebeu uma ampla regulamentação, através da Lei Orgânica do Ensino Normal (nº 8.560, de 2/01/1946). Nos moldes desta legislação foi elaborada a Lei Estadual nº 30 de 4 de dezembro de 1947.

No Instituto de Educação Rui Barbosa, muitas alterações de regulamentos foram realizadas na tentativa de garantir uma melhor preparação para as professoras. No entanto, no período estudado, de acordo com os depoimentos, percebe-se que na prática as alterações de disciplinas ou duração do curso nem sempre solucionavam os problemas da formação de maneira desejável.

A relação entre o número de disciplinas e a duração do curso é inversamente proporcional. Quanto menor a duração, maior é o número de disciplinas, conforme observado no quadro 2.<sup>58</sup>

O currículo 1 apresenta apenas três disciplinas relacionadas especifica ao exercício do magistério, a saber: Pedagogia, Pedologia e Noções de Higiene Escolar. Não há evidências de estágios ou prática pedagógica, nem no currículo, nem nos depoimentos desse período.

---

<sup>57</sup> MENDONÇA, J. A. N. Op. cit. p. 139.

<sup>58</sup> Fontes utilizadas na montagem do quadro 2: Currículo 1 - Reforma Rivadávia Correia; Currículo 2 - Regulamento de 1925. Cf. NUNES, M. T. Op. cit. p. 213; p. 249. Currículo 3 - Lei Orgânica do Ensino Normal. Cf. ROMANELLI, O. O. Op. cit. p. 165.

QUADRO 2: ANÁLISE DOS CURRÍCULOS DA ESCOLA NORMAL 1920-1950

	CURRÍCULO 1	CURRÍCULO 2	CURRÍCULO 3
Decreto Normatizador	nº 563, de 12/08/1911	de 4/05/1925	nº 8.560 de 2/01/1946
Duração do curso	4 anos	5 anos	3 anos
Informantes	Ieda	Clarinha, Diana, Lina, Juliana, Lídia, Lizete	Augusta e Ema
Disciplinas	Português, Aritmética, Elementos de Álgebra, Elementos de Geometria, Geografia Geral, História do Brasil, Pedagogia, Pedologia, Noções de Higiene Escolar, Noções de Física, Noções de Química, Noções de História Natural, Noções de Agricultura, Noções de Zootecnia, Trabalhos Manuais, Ginástica, Música e Caligrafia.	Português, Aritmética, Álgebra, Geometria, Geografia Geral, Cosmografia e Corografia do Brasil, Física, Química, História Geral, História do Brasil e de Sergipe, Francês, Inglês, Educação Moral e Cívica, Trabalhos Manuais, Economia Doméstica, Ginástica.	Português, Matemática, Física, Química, Anatomia e Fisiologia Humanas, Música e Canto Orfeônico, Recreação e Jogos, Biologia Educacional, Psicologia Educacional, Desenho e Artes Aplicadas, Educação Física, Higiene, Educação Sanitária, Puericultura, Metodologia do Ensino Primário, Sociologia da Educação, História e Filosofia da Educação, Prática de Ensino.

Ieda enfatiza inclusive a falta de recursos pedagógicos para melhor

compreensão dos conteúdos:

*"... e a nós, só a aplicação, a atenção aos ensinamentos dos Mestres, os apontamentos falhos pela pressa em não perder o que onvíamos (...) toda a nomenclatura contida na Geografia Geral de Lacerda, estudada e mostrada no mapa-mundi, único material de que dispunha para a elucidação do fastidioso ensino por definições teóricas.(...) tudo era imaginariamente concebido, teoricamente aprendido, nas palavras descritivas da Mestra..." (Ieda, 1920)*

A metodologia de ensino usada na época dificultava um melhor aproveitamento dos estudos. De acordo com Nunes Mendonça: " O ensino é ministrado através do velho e desprestigiado método de ditar pontos, visando apenas dar conhecimento informativo."<sup>54</sup>

No ano de formatura de Ieda (1920), o Presidente da Província Coronel José Joaquim Lobo relata sobre as importações de coleções de História Natural e de gabinetes de Química e Física do melhor tipo encontrado em Paris.<sup>55</sup>

Estas importações são justificadas no documento tendo em vista que: " todo mundo está a vêr com que sacrificio e de que modo theorico e impreciso, se estudava essa importante disciplina, por mais que dedicação e esforço revelasse o cathedratico." <sup>56</sup>

Uma Reforma do Ensino no Estado em 1917 acrescenta ao currículo 1 Inglês e Educação Física.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> MENDONÇA, J. A. N. Op. cit. p.173.

<sup>55</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Coronel José Joaquim Lobo, 1920. p.17.

<sup>56</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Coronel José Joaquim Lobo, 1920.

<sup>57</sup> Cf. Mensagem Presidencial do General Oliveira Valadão de 20/06/1916.

Em relação ao currículo número 2 as disciplinas de formação geral permanecem, sendo enfatizados os conteúdos referentes à região de Sergipe. A língua francesa é introduzida no currículo.

Os métodos teóricos de ensino continuam presentes no curso normal. Na Mensagem Presidencial do Dr. Manoel Corrêa Dantas, ressalta-se:

*" A actual direcção da Escola tem-se esforçado, afincadamente para que o ensino seja ministrado com eficiencia, aconselhando, de preferencia, os processos praticos, que desenvolvam a faculdade de raciocinio dos alumnos, afim de que se annulle o habito das lições decoradas." <sup>58</sup>*

Todavia apesar do esforço da direção da Escola, Clarinha revela a necessidade de decorar as lições por exigência de alguns professores:

*" Mas... eu, não gostava era de Matemática e Geografia (risos). Eu não gostava não, sabe!? Porque Geografia, precisava... os professores naquele tempo, eles não gostavam que a gente lesse não, gostavam que a gente fizesse aquela explanação sobre a matéria, num sabe!? Aí, decorava, pá-pá-pá-pá-pá-pá-pá, e agora, Dona Judite Ribeiro, que foi a professora de Geografia, durante os 5 anos da Escola Normal, ela foi uma boa professora! Aposentou-se ela gostava mais que a gente expusesse." (Clarinha, 1929)*

A dificuldade de compreensão de algumas disciplinas do curso levava algumas alunas a buscar aulas particulares como complementação:

*" Tinha que ser tudo certo! Então eu era muito esforçada! Eu fazia, fazia, eu não gostava mas, mas a Matemática porque também...o...não sei, eu era sozinha, não tinha explicação direito, não sabe? Ia ali...eu tive um curso particular, foi de Inglês, não sabe? Mas, a Matemática eu não tinha, mas também não ficava embaixo não! Ficava, sempre tinha as*

---

<sup>58</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Presidente da Província Dr. Manoel Corrêa Dantas, 1927. p. 11.

*minhas notas, e então tive distinções, tive... notas ótimas também, português eu sei que era boa aluna, e... e... História do Brasil, né!?" (Clarinha, 1929)*

Diana ressalta as dificuldades na aprendizagem de algumas disciplinas por falta de equipamentos adequados:

*"Então, eu, como aluna, se ficava pressionada, por exemplo, eu tinha uma aula de Cosmografia! Era muito pesada, porque não havia aparelhamento! Era o estudo cósmico, do universo... todo mundo achava! Só não, as extras! Mas as medianas, verificavam... Dona fulana, e passava a coisa, assim, assim... nem ao menos um mapa! Não havia isso! Era uma aula insípida mesmo!" (Diana, 1933)*

As dificuldades sentidas nas aulas por Diana, muitas vezes, não eram percebidas por outras alunas, consideradas no seu depoimento como "extras". Diana relata a ênfase explicitada pelo seu professor na aprendizagem de línguas estrangeiras.

*"Quem era rica, casava e tal, entendeu!? E quem não, mas porque era justamente a Escola Normal um núcleo educacional, pra instruir, não só como uma maneira profissionalizante, era cultura! Tanto que o professor José Augusto recomendava: que aquelas que estavam sem um curso de Francês, de Inglês, ele não falava em Álgebra, que ele era de línguas! Então, continuassem fazendo o curso particular, porque era vantajoso! No sentido cultural!" (Diana, 1933)*

As reformas e alterações curriculares afetam a formação das normalistas que muitas vezes deixam de ter acesso a algumas disciplinas e conteúdos por causa delas:

*"Porque foi uma coisa que me escapou, o Inglês e o Francês, nesta ocasião, houve uma reforma, sempre as reformas não é, a reforma educacional, e eu que, como fui para o segundo ano, já pra o terceiro ano, que era onde eu iria apanhar, ia estudar Francês e Inglês, eles passaram para o segundo ano, quer dizer quando chegamos ao terceiro já não tínhamos mais Álgebra também, eu não estudei, noções... rudimentares..." (Diana, 1933)*

Nos documentos analisados não foi encontrada nenhuma menção sobre a "reforma" apresentada no depoimento de Diana. Porém, em relação ao estudo das línguas estrangeiras, existe uma crítica do Presidente Dr. Manoel Corrêa Dantas, na sua Mensagem Presidencial de 1927: " não é bôa a seriação das materias no curso normal. As linguas francêsa e inglêsa que deveriam estar nos primeiros annos encontram-se nos ultimos." <sup>59</sup>

As reformas estruturais do prédio da Escola Normal estão constantemente presentes nas Mensagens dos Presidentes da Província até a década de 30, assim como a preocupação com os métodos decorativos e o ensino distante da prática:

*" Para esse fim salutar, tem sido adquirido material pedagogico sufficiente, afim das aulas terem a feição mais pratica possivel. A campanha contra a abstracção, contra os antigos processos de repetir, de aprender de cór, da memorização passiva de grandes copias de conhecimentos, tem sido diligente e tenaz. Um dos maiores vicios do ensino normal, entre nós, sempre foi este: o desprezo do methodo activo pelos processos que sobrecarregam a memoria e enfraquecem a capacidade de raciocinar. Para combater essa tendencia viciosa, recorreu-se ao extremo do methodo intuitivo, isto é, do mais constante contacto da intelligencia com a natureza, com as coisas, observando-as, comparando-as, deduzindo dellas o conhecimento seguro. Procura-se na Escola Normal, com benefico entusiasmo, um saber feito de experiencias, para ser transmitido ás novas gerações sergipanas, obedecendo aos mesmos sabios principios naturaes na aquisição da verdadeira sciencia pela intelligencia humana." <sup>60</sup>*

O método intuitivo, a que se refere o Presidente Dr. Manoel Corrêa Dantas,

---

<sup>59</sup> Cf. Mensagem do Presidente da Província Dr. Manoel Corrêa Dantas, 1927. p.10.

<sup>60</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Dr, Manoel Corrêa Dantas, 1928, p.34.

era denominado também de "Lição de coisas", e tem suas bases na doutrina de Pestalozzi.<sup>61</sup>

De acordo com Souza, o método intuitivo teve enorme influência na evolução do pensamento pedagógico brasileiro:

*"... sendo que em escolas normais de São Paulo, em 1916, Lourenço Filho nos mostra que o livro 'Lição de Coisas', na versão de Rui Barbosa, era recomendado como Guia para o preparo de lições de alunos mestres (1950, Tomo I, p. XXX). O método propõe o ensino pelo aspecto, pela realidade, pela intuição, pelo exercício reflexivo dos sentidos, pelo cultivo complexo das faculdades de observação."*<sup>62</sup>

Entretanto, o "vício" das lições decoradas se faz presente na Escola Normal.

Apesar do entusiasmo com que o Presidente da Província preconizava a utilização dos métodos ativos, veiculados pelo Movimento da Escola Nova, a pedagogia tradicional ainda se fazia presente através da memorização.

Juliana relata a dificuldade de decorar determinados conteúdos na ordem desejada pela professora e o medo da nota baixa:

*" De História, comecei com D. Carmem de Souza, de leque, e a gente não podia, por exemplo: produtos da região... não podia tirar da ordem, porque se tirava ela cortava, baixava nota! Meu Deus, era uma luta!"* (Juliana, 1934)

No depoimento de Lizete (do currículo 2) aparecem algumas referências em relação à prática profissional através do estágio. Ela comenta também as avaliações através de notas e exames, e alteração da nota máxima, que de 6 passou para 10:

---

<sup>61</sup> Cf. SOUZA, Maria Christina S. de. A formação dos professores no Brasil: do Império à primeira República. In: *Cadernos CERU*, São Paulo, n.3, 1991. p.110.

<sup>62</sup> SOUZA, M. C. de S. Op. cit. p. 110.

*"Tínhamos tudo ali, ainda tinha uma Escola Infantil que era ali, também... Tudo funcionava ali... embaixo era a Escola de Aplicação! Era de crianças... Que nós, quando estávamos no quarto, ou era quinto, no quinto ano, nós dávamos aulas, fazíamos o estágio... Tirava assim uma turma, essa turma, essa semana vai fazer o estágio! Nós vamos fazer o estágio, e a professora dava a nota! Tinha que estudar bastante mesmo! Porque tinha a prova, e ainda tinha exame, passava por três examinadores... Era estudar mesmo! Tinha que saber! Dr. Clóvis, era assim, era 2 ou 3 professores, na época, quando chegava o fim de ano, né, fazia a prova, depois da prova fazia o exame, e tinha a nota da prova e do exame... A nota máxima era 10!" (Lizete, 1945)*

Em relação ao currículo 3, cabe ressaltar que as disciplinas relacionadas à formação teórico-metodológica do educador são em maior número do que aquelas relacionadas à formação geral.

A partir da década de 40, as informantes ressaltam o ensino prático e as experiências realizadas na Escola:

*"Eu me lembro tanto, que as aulas práticas de Ercílio Cruz, onde ele trazia o sapo, para você extrair a medula, era essa coisa assim, linda mesmo, de verdade! Eu me lembro tanto, que ele tinha temperamento, quer dizer, eu tinha medo de pegar no sapo, 'Se não pegar no sapo vai ter zero!' e eu por causa do zero, me agarrava com o sapo! (risadas)" (Augusta, 1953)*

As viagens e excursões pedagógicas se fazem presentes nas atividades curriculares, como relata Augusta:

*"Fazíamos muitos passeios para o interior. E aí, conseguíamos, assim, ônibus, eu me lembro que nós fomos na cidade de Itabaiana, que é uma cidade assim, que o pessoal fala muito que é de gente valente! E nós fomos almoçar na casa do prefeito da época, que era Euclides Paes Mendonça... então era assim, fazíamos muitas viagens, assim para o interior, tipo assim piquenique... era normalmente assim, 30, 35 alunos." (Augusta, 1953)*

O estágio realizado na Escola de Aplicação Leandro Maciel está presente também no depoimento de Ema:

*" O estágio era lá mesmo, porque nós tínhamos a Escola de Aplicação Leandro Maciel... Era, como tem na Universidade o Colégio de Aplicação... Nós tínhamos dentro da própria escola um anexozinho, não sei se remodelaram, era um pavilhão lateral, quando você entra pela garagem da esquerda... Porque a gente tinha uma prática, e a gente foi ensinar praticamente assim, as turmas que a gente já conhecia os professores, a gente vivia dentro da escola, eu não fui pegar, por exemplo, uma turma em outro colégio (estágio)... Eu fui conviver com o pessoal da própria escola... pode ser que as outras pessoas que saíram para outras escolas tenham sentido dificuldade, eu não senti..." (Ema, 1956)*

Outras escolas eram utilizadas para o estágio além da Escola de Aplicação; porém, a oportunidade de realizá-lo na própria Escola Normal era considerado um elemento facilitador no processo de aprendizagem em função da familiaridade do espaço vivido.

Nos depoimentos das normalistas da década de 50, a Escola Normal se faz presente em desfiles cívicos, programas de rádio, na promoção de festas, contando para tanto com a participação ativa das normalistas.

Ema lembra que além de intensa participação nas festas estava sempre pronta para substituir os professores que faltavam, principalmente na educação física.

*" E eu era sempre, de muita confiança, eles sabiam que contavam comigo pra tudo, quando tinha festa: 'Ema, você vai?...' Vou! Sem festa, ou com festa, eu vivia na Escola, porque eu gostava de Educação Física, aí, minha saia, já fiz aberta... Minha mãe, já fez uma saia própria pra Educação Física... era aberta, só com um colchete aqui (mostra a cintura)... Porque era assim, faltou gente (professora de educação física) e eu já estava com a saia desabotoada... pronta para substituir..." (Ema, 1956)*

A Lei nº 8560 de 4 de dezembro de 1946, permitiu maior ênfase na parte profissionalizante (currículo 3), porém concomitantemente apresentava deficiências quanto à avaliação e à possibilidade de ingresso no curso superior:

*" um processo exagerado de provas e exames e uma falta de articulação com os demais ramos de ensino. (...) A falta de flexibilidade, quanto ao ensino superior, limitava o ingresso dos estudantes normalistas apenas a alguns cursos da Faculdade de Filosofia." <sup>63</sup>*

Ao analisar os currículos formais pelos quais estudaram as informantes, foi também possível perceber a metodologia de ensino, bem como os sistemas de avaliação utilizados.

A pedagogia tradicional, associada a alguns aspectos dos métodos ativos e práticas incentivadas pela Escola Nova, permeou o processo de formação destas ex-normalistas.

De acordo com as informantes, nas décadas de 20 e 30, a falta de recursos pedagógicos, a necessidade de decorar os conceitos e a falta de compreensão de alguns conteúdos, dificultavam o processo de aprendizagem. A avaliação aparece sempre como um processo rigoroso, viabilizado através de múltiplas provas e exames. O medo explicitado das notas baixas permite visualizar que essas eram usadas de forma classificatória e muitas vezes punitiva.

Os três currículos analisados e as Mensagens Presidenciais apresentadas permitem apreender as propostas pedagógicas veiculadas através dos documentos oficiais e dos depoimentos das informantes.

---

<sup>63</sup> ROMANELLI, O. O. *Op. cit.* p. 165.

De um lado a pedagogia tradicional com um ensino verbalista, "adaptado a uma sociedade estática, que formava indivíduos unicamente capazes de reproduzir, sem iniciativa própria (...) cujos métodos consistiam sobretudo na decoração, memorização e repetição." <sup>64</sup>

De outro lado, a pedagogia da Escola Nova fundamentada, em princípios psicológicos, evidenciava a aprendizagem individual que deveria acontecer através dos métodos ativos.

De acordo com Lourenço Filho, na Escola Nova:

*" Os alunos são levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas que lhe sejam apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situações de sentido social e moral reais ou simbólicas. "* <sup>65</sup>

O movimento da Escola Nova iniciou-se efetivamente no Brasil, a partir das reformas educacionais nos ensinos primário e normal, na década de 20. Essas reformas aconteceram a nível estadual (provincial) tendo importantes educadores como expoentes: " em 1920 em São Paulo, por Sampaio Dória; em 1923, no Ceará, por Lourenço Filho; em 1924, na Bahia, por Anísio Teixeira; em 1928, no Distrito Federal (Rio de Janeiro) por Fernando de Azevedo entre outros. " <sup>66</sup>

---

<sup>64</sup> Cf. DI GIORGI, Cristiano. *Escola Nova*. São Paulo, Ática, 1986. p. 16.

<sup>65</sup> LOURENÇO FILHO, M. B. Introdução ao Estudo da Escola Nova. São Paulo, Melhoramentos, 1978, p. 151. Apud. DI GIORGI, C. *Op. cit.* p. 16.

<sup>66</sup> Cf. DI GIORGI, C. *Op. cit.* p. 55.

O "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" foi publicado em 1932. Entretanto, apesar de os ideais da Escola Nova terem se propagado rapidamente, através de revistas especializadas e Conferências Nacionais da Educação, o modelo da escola tradicional permanece presente. Segundo Di Giorgi: "... se na cabeça dos educadores, a partir de 45, os ideais da Escola Nova são predominantes, no fazer e na organização da rede pública a concepção tradicional permanece imbatível." <sup>67</sup>

Nos depoimentos, esta contradição é abordada pelas informantes: a alteração de alguns métodos, a possibilidade de realizar experimentos, excursões e aulas práticas, não diminuía o autoritarismo do professor e a utilização do processo de avaliação através de múltiplas provas e exames de modo classificatório e punitivo.

A insistência dos Presidentes da Província e dos Governadores pelos métodos ativos, na busca de que as normalistas pudessem não só aprender, mas " aprender a aprender" para mais tarde ensinar melhor, apresenta dificuldades de realização pela falta de material didático, laboratórios e salas-ambiente; além da postura de alguns professores resistentes às metodologias da Escola Nova.

Pode-se perceber através dos depoimentos e dos documentos oficiais que a prática pedagógica oscila entre as tendências liberal tradicional e a liberal renovada. Segundo Libâneo:

*" Na tendência tradicional a pedagogia liberal se caracteriza por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, no qual o aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço sua plena realização como pessoa. Os conteúdos, os procedimentos*

---

<sup>67</sup> DI GIORGI, C. Op. cit. p. 55.

" o prestígio da gloriosa Escola Normal não foi propriamente a formação do professor e seu engajamento no magistério e sim o rigor nos estudos de cultura geral necessária à formação e distinção da classe dirigente da sociedade tradicional." <sup>69</sup>

Além do aspecto formal e curricular do curso normal, Buffa analisa em seu estudo as representantes de diferentes classes sociais que passaram pela Escola Normal:

*" historicamente, foi-se alterando a clientela da antiga Escola Normal, da primeira clientela, constituída quase totalmente de filhas de fazendeiros que buscavam na Escola, complementação cultural ou dote matrimonial, passou-se a uma segunda que buscava na Escola Normal uma distinção social e uma realização profissional como professora; depois as moças ricas não mais relacionavam sua realização profissional com o magistério, descartando o Curso Normal em favor de cursos propedêuticos, ou nele ingressando para depois seguir os cursos superiores." <sup>70</sup>*

As histórias de vida resumidas analisadas caracterizam as ex-normalistas como sendo participantes da "segunda clientela" citada por Buffa. Além disso, foi possível verificar que as informantes buscavam através do curso normal independência econômica e social.

Em relação às alterações curriculares apesar da variação do número de disciplinas, os currículos 1 e 2 mantêm a formação das professoras relacionada ao domínio de cultura geral.

O currículo 3 apresenta, de certa forma, um deslocamento do eixo da ênfase no conteúdo e na formação geral das normalistas, para a formação específica e a instrumentalização do

---

<sup>69</sup> BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. Formação de professores de 1ª a 4ª séries (Escola Normal e Pedagogia). In: *Anais do III Encontro Estadual Paulista sobre formação de Educadores*. UNESP, Águas de São Pedro, São Paulo, maio de 1994. p. 34.

<sup>70</sup> Cf. BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. *Op. cit.* p.31.

trabalho docente, através de um maior número de disciplinas voltadas ao estudo da criança e aos processos de fundamentação da prática pedagógica.

O estágio apresenta-se como disciplina curricular, e a oportunidade e realizá-lo na Escola Normal é valorizada.

Apesar das alterações curriculares ao longo do período estudado, o processo de avaliação - múltiplas provas e exames - sofre pequenas variações.

Os processos decorativos e a necessidade de memorização freqüente foram ressaltados nos depoimentos, além da falta de material didático adequado.

Desta forma, a formação profissional na Escola Normal, entre 1920 e 1950, privilegia inicialmente a formação geral, o domínio do conhecimento e mais tarde (currículo 3) a formação específica, mantendo sempre uma formação exigente e rigorosa à nível dos procedimentos pedagógicos.

Esta análise, porém, pretende ir além do currículo formal, tentando compreender as relações cotidianas entre professoras e alunas, e as experiências construídas no espaço escolar.

**2. A CONVIVÊNCIA ESCOLAR: ASPECTOS  
DO COTIDIANO DA ESCOLA NORMAL RUI  
BARBOSA**

## TRAÇO DE UNIÃO

Irmanadas na poesia  
nos encontramos:  
Quem vem vindo.  
Quem vai indo.  
Na roda viva da vida  
girando se esbaldando  
no encaço de um rima fugidia...

Com os dedos pegamos a luz  
começou o seu tempo  
meu tempo se acaba  
O esplendor de uma aurora  
O poente que se apaga.

Fui na vida o que estás agora.  
Tu serás o que sou  
Nosso traço de união  
És o passado dos velhos  
Eu, o futuro dos moços!

*Cora Coralina, Meu Livro de Cordel, 1987.*

Através das representações das informantes é possível conhecer aspectos do cotidiano escolar no Instituto de Educação Rui Barbosa, não registrados nos documentos oficiais.

A importância desta análise é explicitada por Demartini:

*" Os estudos preocupados com a educação escolar no passado geralmente estão voltados para aspectos relacionados ao sistema educacional e sua expansão, e muito poucos fazem referências aos sujeitos e agentes no processo educativo; quase nunca se procura estudar os problemas e os valores vivenciados pela população quanto à sua escolarização, e pelos agentes da educação, (...) mais que isso, apreender o funcionamento do sistema educacional no contexto da sociedade mais ampla considerando os diferentes grupos sociais que a compõem."*<sup>71</sup>

O relato de experiências das informantes deste estudo permite a compreensão das relações sociais inseridas no processo de formação da normalista do Instituto de Educação Rui Barbosa.

Thompson ressalta que:

*"... as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou como instinto proletário, etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura pode ser descrita como consciência afetiva e moral..."*<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *Relatos Oraís: Nova Leitura de Velhas Questões Educacionais*. Texto Apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1993. p.4

<sup>72</sup> THOMPSON, E. P. *Op. cit.* p. 189.

A experiência da formação profissional das ex-normalistas é permeada por "sentimentos" e "reciprocidades". Nesse sentido, apesar de cada informante ter vivido "o seu tempo" na instituição e experimentado vivências particulares, todas elas relatam a convivência com professores e colegas. No interior de um processo que tinha o mesmo objetivo: a formação de professoras primárias. Desta forma, as representações vivenciadas e construídas no espaço escolar revelam o cotidiano.

O estudo da vida cotidiana parte da perspectiva de que o homem está inteiramente inserido nela. Compreende-se que o estudo da vida cotidiana escolar deve ser mais que a mera descrição de fatos corriqueiros que se desenvolvem no dia-a-dia. Faz-se necessário analisar as relações do indivíduo enquanto sujeito particular e participante de uma sociedade.

Nesse sentido, Heller ressalta que: "a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade." <sup>73</sup>

As ex-normalistas ingressam no Curso Normal ainda adolescentes, entre 12 e 15 anos, para realização de um curso que varia entre 3 e 5 anos. Portanto, é na cotidianidade deste, tal como define Heller, que se desenvolve o processo de "amadurecimento" social, cultural, físico e afetivo destas adolescentes:

*"... O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana (camada social) em questão. (...) esse amadurecimento para a cotidianidade começa sempre 'por grupos' (em nossos dias de modo geral na família, na escola, em pequenas comunidades). E esses grupos face-to-face estabelecem uma*

---

<sup>73</sup> HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p.17.

*mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores. O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade."*<sup>74</sup>

Este "amadurecimento" para a assimilação da cotidianidade tem no espaço escolar um ambiente privilegiado, tendo em vista um convívio com um grupo diversificado fora do núcleo familiar. A oportunidade de vivenciar papéis, novos valores, conhecer e reconhecer normas, padrões sociais e culturais possibilitam este processo de "amadurecimento."

As ex-normalistas relatam nas histórias de vida a convivência com professores que aparecem de certa forma como "modelos", construídos por elas mesmas através de suas representações.

Apesar do rigor do processo de ensino, da disciplina excessiva, das múltiplas avaliações, as ex-normalistas apontam a competência, o alto nível de conhecimento, a postura pedagógica e a efetiva participação social de alguns de seus professores.

No entanto, elas também criticam a falta de formação específica de outras professoras, bem como a metodologia utilizada.

Em relação às colegas, as informantes relatam as experiências coletivas vivenciadas na tentativa de romper com as normas da Escola Normal através de brincadeiras e fugas das salas de aula.

O "amadurecimento" na busca de independência social e econômica se faz presente no cotidiano da formação através da convivência entre professores e alunas.

---

<sup>74</sup> HELLER, A. Op. cit. p.21

## 2.1. Os professores e o cotidiano na Escola Normal Rui Barbosa.

Na Escola Normal de Aracaju, a estrutura hierárquica informa a cisão dos professores em dois grupos: os catedráticos e os adjuntos.

O cargo de professor adjunto foi criado pelo Presidente Oliveira Valadão, através do Decreto de 17 de junho de 1916.<sup>75</sup> Na sua Mensagem Presidencial de 20 de junho de 1916, ele explica o papel do professor adjunto:

*"... julguei de utilidade para as disciplinas mais importantes, a criação de logares de professores adjunctos, que auxiliarão os cathedraticos em todos os seus deveres e atribuições e os substituirão nos impedimentos e faltas, com a necessaria competencia e sem que haja interrupção na sequencia e desenvolvimento do ensino..."*<sup>76</sup>

O professor adjunto teria como função auxiliar o professor titular ou catedrático nas suas atividades docentes. Muitas normalistas depois de formadas iniciaram suas carreiras profissionais como professoras adjuntas.

Em 1927, o Presidente Dr. Manoel Corrêa Dantas em sua Mensagem Presidencial

---

<sup>75</sup> Este decreto citado e o de 24 de abril de 1916 foram autorizados pela Lei nº 686 de 27/1-/1917 que determinava que os governos estaduais estavam autorizados a reorganizar o plano de ensino público no Estado. CF. NUNES, M. T. *Op. cit.* p.223.

<sup>76</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Presidente da Província Oliveira Valadão, 20/06/1916, p. 12.

chama atenção para a necessidade de uma professora adjunta na disciplina de Aritmética, lecionada no Curso Normal, tendo em vista o excessivo número de aulas e a necessidade de substituição adequada do ponto de vista da competência profissional por ocasião de sua eventual falta:

*" A cadeira de Arithmetica, leccionada em 3 annos, resente-se da falta de uma professora adjuncta. Não é justo que a maioria dos professores deem 6 aulas por semana e a de Arithmetica 9. Além disso, ha o inconveniente das substituições por professores alheios ao programma em pratica pela cathedratica, quando impedida." <sup>77</sup>*

No início da década de 20, o quadro de professores na Escola Normal Rui Barbosa era composto de 16 professores catedráticos e 8 adjuntos. Nesse período, estavam matriculadas 163 alunas.<sup>78</sup>

Pelos depoimentos das informantes, é possível perceber o pequeno número de alterações no corpo docente da Escola Normal. A maioria das professoras só deixava a Escola para se aposentar, ao passo que a maior parte dos professores homens deixou a Escola para assumir outras funções profissionais fora do magistério.

Quanto aos salários dos professores da Escola Normal, foi encontrada apenas uma observação nos documentos oficiais, comentando o texto da Constituição Estadual de 1935, referente aos professores catedráticos:

*" No capitulo da educação, a Constituição estabeleceu que os professores catedráticos do Ateneu não poderiam ter vencimentos inferiores a dos juizes de Direito e que os da Escola Normal e os da Escola de Comércio não poderiam perceber menos que 75% dos vencimentos dos professores do*

---

<sup>77</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Presidente da Província Dr. Manoel Corrêa Dantas, 1927. p. 11.

<sup>78</sup> Cf. Mensagens Presidenciais de 1920-1922 do Presidente da Província Dr. Cel. José Joaquim Pereira Lobo.

*Ateneu.*"<sup>79</sup>

Observa-se que os professores da Escola Normal bem como da escola comercial, ambos profissionalizantes, por força de lei recebiam 25% a menos do que seus colegas docentes do Ateneu.

Os professores da Escola Normal eram contratados através de concursos ou diretamente nomeados pelo Diretor Geral da Instrução Pública. A maioria deles lecionava em outros estabelecimentos, como o Colégio Ateneu e outras escolas. Muitos ministravam ainda aulas particulares.

Algumas professoras da Escola Normal possuíam e dirigiam colégios particulares com internatos para moças. Destacam-se o Instituto América, da professora de Francês, Norma Reis, e o Colégio Santana, da professora de Psicologia e Pedagogia, Quintina Diniz.

Na representação da relação entre professores e alunas, estas não os diferenciam entre catedráticos e adjuntos. A maior parte das representações relaciona os professores com as disciplinas lecionadas por eles e não com a sua categoria funcional. As características físicas, a postura em sala de aula, aspectos do fazer-docente de cada um deles, são ressaltados.

Por ocasião do centenário da Escola Normal, Ieda foi convidada para participar das comemorações. Para tanto, ela preparou um "discurso-depoimento" onde descreve seus professores com grande minúcia.

---

<sup>79</sup> SERGIPE. *Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe, 100 anos de História Constitucional*. Aracaju, BANESE/CNI/SESI/SENAI/ IEL. 1992, p.45.

*" ... Norma Reis, (professora) do segundo ano, macia mais intransigente, a fazer-nos conjugar verbos e aplicar a complexa sintaxe francesa, que ela, segura da matéria e conscia de sua responsabilidade de Mestra e eficiente, tornava possível a nossa compreensão." (Ieda, 1920)*

Além de Norma Reis, Ieda também foi aluna de Etelvina Amália de Siqueira, de quem ressalta a altivez e a austeridade, além dos aspectos da disciplina por ela ministrada:

*" Etelvina Amália de Siqueira ereta, como o estipe, austera em contraste à suavidade de sua veia poética, forçando-nos a descobrir o sujeito da oração que, manhosamente, se escondia nas zeugmas e elipses, dos trechos da 'Antologia Nacional' de Fausto Barretto e Carlos Laet, encontrado, afinal, por uma simples pergunta ao verbo, sempre condescendente e prestativo!" (Ieda, 1920)*

Etelvina foi também aluna da Escola Normal quando esta funcionava no Asilo Nossa Senhora Pureza, tendo se formado em 1885. Além de professora catedrática de Português na Escola Normal, era poetisa, contista e jornalista. Etelvina participou na Campanha pela Abolição da Escravatura, atuando na imprensa e na "Cabana do Pai Tomás", centro abolicionista que funcionou em Aracaju. É considerada por Nunes como mulher sergipana pioneira em atividades intelectuais.<sup>80</sup>

Catedrática das cadeiras de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal, a professora Quintina Diniz, também é lembrada no depoimento de Ieda. Além de professora e diretora do Colégio Santana (1906-1941), em 1934 ela foi eleita, através do Partido Social Democrático, deputada estadual. Tendo sido a primeira mulher sergipana a ocupar um cargo eletivo<sup>81</sup>:

*" ... e ouvindo a voz grave e serena de nossa veneranda Mestra de*

---

<sup>80</sup> Cf. NUNES, M. T. *Op. cit.* p. 157.

<sup>81</sup> Cf. PINA, Lígia Madureira. Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro - Uma grande mulher Sergipana. In: *Caderno de Cultura do Estudante*. Ano VII - Nº7, Aracaju, Universidade Federal de Sergipe, 1987. p.24.

*Pedagogia e Psicologia do Ensino, que olhava a nós, através do pince-nez com a ternura e a precisão de Educadora." (Ieda, 1920)*

Quintina Diniz é citada também pelas normalistas da década de 30. Lina elogia a professora, enquanto Diana menciona Quintina Diniz como mulher atuante na Assembléia Legislativa:

*" Tinhamos também, Dona Quintina Diniz que era de Pedagogia e Psicologia, era aquela maravilha de professora, sabe!? Aquilo era assim, era uma pessoa que até a aparência dela... não sabe!?" (Lina, 1933)*

*" Ela (Dona Quintina Diniz, professora da Escola Normal) chegou até ser Deputada aqui, foi um caso extra, porque as mulheres, já naquele tempo, tinha o direito de votar, mas, os homens não gostavam disso, especialmente uma mulher, uma moça culta como ela era, mas ela foi e teve o mandato completo e trabalhou muito bem na Assembléia Legislativa..." (Diana, 1933)*

Quintina Diniz, que atuou na Escola até aposentar-se em 1941, aparece nas representações das ex-normalistas como professora competente, culta, terna e precisa. Sua aparência avulta como reflexo de suas características profissionais.

Quintina representa a ruptura do modelo mulher-mãe-professora. No início da década de 30, ela consegue ser eleita deputada rompendo com os valores da sociedade da época, que, apesar de aceitar o voto feminino, ainda apresentava resistência à possibilidade da mulher assumir cargos eletivos.

Outra professora de Ieda que também aparece nos depoimentos da década de 30 é Penélope Magalhães dos Santos. Educada nos Estados Unidos, lecionou Inglês na Escola Normal por mais de 15 anos:

*" Penélope Magalhães, vinda dos Estados Unidos, onde permaneceu cerca de vinte anos, já com métodos avançados, falando exclusivamente o Inglês, ao entrar no salão de aulas: 'good day!... good morning; sit down, please!... go to the black board, go to your*

*please, thank you, very much; bye, bye..."* (Ieda, 1920)

No "discurso-depoimento" de Ieda, as professoras citadas aparecem associadas a expressões de eficiência, responsabilidade, ternura, precisão e inovação. As qualidades de cada uma são descritas por Ieda com adjetivos que destacam traços de personalidade e aspectos da postura pedagógica.

No seu depoimento, Lizete lembra de sua professora Glorita Portugal, que depois foi sua colega na Escola de Comércio, e afirma ter gostado de todos os professores apesar de não citá-los:

*" Na Escola Normal, eu tive vários professores, gostei de todos! Todos! (...) Depois, saímos da Escola Normal e fomos pra Escola de Comércio, formamos uma turma, levamos até uma professora, Glorita Portugal que foi minha professora, depois fomos colegas!"*  
(Lizete, 1945)

Lídia se recorda da cultura e do conhecimento de suas professoras formadas na

Escola Normal:

*" E eu fui vizinha de uma professora lá da Escola Normal, ela já era aposentada, Dona Leonor Telles de Menezes, que era uma cultura, era uma coisa extraordinária, aquela mulher... Então a gente via que por aí ela foi formada pela Escola Normal e muitas outras, Dona Júlia Telles Costa... Muitas outras professoras que da Escola Normal, Dona Ceicinha Melo, a cultura que essa gente tinha, sabe!?"* (Lídia, 1948)

Ceicinha Melo foi aluna da Escola Normal e formou-se com 16 anos. Além de ser professora de Literatura e Moral e Cívica da Escola Normal, foi fundadora e primeira presidente da Legião Feminina de Combate ao Câncer, e sócia fundadora da Sociedade Artística Sergipana. Era poetisa e oradora. Foi convidada como professora paraninfa pelas turmas de formandas na Escola

Normal de 1943 e 1946.<sup>82</sup>

Lídia também enfatiza no seu depoimento as mulheres sergipanas que exerceram importantes funções na sociedade e que foram formadas pela Escola Normal:

*" Todas as mulheres importantes, sergipanas, foram formadas pela Escola Normal... Mesmo que não fossem, que estudassem depois outra coisa, seguissem outra carreira... Porque Dona Cesartina, por exemplo, foi farmacêutica, a primeira farmacêutica de Sergipe, não é... A Doutora Maria Rita foi a primeira mulher a assumir, como é que eu quero dizer, a trabalhar como advogada... Ela não foi a primeira mulher a se formar, houve uma que se formou antes dela, mas casou e não exerceu, né, ela foi a primeira a exercer... A Escola Normal era o celeiro da intelectualidade feminina!" (Lídia, 1948)*

O celeiro, comumente usado para guardar os grãos de uma colheita por um certo tempo, não modifica a natureza daquilo que guarda, inclusive deve ter condições específicas para manter à distância a umidade, animais roedores, pragas que possam danificar o resultado da colheita. Ao mesmo tempo, serve como lugar de reserva e manutenção do que foi produzido, usado para guardar e proteger.

A palavra celeiro também pode ser utilizada metaforicamente no sentido de local que centraliza grupos de pessoas, de qualidades, de objetos, entre outros.

Lídia se refere à Escola Normal como " celeiro da intelectualidade feminina ". A utilização da expressão celeiro indica uma certa ambivalência, ao mesmo tempo que a Escola pode ser vista como um pólo de intelectuais da época, professoras e ex-alunas, também representa um lugar seguro, para guardar, proteger e vigiar as jovens.

Algumas professoras assumiam mais de uma disciplina, Lídia lembra da professora

---

<sup>82</sup> PINA, Maria Lígia Madureira. *A mulher na história*. Aracaju, FUNDESE, 1994. p. 339.

Ceicinha Melo:

*" Dona Ceicinha Melo, minha professora de Literatura e de Moral e Cívica, que não é, essa coisa que ensinam hoje aí, de Educação Moral e Cívica, não, eram aulas belíssimas, coisas da vida prática, é tudo, a professora ensinava como sentar, como falar, como servir-se à mesa, tudo, ela dizia aquilo de maneira simples, informal, sabe... Sem ser aquela coisa taxativa, né, era extraordinária! E na literatura era brilhante! As aulas dela eram brilhantes! Mulher extraordinária, escrevia lindo também..." (Lídia, 1948)*

Através do depoimento de Lídia percebe-se que a professora estava preocupada com a etiqueta de suas alunas, com a arte do "bem portar-se", mais do que com as lições de moral e civismo. É de notar que a maioria das professoras da Escola Normal eram poetisas e contistas. Este aspecto também influenciava as alunas, como é o caso de Ieda e Lídia, que possuem livros de poesias publicados.

Augusta, no seu depoimento, destaca a formação não acadêmica de suas professoras e as qualidades "inatas" do magistério como abnegação e dedicação:

*" Não... a formação da Escola Normal era boa, eu já lhe disse do bom nível dos professores, embora na época nós tínhamos professores que não tinham o nível superior, como Dalva Fontes e tantas outras... eu me lembro que nós tivemos a Ceicinha Melo que dava Literatura, mulher elegantíssima, charmosíssima, sabe?! Era uma mulher muito alta, morreu muito jovem... mas eram pessoas dedicadas, abnegadas..." (Augusta, 1953)*

A elegância e o charme parecem compensar de certa forma a necessidade de titulação superior para as professoras, de acordo com o depoimento de Augusta.

Os professores homens da Escola Normal na sua maioria possuíam outra profissão como, por exemplo: medicina, odontologia, advocacia, engenharia, farmácia.

Dr. Helvécio de Andrade era médico, professor de História Natural, além de Diretor

Escola Normal e Diretor Geral da Instrução Pública:

*" Dr. Helvécio de Andrade, 'escandalizando-nos' quando, pelo imperativo do programa a obedecer na matéria que ensinava, História Natural entrava em certas particularidades, aliás, superficialmente, ao descrever o corpo humano, seus órgãos e respectivas funções. As mocinhas de hoje ouviriam com muita naturalidade e interesse até como o fazem com ensinamentos muito mais explicativos e profundos mas, as de ontem, ignorantes de tudo que se relacionasse ao sexo e, se soubessem algo, a pudícia não lhes permitiria exteriorizar, coravam e reprovavam entre si os ensinamentos do Mestre, que taxavam, injustamente, de indecente."*  
(Ieda, 1920)

A disciplina de História Natural através dos depoimentos aparece relacionada ao estudo da Anatomia e Fisiologia Humanas; no entanto, é representada pelas informantes como sendo considerada, na época, "escandalosa" apesar da superficialidade com que era tratado o assunto.

Na década de 30, a disciplina do Dr. Helvécio continua causando "escândalo", apesar da alteração de denominação de História Natural para Higiene e Saúde. O conteúdo ministrado permanece semelhante:

*" Dr. Helvécio de Andrade, foi esse que eu lhe falei, quando ele nos dava noções rudimentares de higiene, era higiene e saúde... Muitos pais achavam que as filhas não deviam assistir essas aulas, porque eram aulas, não eram praticamente pornográficas, mas que as donzelas não deviam ouvir!"* (Diana, 1933)

O professor Josafá Brandão que lecionou muitos anos na Escola Normal aparece citado por Ieda:

*" Dr. Josafá Brandão, respeitado e temido, caminhando lépido, como se aquele corpanzil de mais de cem quilos fosse formado de plumas que de plumas era a sua alma, desapontando as alunas irresponsáveis que estudavam até o dia em que fossem chamadas, quando entrava no salão de aulas de Física e Química sobraçando um maço de papel pautado e segurando numa das mãos lápis, apontados quantos bastassem para distribuir a cada uma, dizendo categoricamente:*

'prova da lição do dia!...' (Ieda, 1920)

O nome do professor Josafá Brandão aparece nos depoimentos associado a temor e rigor; Ieda procura, porém, ressaltar a 'leveza da sua alma' e a justiça que fazia em relação às notas:

*" Falava brando, mas sua voz se alterava se pegasse uma 'pesca' e seus olhos azuis, suaves, se tornavam à cor cinzenta do aço, se ouvia o menor sussurro, indicio de desatenção à aula, a que as explicações claras e compreensíveis, ajudadas pelos desenhos no quadro negro, supriam, com a eficiência possível, a falta de um gabinete de ensino prático. Lembro-me de uma vez em que, fugindo ao costume de chamar-nos 'sinhazinha', usou cerimoniosamente: 'Dona Ieda, venha ao quadro!...' Estranhei, contudo, certa de que não havia nada a temer de respeito à minha prova, obedeci, tranquila. 'Escreva o símbolo da água!' H<sub>2</sub>O, rabisquei no quadro negro. 'Agora o da água oxigenada!' H<sub>2</sub>O<sub>2</sub>, lá deixei. 'Qual a diferença entre água comum e água oxigenada?' É que a água oxigenada tem mais oxigênio que a água comum, respondi convicta. Nesse instante, o Mestre, fugindo aos hábitos de serenidade, falou desapontado: 'Por que a senhora não disse isso em sua prova?' Titubiei, tremi: Mas eu sei, o senhor não viu que eu sei!?... Voltou à calma e, enxugando o suor que lhe molhava o rosto gordo e bonito, disse à guisa de desculpa: 'Você, sinhazinha, mostrou às suas colegas que sabe, mas eu não poderei provar isto a quem ler sua prova... tirei-lhe meio ponto... e indicou o traço vermelho que marcava o engano'. A água oxigenada tem mais oxigênio que hidrogênio, escrevera eu. Senti 'quebrar' minha distinção na matéria que tanto apreciava, porque naquele tempo só gozava deste grau quem levasse 6 durante o ano, 6 nas provas escritas parciais e 6 nos exames finais, mas não me revoltei nem deixei de admirar o Mestre. Ele era, acima do sentimento de afetividade, integralmente justo!...' (Ieda, 1920)*

O sentimento de afetividade e de admiração pelo professor aparecem vinculados ao temor e ao rigor dos níveis de exigência por ele impostos. Apesar de Ieda não conseguir ficar com a nota máxima da época, o 6 que correspondia à distinção, percebe-se através do seu depoimento o processo de avaliação utilizado na Escola Normal, comentado anteriormente.

Citado também por Clarinha, Josafá Brandão, não permitia erros de português das normalistas:

*" Nós tínhamos um professor de química, física e química que era professor Josafá Brandão, este, Ave-Maria, era terrível, ele queria que a prova dele fosse errada, mas não o português! Quando ele notava que uma aluna escrevia uma palavra errada, ele falava demais...era demais..." (Clarinha, 1929)*

Lina cita mais dois professores lembrados pelo rigor e pelas exigências que faziam

na sala de aula:

*" Lá na Escola Normal tinha um salão, Física e Química com Dr. Elobaldo Brandão, e era aquela coisa assim...era um rigor! A Escola, era de um rigor, minha filha, na época... (...) é, mas quando entrava o professor, nós tínhamos o professor Cabral, Passos Cabral era... Meu Jesus! (professor) Literatura! mas, ele era rigoroso demais, e era nervoso! A gente, a sala, escutava um zumbido de mosca! Podia ser... era assim..." (Lina, 1933)*

Apesar do rigor e do nervosismo do professor de Literatura, Lina ainda

lembra um trecho da homenagem que ele prestou no dia da formatura para as alunas:

*" Até tinha um verso, minha filha que esse Passos Cabral de Literatura, ele nos ensinava, ' A Escola Cantadeira '. Esses escritores todos, Casemiro de Abreu, esse povo todo... assim, então ele fez um verso, que dizia assim: 'Todas vestidas de verde, calçadas de luvas pretas, trinta e três borboletas, aladas no céu estão...' Porque no dia da formatura, nós ficamos todas de verde, era um sapato preto, veludo preto na cintura, um diadema assim de lado, e as luvas pretas..." (Lina, 1933)*

Diana, da mesma turma que Lina, destaca no seu depoimento o Professor José Augusto. Além das aulas "globais", que procuravam integrar os diversos conteúdos, tendo em vista uma abordagem mais atualizada, o professor é lembrado por ter tido a coragem de deixar de ser padre, apesar da pressão familiar. Diana lembra inclusive dos temas das aulas dele:

*" Eu acho que, como no meu tempo havia um professor muito bom... aliás, todos os meus professores foram bons... (...) Mas, tive um grande professor! Que foi o Professor José Augusto da Rocha Lima, ele conclamava os alunos, as alunas a irem à biblioteca! Eu*

*muitas vezes fui à biblioteca ler Machado de Assis... Professor José Augusto, ele tinha sido padre, deixou a batina por isso eu achei ele formidável, justo... corajoso... porque abandonou a batina sabendo que não suportaria o celibato, mas, não queria manchar a religião, através de gestos, ou de atos incapazes, capazes de enodoa-la e enodoar também a religião, não é, então ele preferiu abandonar... A mãe dele se revoltou e tal, mas ele foi irredutível! Este professor era admirável, ele dizia: ' gosto das minhas aulas globais', era o que vocês chamam hoje integral, quer dizer, é mudando só o termo. Na mesma hora que ele estava fazendo, ele era de História Geral e de Francês, mas eu não estudei Francês como eu já disse a vocês, na mesma hora ele estava lecionando a aula, as aulas de História Universal, ele, incontinenti, fazia abordagens de assuntos nossos, fazendo um confronto, entendeu!? Até na política mesmo, 'aconteceu isso...foi o que disse: Rui Barbosa... no seu idealismo de uma República Nova e que depois ele se sentiu decepcionado... Quintino Bocaiuva, também foi um que disse... é a República que vivemos não é a República que sonhamos...' Era tudo assim..." (Diana, 1933)*

Entre os professores homens, Augusta destaca:

*" ... onde professores como o professor Levi de Matemática, ele hoje é cirurgião dentista... como Clóvis Conceição, de ciências, Acrísio Cruz, que foi Secretário da Educação, um homem que fez vários livros de Ciências Físicas e Naturais... e o professor José Bezerra, que depois, no final era Juiz e saiu... E tinha o José Andrade que era auxiliar do Dr. Clóvis, e de Ercílio Cruz. Tinha o Dr. Abel, Meu Deus, ele era pediatra, era uma dedicação, era tudo muito bonito!"*  
(Augusta, 1953)

Outros professores são citados no depoimento de Ieda, assim como nos de outras

ex-alunas:

- Luísa Paes Guedes - Professora de Português;
- Sílvia de Oliveira Ribeiro Diniz - Professora de Português;
- Leonísia Fortes - Professora de Aritmética;
- Clotilde Machado - Professora de Álgebra;
- Judith de Oliveira Ribeiro - Professora de Corografia Geral;

- Carmem Sousa - Professora de Corografia do Brasil;
- Amélia Cardoso - Professora de Francês;
- Edila Sousa - Professora de Desenho;
- Zinah Montes - Professora de Trabalhos Manuais;
- Mariana Braga - Professora de Geometria;
- Mariana Diniz - Professora de Música;
- Filenila Nascimento - Professora de Música;
- Maria da Conceição Sobral - Professora de Música;
- Eloah Passos - Professora de Ginástica;
- Francisco da Graça Leite - Professor de História Geral e do Brasil;
- Dr. Edgard Coelho - Professor de Educação Moral e Cívica.

Clarinha também foi aluna dos professores: Josafá Brandão, Judith Ribeiro, Quintina Diniz, Francisco da Graça Leite, Mariana Diniz, Mariana Braga, Leonísia Fortes, Eloah Passos e Carmem Sousa. Aparecem no seu depoimento, ainda: o professor Esteves, de Literatura; a professora Leonor, de Português; e o professor Franco Freire, de Inglês.

Além dos professores considerados competentes, rigorosos, responsáveis, inovadores, distintos e cultos, são citados também professores sem qualificação adequada.

Clarinha cita a professora de música e considera o seu curso fraco:

*"... Não, mas quando D. Filenila ensinava, eu já sabia, porque eu estudava particular... (...) As aulas de música da Escola Normal era fraco, fraquinho... era aquela teoria: 'Quantas linhas tem a partitura? A clave de sol? A clave de fá? Quantas notas?' Todo mundo já sabia. Mas, às vezes, ela se atrapalhava, Dona Filenila, eu dizia: Oh! Professora, não é assim! Às vezes, um compasso, uma coisa... ela já estava bem velhinha..." (Clarinha, 1929)*

Clarinha estudava música em casa desde a infância. Na época da Escola Normal, já tocava piano em bailes e festas. Provavelmente, devido a essa experiência musical, achava fracas as aulas de teoria da música ministradas pela professora. As falhas de Dona Filenila durante as aulas eram compreendidas como fruto de sua idade avançada.

Apesar do respeito e do medo que as alunas tinham de alguns professores, possuíam visão crítica a respeito do desempenho dos docentes.

Clarinha relata o problema acontecido com uma professora que não tinha condições para lecionar no normal, em função de não deter conhecimento teórico para tanto, tendo voltado para lecionar no curso primário:

*"O!, Dona Olga, olhe, ela nos deu, um, uns meses de Português, mas, houve lá um negócio, que ela...não sabia lecionar...e aí, foi o grupo todo falar...Então o Professor, Diretor voltou ela para o primário..."*  
(Clarinha, 1929)

Juliana também destaca no seu depoimento as dificuldades da professora de Inglês para ministrar as aulas, já que não possuía especialização para lecionar a disciplina, nem a vivência da língua como a professora Penélope Magalhães:

*"Inglês, deixa eu lhe contar como foi: Quando criou Inglês, só criou no primeiro ano e no segundo ano, eu já estava no segundo, foi D. Elzinha Maia, aí não foi nada, porque quem pegou D. Penélope, não é, mesmo passando do primeiro para o segundo ano, ela não sabia nada, ela levava traduzido no livro e acabou... Pronto, de Inglês, eu fiz o curso de Inglês pró-forma, porque ela não podia reprovar ninguém! Dava o livro, assim, o assunto pra gente fazer o teste, a prova, porque naquele tempo era prova parcial. E ela não sabia o que era, porque vivia pegando do livro."* (Juliana, 1934)

A falta de condições da professora dificultava o aprendizado da disciplina. As professoras da Escola Normal eram em sua grande maioria ex-alunas da Instituição, muitas vezes

recém-formadas; as outras eram auto-didatas ou estudaram com professores particulares em casa. Os cursos de especialização, ou mesmo as faculdades, na época tinham que ser cursados fora do Estado; só na década de 50 começaram a ser instalados os primeiros cursos superiores em Aracaju.

No depoimento de Ema, apenas algumas professoras são lembradas; todas elas foram alunas da Escola, na década de 30:

*"Porque tinha Dona Júlia, Dona Dalva, Dona Elodi, Dona Rosália, tinha muitas professoras..." (Ema, 1956)*

Percebe-se através de alguns depoimentos das ex-normalistas que as professoras mulheres são destacadas por sua eficiência e competência no trabalho docente. Em outros depoimentos, os atributos considerados femininos "inatos" estão em maior relevo que o conteúdo propriamente dito do fazer pedagógico: elegância, charme, dedicação, etiqueta, entre outros.

Em relação aos professores homens, o respeito, o rigor, a disciplina, a medo da nota, marcam os depoimentos das informantes. Em geral eles possuíam outras profissões além de assumirem outros cargos públicos fora da sala de aula.

As professoras aparecem representadas em sua maioria como competentes e dotadas de características físicas socialmente desejáveis. Quanto aos professores homens, são enfatizados o rigor, o medo e o respeito, apesar da afetividade estar presente em alguns momentos de convivência.

No depoimento de Augusta, professores homens e mulheres aparecem caracterizados de forma ambivalente. As mulheres, apesar de não possuírem cursos superiores, são abnegadas e dedicadas; por outro lado, os homens são profissionais que atuam em outras áreas fora do magistério.

As características apresentadas pelas ex-normalistas de suas professoras e de seus professores permitem caracterizar a qualificação profissional como uma construção social.

As representações das normalistas, ao descreverem e citarem seus professores, apresentam aspectos aceitos ou criticados da qualificação docente. De acordo com Segnini:

*" Compreende-se qualificação para o trabalho enquanto relação social (de classe, de gênero, de etnia) que se estabelece nos processos produtivos, no interior de uma sociedade regida pelo valor de troca. Isso quer dizer que os conhecimentos adquiridos pelo trabalhador através de diferentes processos e instituições sociais - família, escola, empresa - somadas às suas habilidades, também adquiridas socialmente, acrescidas de suas características pessoais, de sua subjetividade, constitui um conjunto de saberes e habilidades que significa para ele valor de uso. Este só se transforma em valor de troca nos processos produtivos, em um determinado momento histórico, se reconhecido pelo capital como sendo relevante para o processo de acumulação." <sup>83</sup>*

Portanto, a qualificação profissional e social identificadas nos depoimentos das informantes sobre os seus professores, através de características pessoais, habilidades e posturas pedagógicas, de certa forma se constituem em "modelos" a serem seguidos ou rejeitados pelas normalistas na sua trajetória profissional.

Muitas professoras citadas permanecem durante toda a sua vida profissional lecionando na Escola Normal, apesar de exercerem outras funções docentes em outras escolas. A professora Quintina Diniz, que foi deputada, deixou a Escola somente em 1941, quando se aposentou e foi fechado o Colégio Santana que dirigia.

Assim, elas são professoras de diversas gerações, enquanto que muitos professores

---

<sup>83</sup> CF. SEGNINI, Lilitana R. P. *O processo de feminização do trabalho bancário em um contexto altamente informatizado: uma conquista social?* Campinas, UNICAMP/ Faculdade de Educação, 1994. (mimeo) p. 23.

homens deixam a Escola Normal para exercerem outras profissões.

Algumas das ex-normalistas deste estudo também voltam para o Instituto de Educação Rui Barbosa para lecionar, esta foi a trajetória de quatro das nove informantes.

As representações que as ex-normalistas elaboram sobre os seus professores referem-se a educadores cultos e competentes. Assim, a admiração e a afetividade estão ligadas à qualificação dada pelo domínio do conhecimento.

Nos depoimentos, o que diferencia os professores das professoras são as qualidades socialmente consideradas "masculinas" como o rigor, a autoridade, a disciplina.

A maioria das ex-normalistas ressalta nas professoras, a competência, a erudição e as atividades desenvolvidas fora do âmbito escolar, que confirmam as qualidades mencionadas.

Os professores não portadores de qualificação aparecem nas histórias de vida resumidas como aqueles não portadores do conhecimento específico de sua disciplina.

Assim, a afetividade emerge da admiração pelos docentes - homens e mulheres - em relação à competência e erudição.

Nesse sentido tanto a disciplina como o conhecimento são expressões das relações entre professores e alunas no interior da Escola Normal.

## 2.2. As colegas e o cotidiano na Escola Normal Rui Barbosa.

Apesar da disciplina e do controle constante das alunas através dos inspetores de ensino, professores e diretores, as ex-normalistas relatam as brincadeiras que faziam nas salas de aula, no porão da Escola, no pátio, ou mesmo no cinema para onde algumas iam escondidas.

Nesses momentos de descontração, existia uma boa convivência entre as alunas, apesar de nem todas participarem das brincadeiras.

No espaço do porão, na sala de aula fechada e cuidadosamente vigiada, nas conversas durante o intervalo, ou na falta de um professor, as normalistas faziam suas confidências, trocavam experiências e procuravam vivenciar situações muitas vezes proibidas pela família e "condenadas" socialmente às futuras professoras.

Ieda, no seu "discurso-depoimento", apresenta algumas das brincadeiras que ajudavam na "higiene mental", na falta de algum professor. Mesmo vigiadas pela inspetora, não deixavam de participar do "leilão de qualidades":

*" Como não nos fosse dado qualquer meio de distração à mente cansada das lides escolares, nós mesmas procurávamos aliviá-la, com nossas promoções longe do olhar indiscreto da inspetora de alunas, que nos vigiava como um pajem nos intervalos de uma para outra aula ou quando uma professora nos presenteava com a falta esporádica em seu horário... E ali mesmo, dentro do salão, vinham as críticas humorísticas aos professores e alunas, os comentários chistosos, as conversas e cochichadas em que um ele ocupava o centro, as brincadeiras que nem todas participavam por desajeitadas, mas riam e gozavam nesses momentos de uma espécie*

*de higiene mental. Anita Novais Mendonça, irrequieta, era a promotora certa de todas as novidades que surgiam. Descobria qualidades e defeitos e punha-os à mostra num pasquim com perguntinhas, tipo leilão, que confundiam e surpreendiam as que eram atingidas: 'quanto me dão pela inteligência de fulana?... pela vaidade daquela 'e assim por diante... De Anita, ainda saíam intriguinhas sem conseqüências e, em forma de equação: 'Fulano está para fulana, como Beltrano está para Beltrana...' Estas equações eram o ponto de discórdia com as que se viam descobertas em suas pretensões amorosas reais ou imaginárias e as que não pensavam, sequer, em namoro." (Ieda, 1920)*

Algumas normalistas se escondiam nas próprias dependências da Escola quando a matéria não estava bem estudada; nesses casos suas colegas de banco, na época eram utilizados bancos duplos, respondiam a chamada por elas:

*"Algumas gazeavam e encarregavam a companheira de banco para dizer o presente da chamada e a responsável da presença ausente ia respondendo, com a voz modificada, para encobrir a falta da colega escondida no porão quando a lição estava mal preparada..." (Ieda, 1920)*

Um grupo restrito, do qual Ieda também fazia parte, já se preocupava com a luta feminina na conquista de alguns espaços considerados socialmente como masculinos. Com muita criatividade e talento, criaram a Academia Estudantil de Letras. Através de textos e poesias procuravam estravar os sonhos e ideais românticos que permeavam a juventude feminina da época:

*"Sentindo que a mulher, no Brasil, dificilmente seria uma Imortal no mundo das letras, que o diga a brilhante escritora, Dinah Silveira Queirós, lutando por sua imortalidade na Academia Brasileira de Letras, um grupo avesso a folgança da maioria: eu, Adélia, Eufrosina, Lydia e outras fundamos uma sociedade literária, que hoje teria o nome de Grêmio Cultural, e a que demos o pomposo título de Academia Estudantil de Letras. E, no porão, nos reuníamos, às horas vagas e fazíamos nossas tertúlias, apresentando cada uma seu trabalho; contos melosos, cheios de amor ou trágicos de fazerem as pedras chorar; poesias de versos mancos, alguns metrificados e bem rimados. Modinhas de autoria própria com letra adaptada a uma*

*música em voga. Eufrosina, numa demonstração do que se cristalizaria mais tarde, com sua propensão poética, era quem melhor versos fazia, que recitava com ênfase e gesticulação espalhafatosa! De minha parte, habilitei-me com dois romances - Inocência Reconhecida - título que já se previa o fim, nome dado por minha colega e amiga, companheira de banco em todo o curso, Adélia Firpo, e o - Minha amiga Lúcia -... Aquele, de 90 tiras de papel pautado, escritas à mão, com lances perigosos, sofrimentos atrozes, desengano parente de um amor puro e sincero, assim, acabando com um casamento feliz de uma moça de beleza inigualável e dotes invejáveis com um moço bonito, simpático, de qualidades morais irrepreensíveis. O outro, mais simples, menos cheio de emoções, mais real... Foi um sucesso! Elegeram-me Presidente! Pobres imortais!... morreram com sua academia, quando deixaram a Escola..." (Ieda, 1920)*

Clarinha, que gostava muito de músicas e dramatizações, aproveitava o horário vago e improvisava o figurino com a roupa da servente e do jardineiro. A peça, mesmo no improviso, possuía texto e contexto para servir de justificativa ao professor que chegava de repente:

*"E a turma brincou, brincou, e queria abrir as torneiras todas de lá, e deixar a água ir a vontade, num sabe!? Mas foi um tempo! E eu era muito brincalhona, ali, brincava demais... Eu me vestia com a roupa da servente, e tinha outra companheira também, que vestia com a calça do jardineiro, e nós íamos, e nós fazíamos um casal de caipira... (risos) E eu comecei, passei açafroa no rosto, que lá tinha muito. Porque nós não tínhamos aula, duas horas sem, dois horários sem aula... Nós começávamos a brincar ali, e eu comecei espirrando, espirrando, quando é uma hora, né!? Chegou o professor Arthur Fortes na porta, encostado, pra não, pra ninguém ver... e eu fiquei ali, quando... espirrando ... ele disse: 'não é possível!' Ele tinha muito de dizer assim ... casualmente, ficou tudo calado, eu pensei que ele tivesse saído... quando eu, pus no bolso a mão assim... ele disse: 'Ah! É você, não é!? Ah! Eu já sei que você gostava muito...' (risos) Aí eu comecei a dizer a ele: Professor, mas nós estamos todas sem aula, o senhor vai nos perdoar, a brincadeira é muito simples e tal, nós éramos um casal de caipira que quer fazer o batizado do menino, e ele, depois ele achou graça e riu... Ele era amigo meu, de noite ele disse ao meu Tio: 'Mas, olha a sua sobrinha, é um caso, viu!? Felizmente ela tem notas boas, ela é estudiosa...' E... pronto, ia perdoando tudo! Mas era uma turma, era uma turma*

boa!" (Clarinha, 1929)

A amizade com o professor e as boas notas facilitavam a participação de Clarinha nas brincadeiras da Escola. O porão que existia nessa época, era usado para as conversas que muitas vezes no pátio aberto não teriam lugar:

*" Embaixo todo... agora ali, aquele aberto tem os porões ali, o de fora, o de lá...é porque hoje em dia está diferente: Eu me metia ali dentro com a turma...não, eles limpavam, é, sempre limpavam por ali...que dava até pra gente sentar ali, e conversar... porque tinha uma turma lá que gostava de conversar, ou sobre os namorados, ou o que queria..." (Clarinha, 1929)*

A presença da inspetora e a vigilância do Diretor muitas vezes transformavam a brincadeira em castigo. Diana não se esquece do poema que a turma teve que decorar para poder deixar a Escola, após o horário normal:

*" Então, a Dona Adelina (a inspetora):'Meninas, vocês se comportem! Silêncio!' E ninguém estava atendendo, o Padre Carlos (o Diretor) tinha saído, e quando chegou encontrou aquele alvoroço todo, não é!? e disse: 'O Primeiro ano ficará detido!'... têm, têm, têm, (sinal) era pra descer, todo mundo descendo e eu (imita o choro, encena) as melindrosas! Chorando muito e tal... eu, soluçava, todas por demais! Depois de uns dez minutos ele chegou... aconselhou-nos muito, que aquilo não era um comportamento! Ele se retirou, eu penso que ele tinha se retirado, e quando chegou encontrou aquele alarme todo, aquela bagunça! Então disse: pegou de um livro, eu não sei se era antologia brasileira, deve ser... abriu, 'Carolina', de Machado de Assis, era um soneto de despedida de Machado de Assis à esposa falecida: ' Ao pé do leito... em que descansa de sua longa vida! Aqui vem pra dizer querida! Suas dores, o coração do companheiro... ' Era mais ou menos assim... ' Só sairão daqui, quando aquela que eu convidar, recitar de cor!' Ele já faleceu! Senão ele iria naturalmente provar aquilo que estou lhe dizendo, e aí, pronto... daqui uns quinze minutos, ele chamou: ainda soluçando e tal, gaguejando... ele disse: ' Então! Depois de tantos minutos você ainda vem gaguejando!?' Dona fulana, ela foi sentar... chamou outra, e assim sucessivamente, chamou várias, até que uma, cem por cento, foi a nossa salvação! Eu não fui chamada! Mas isso ficou na minha*

*mente!"* (Diana, 1933)

O diretor da Escola Normal até o final da década de 30 exercia cumulativamente o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública, além de lecionar em mais de uma escola.

Na Mensagem do Governador Dr. Eronides Ferreira de Carvalho de 1935, ele relata a dificuldade do exercício dos dois cargos e a falta de prédio próprio para a Direção da Instrução Pública:

*"É urgente dar à Directoria Geral da Instrução Pública um edifício próprio, ou ampliar a Escola Normal 'Ruy Barbosa', dotando-a de um novo pavimento, caso permitam as condições de segurança do prédio. (...) Antes de tudo o Director Geral da Instrução Pública não pode exercer, cumulativamente, o cargo de Director da Escola Normal 'Ruy Barbosa', pois os trabalhos que assoberbam o Director Geral não lhe deixam tempo bastante para se dedicar, como se deve, à missão educativa que a Escola Normal representa." <sup>84</sup>*

No entanto, apesar dos múltiplos encargos do Diretor da Escola Normal, ele se faz presente nos depoimentos das informantes, nos momentos de vigilância e "punição" das brincadeiras.

As inspetoras de ensino ficavam na sala de aula na falta de algum professor, ou no pátio nos períodos de recreio. Mas, apesar da presença constante nem sempre conseguiam impor respeito e manter a ordem, como, por exemplo, nos depoimentos de Ieda e Diana.

---

<sup>84</sup> Cf. Mensagem do Governador Dr. Eronides Ferreira de Carvalho, 1935. p. 23.

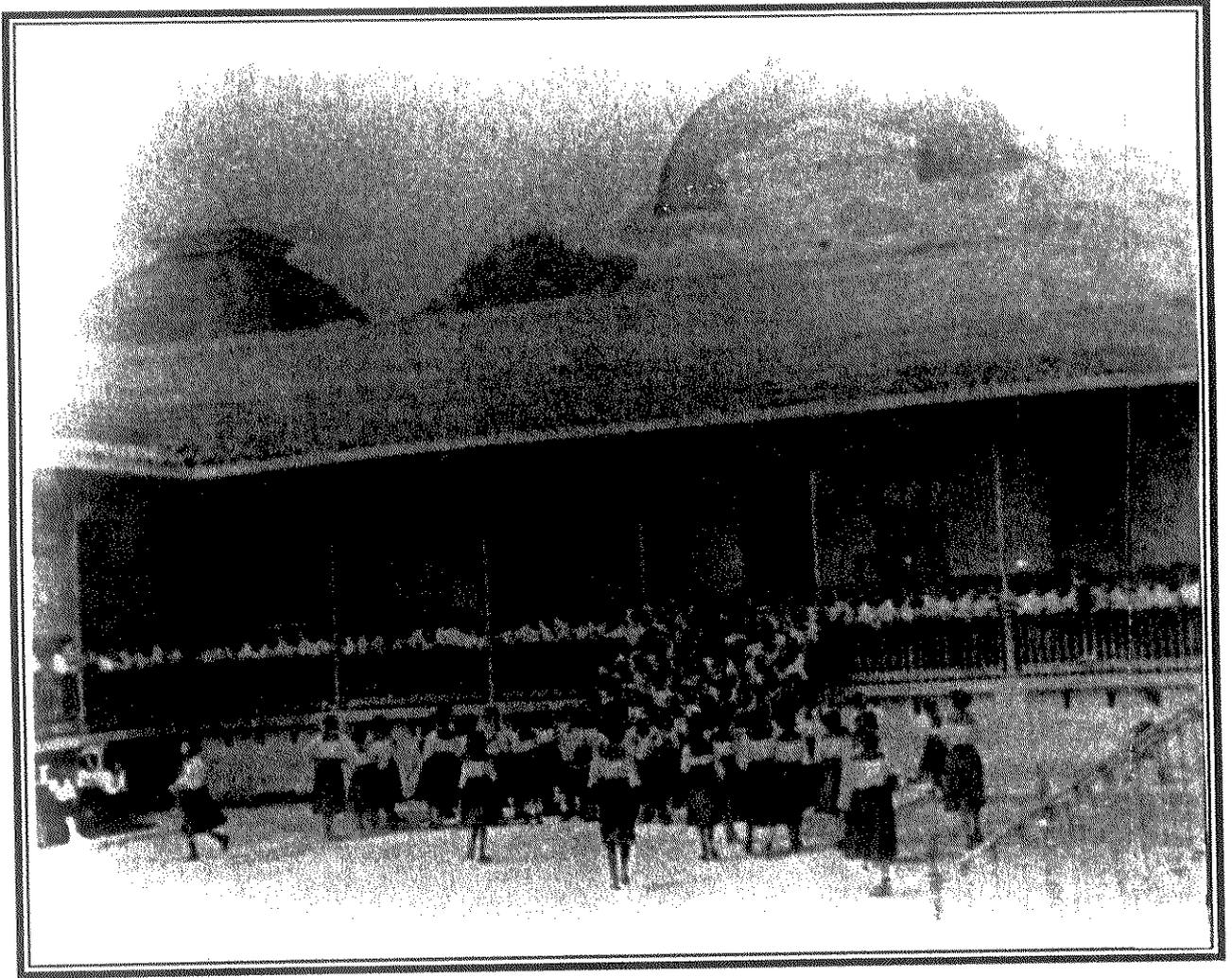


Foto do pátio interno da Escola Normal, 1950.  
 Fonte: Arquivo do Instituto de Educação Rui Barbosa.

As brincadeiras retratam também um pouco do folclore da região através das cantigas. Lina se lembra das "farrazinhas" que faziam na ausência do professor com a sala trancada:

*" Quando não tinha aula,... a gente se trancava no salão, não sabe!?" (risadas) Se trancava no salão e ficava cantando! Ah! A servente vinha, batia na porta, batia na porta, mas a gente não abria! (risadas) E eu tinha uma colega que tinha uma música muito interessante: 'Bastiana solta o bode, que este bode é meu!...' E eu botava o papel de seda no peito para tocar como realejo, era uma farrazinha que a gente fazia quando estávamos sem aula..." (Lina,*

1933)

O cinema, nas décadas de 40 e 50, provocava muitas fugas da Escola. Lizete, que fugiu para assistir "E o vento levou...", conseguiu voltar para a sala de aula, estrategicamente:

*" A gente gostava de fugir pra ir ao cinema... uma vez, eu fui flagrada! Mas, me sai muito bem, porque o Diretor na época... eu entrei mais tarde, e as outras não entraram na hora que eu entrei na sala, né, pra entrar foi difícil, e elas foram... eu não fui!? Estava na turma, pra assistir 'E o vento levou...' Porque minha mãe não deixava (ir ao cinema), era da escola pra casa, da casa pra escola... então, eu levei uma blusa... tirei uma blusa e vesti, fui e na hora pra sair, eu fui vestir a farda, pra vim pra escola... E as outras, eu deixei lá! Porque quando vi o anúncio que o professor viu falta de muitas alunas... era o quinto ano, né, aí, nós tínhamos saído, né... eu sai, devagarinho, troquei a roupa e entrei, eles não viram, eu era muito capeta!..."*  
(Lizete, 1945)

O uniforme (farda), durante o período analisado, era composto por: saia plissada azul marinho; blusa branca com gola tipo marinheiro e punhos azuis; gravatinha azul marinho; meias e sapatos pretos.

O detalhe do uniforme, no caso de Lizete, que levava uma outra blusa, é lembrado uma década mais tarde por Ema. Era preciso passar despercebida na multidão, retirando os distintivos do uniforme para dificultar o reconhecimento pelos inspetores. Estes iam até ao cinema, que ficava a duas quadras da Escola Normal, para buscar as normalistas:

*" No cinema, o povo fugia muito, eu não fugia não, que eu tinha medo... Mas, elas tiravam a gola da camisa, tiravam os punhos, dobravam, botava outra blusa por baixo, botava por cima e pronto... iam pro cinema... O que definia a pessoa de longe era a farda, e a gola, e elas não, com a blusinha, sem gola, e a manga dobrada, a saia, ninguém via pela saia, via pela gola e principalmente no cinema. Porque ia Seu Manoel, bisbilhotar, pra ver se tinha gente no cinema, e quando viam a gola e a gravata, as bobas iam, mas a gente mais sabida, não, tirava a gola e os punhos dobrava..."* (Ema, 1956)

Fugir da Escola, burlar a vigilância, ir parar no cinema, conseguir assistir a sessão sem ser reconhecida parecia uma grande vitória para as normalistas. Muitas vezes em grupo, era preciso ter coragem para enfrentar as situações que poderiam trazer consequências inesperadas àquelas que fugiam. Mas a vitória estava na possibilidade do ato, na execução do plano, estrategicamente estabelecido..

As brincadeiras entre as colegas, além do aspecto lúdico, apresenta a possibilidade de trocar experiências e informações sobre assuntos não abordados na sala de aula.

As vivências construídas no cotidiano do espaço escolar e de certa forma a resistência ao controle e a vigilância dos diretores, professores e inspetores permitiram a estas jovens exercitar aspectos não relacionados à figura da jovem normalista-espera-marido.

A independência, a criatividade, a estratégia, a coragem e a participação nas brincadeiras, dramatizações e cantigas, além das fugas para o cinema ou para o porão da Escola, marcam as representações das informantes. Todas estas atividades fazem parte do currículo informal do Instituto de Educação Rui Barbosa.

Apesar de todo rigor proclamado anteriormente pelas informantes, só uma delas relata o castigo que sofreu; as outras conseguiram "driblar" a vigilância ou contaram com a amizade dos professores.

As ex-normalistas elaboraram representações em relação aos professores como "mestres" portadores de conhecimento e erudição que lhes despertam admiração; no entanto, realizam práticas de resistência onde o grupo (colegas) engendra relações de solidariedade e cumplicidade na transgressão da norma instituída por estes mesmos professores.

## **3.0 INÍCIO DA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

## ENTRETEMPO

" O espaço tem seu acúmulo. De metros. De lados. De profundidade. Caminho, encho de passos meu mundo meio silencioso e reflexivo. O tempo, dizem é relativo. O espaço é concreto. O passo pode estar aprisionado ou solto no chão milimetrado. Vou e venho. Tenho todos os meus sentidos alerta. Ontem, como hoje, há inteireza substancial em mim. (...) O tempo está dentro de mim não como desastre, mas pela reconstrução da minha velhice. As lembranças tomam forma, vivificam meus sentimentos..."

*Núbia Marques, O sonho e a Sina, 1992.*

### 3.1. Características do magistério em Sergipe.

Nem todas as normalistas formadas pela Escola Normal se dirigiam para o magistério. Recordar-se que muitas colegas destas informantes selecionadas casaram-se logo depois de formadas e não exerceram a profissão; outras tornaram-se enfermeiras, e algumas deixaram de lecionar para trabalhar em diversos setores como funcionárias públicas.

Diana, no seu depoimento, ao olhar para a foto da formatura da turma, informa a respeito de ex-colegas:

*"Aqui, é Terezinha Mendonça... está viva! Mas, abandonou o magistério e passou para os Correios e Telégrafos... Aqui, Celuta, irmã dessa daqui... As duas começaram juntas e saíram juntas! Sem reprovação... Maria Tavares! Muito dada ao povo da UDN, o pai dela, era político da UDN! Aqui, Isabel Teúba! Aqui Consuelo Silveira, essa turma aqui, era uma turma distinta!... Quer dizer, não só de elite da sociedade como também na aplicação! Elza Rezende! Filha de Guilhermino Rezende, um grande empresário, nesse tempo se dizia industrial! Aqui, a maior das maiores, Dalva Fontes! Era, e é naturalmente uma sumidade em pedagogia! Ela fez o curso normal e o curso de aperfeiçoamento, tudo na base do primeiro lugar! Aqui é a Alvina Mangueira Marques! Teve um fim tristíssimo! Ela ficou como orientadora de educação física, depois fez concurso e ficou trabalhando no Ministério do Trabalho... Era Maria Izabel Santana! Ela foi para o Rio, mudou-se, essa daqui, Maria de Lourdes Santos, faleceu antes mesmo de lecionar... Aqui é Marinete Mendes, esta casou e passou a residir no Rio Grande do Sul! Aqui, é Dalva Mendes! Esta passou pra enfermagem! Elza do Prado Barreto, ela também deixou de lecionar e passou pra enfermagem..." (Diana, 1933)*

De acordo com a "lei dos acessos"<sup>85</sup>, depois de formada, a normalista deveria iniciar a carreira no interior. Primeiramente em uma escola de primeira entrância, situada em um povoado. Passaria depois a lecionar em uma vila considerada segunda entrância<sup>86</sup>. Em seguida, para a terceira entrância, uma escola situada na cidade. Após sucessivas promoções, poderia lecionar na capital.

Para passar de uma entrância a outra, necessitava-se de uma promoção dada através de cursos de aperfeiçoamento e avaliação dos termos de inspeção ou termos de visita. Apesar de citada em vários documentos e Mensagens Presidenciais<sup>87</sup>, a "lei dos acessos" que regulamentava o início de carreira no magistério não foi encontrada.

Em 1930, as professoras públicas primárias se distribuíam entre as três entrâncias e a capital. Apesar do número de professoras leigas, a participação das professoras formadas pela Escola Normal é significativa, principalmente na capital, como se observa no quadro a seguir:

---

<sup>85</sup> "Lei dos acessos": normatização do ingresso do professor primário no exercício do magistério público estadual em Sergipe.

<sup>86</sup> Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. Entrância: lugar de ordem das circunscrições judiciárias, na classificação que delas se faz para efeitos legais.

<sup>87</sup> Principalmente nas Mensagens Presidenciais do Presidente da Província Dr. José Rodrigues da Costa Dória, 1910 e 1911.

QUADRO 3: DISTRIBUIÇÃO DO MAGISTÉRIO EM SERGIPE EM 1930<sup>88</sup>

LOCALIZAÇÃO	PROFESSORAS	PROFESSORAS DIPLOMADAS PELA ESCOLA NORMAL
Na capital	38	36
3ª Entrância (cidades)	75	53
2ª Entrância (vilas)	52	43
1ª Entrância (povoados)	159	114

De um total de 324 professoras do quadro acima, 54,9% são diplomadas (sendo 244 professoras) e 45,1% são leigas (sendo 110 professoras).<sup>89</sup>

Muitas eram as dificuldades de conseguir a fixação de professores formados no interior. Além da distância da família, dos baixos salários, alguns depoimentos evidenciam o medo de Lampião:

*" porque Dr. Eronides, os presidentes amigos nossos... da minha família... Ele disse (O Presidente da Província): 'Mas eu não sei porque as professoras não ficam lá, com medo de Lampião?! Mas, você vá prá lá...' Eu disse: Dr. Eronides não faça uma coisa dessas não!"* (Clarinha, 1929)

*" Pobre professora espavorida, escondendo-se no meio do mato, com medo de Lampião e seus 'cabras' levando, apenas, ma bolsa apertada ao peito, o que lhe restava do minguado salário!..."* (Ieda, 1920)

De acordo com José Vieira Camelo, Sergipe recebeu inúmeras visitas de Lampião

<sup>88</sup> Fonte: NUNES, M. T. Op. cit. p. 264.

<sup>89</sup> NUNES, M. T. Op. cit. p. 265.

e seu grupo, principalmente na década de 30. Lampião foi acusado de ter cometido as maiores atrocidades de sua vida no cangaço em Sergipe.<sup>90</sup>

Os termos de visita ou termos de inspeção eram documentos oficiais de controle e acompanhamento dos professores. Eram registros minuciosos escritos em duas vias pelo Inspetor de Ensino por ocasião da visita à escola. A professora ficava com uma das vias como documento que comprovava seu desempenho pedagógico e a sua trajetória profissional, e a outra via era levada pelo Inspetor para ser arquivado na Diretoria da Instrução Pública.

Durante a coleta das histórias de vida resumidas, Diana leu seus termos de visita. A transcrição desses documentos encontra-se em anexo. Percebe-se que além da descrição do mobiliário, das condições físicas da sala de aula, do material utilizado pelas professoras e do rendimento dos alunos, relatados nestes documentos, observam-se importantes informações sobre a metodologia de ensino utilizada na época e o desenvolvimento da professora a partir das orientações pedagógicas feitas pelo Inspetor de Ensino.

Apesar de regulamentado em lei, esse processo nem sempre era seguido, pois algumas famílias não permitiam que suas filhas deixassem a cidade e fossem sozinhas para o interior. Assim, algumas normalistas iniciavam suas carreiras na capital, através de nomeações diretas do Diretor Geral da Instrução Pública, como foi o caso de Ema, Augusta, Lídia, Lizete, Ieda, Juliana.

Apenas Diana e Lina começaram a carreira no magistério no interior, nos povoados (primeira entrância). Clarinha foi também para o interior, para trabalhar em escolas nas cidades

---

<sup>90</sup> Cf. CAMELO, José Vieira Filho. *Lampião, o sertão e sua gente*. São Paulo, PUC, 1992. (Dissertação de Mestrado) p.126-127. De acordo com o autor, Lampião foi recebido com festas nas cidades sergipanas de Aquidabã e Capela, em 1929. Lampião faleceu em Sergipe, em 1938 próximo ao município de Piranhas na gruta de Angicos.

(terceira entrância).

Vale registrar que, de acordo com o artigo 42 do Regulamento da Escola Normal baixado pelo Decreto 494 de 26/12/1897, começava a existir uma valorização do diploma de normalista, já que a portadora do mesmo teria a garantia do " provimento exclusivo das cadeiras do ensino primário e à preferência no das cadeiras da Escola Normal" além da "preferência no provimento de qualquer emprego nas repartições do Estado." <sup>91</sup>

Entretanto, de acordo com o artigo 272 do Regulamento baixado pelo Decreto de nº 501 de 5 de agosto de 1901, os professores que completassem 5 anos de efetivo exercício no magistério teriam o direito a vitaliciedade na profissão, mesmo que não possuissem o diploma do curso normal. <sup>92</sup>

Apesar dos direitos concedidos às normalistas através do diploma e do exercício profissional, estes não traduzem totalmente a situação da mulher no magistério em Sergipe.

Na sua Mensagem Presidencial em 1908, o Presidente Desembargador Guilherme de Sousa Campos reclama da falta de professores diplomados e do problema da vitaliciedade dos cargos já providos por professores sem formação. Ressalta ainda que para o Estado era preferível garantir as mulheres no magistério público, por ser uma medida mais econômica, já que os vencimentos pagos a uma professora na época não satisfaziam a um professor:

*" A observação do Director da Instrucção Publica, como já tive ocasião de dizer-vos, explica-se pela falta de diplomados, pois que o professorado em quasi sua totalidade compõe-se de professoras sem o curso normal e nomeadas sem concurso regular. Não*

---

<sup>91</sup> Cf. NUNES, M.T. *Op. cit.* p. 195.

<sup>92</sup> Cf. Mensagem Presidencial de 1904 do Presidente Josino de Menezes, p.30.

*corrigi essa notavel falta porque, sendo taes professoras vitalicias, não podia dispensal-as; e, se o fizesse, além de commetter uma violencia contra o direito que lhes assiste, o Estado seria ainda mais onerado, desde que tivesse de lhes pagar os vencimentos que lhes são garantidos pelas leis em vigor. Só demoradamente se poderá fazer a substituição. Sem querer, como outros preconizar os dotes que a mulher tem para ser mestra, acho justificavel a preferencia que se lhe dá: porque o Estado não dispõe de grandes recursos, e a educação das creanças por ella é um meio mais economico, porquanto ella se contenta com exiguos vencimentos que não poderiam satisfazer um professor."*<sup>93</sup>

Aparecem nessa Mensagem Presidencial aspectos do trabalho feminino socialmente construídos. Em primeiro lugar, o salário da professora, apesar de ser considerado exíguo e garantir economia para o Estado, não seria satisfatório para o professor. Nesse caso, o trabalho feminino é mal remunerado, sendo que o salário da professora provavelmente poderia ser complementado pela renda do pai ou do marido.

Nesse sentido ressalta Demartini:

*"A concepção de que os salários das mestras podiam ser inferiores aos dos professores, justificada por seu caráter secundário ou complementar à renda familiar, ajudou a sedimentar a imagem do magistério como 'ocupação ideal para as mulheres' e a legitimar, com o passar dos anos, o crescente empobrecimento da categoria (Bruschini & Amado, 1988:7)."*<sup>94</sup>

O trabalho de educar e cuidar de crianças pequenas destinado socialmente às mulheres aparece desqualificado em relação ao trabalho masculino, sob a perspectiva salarial.

Nesse sentido, a representação do trabalho docente feminino aparece de certa forma como extensão

---

<sup>93</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Presidente da Província Desembargador Guilherme Souza Campos, 1908. p.7.

<sup>94</sup> Cf. DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *Magistério primário no contexto da Primeira República*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, CERU, Relatório de Pesquisa, 1991. p.37

de atividades domésticas não remuneradas.

A desqualificação do trabalho docente feminino, o não reconhecimento de suas atividades a nível salarial caracterizam de certa forma a posição inferior que a mulher ocupa na produção. Combes e Haicault identificam alguns fatores que traduzem essa dimensão do trabalho feminino:

*" A posição de inferioridade das mulheres na produção, o fato de serem ignoradas para a promoção, a desvalorização econômica de seu trabalho, sua desqualificação, o fato de lhes serem reservadas todas as formas de trabalho precário, as condições particulares de trabalho a que são submetidas, são mecanismos que favorecem o movimento das entradas e saídas do processo de produção e tendem as mulheres às relações entre sexos, tanto na família (quando muito não fosse, pela situação de dependência econômica), como também na produção." <sup>95</sup>*

No relatório do Diretor da Instrução Pública, Padre Possidônio Pinheiro da Rocha, de 1907, aparecem dados sobre os concursos de normalistas para preenchimentos de vagas no ensino público:

*" Estando vaga a cadeira do ensino mixto, do povoado de Crasto, no município de Santa Luzia, em 12 de março do corrente anno, inscreveu-se a normalista d. Maria de Lima Fontes, que, submettida a exame em 18 de abril, foi pela comissão examinadora aprovada, e posteriormente nomeada, prestando o compromisso legal em 27 do referido mez." <sup>96</sup>*

No entanto, no final desse mesmo ano, através do ato legislativo n.530 de

---

<sup>95</sup> Cf. COMBES, Danièle; HAICAULT, Monique. Produção e Reprodução. Relações sociais de sexos e classes. In: KARTCHEVSKY- BULPORT, Andréé. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 36.

<sup>96</sup> Cf. Relatório do Diretor da Instrução Pública, Padre Possidônio Pinheiro da Rocha, 1907. p.4.

11/11/1907, a Assembléia autorizou o governo a preencher, independente de concurso, a cadeira vaga da Escola Normal. Em regulamento recente de 15/04/1907, essa foi a forma determinada para o provimento de cargos na Escola Normal. A lei nº 548 de 23/11/1907 abolia o concurso como processo de provimento dos cargos da Escola Normal. Essa medida gerou protesto por vários anos.<sup>97</sup>

O Presidente Dr. José Rodrigues da Costa Dória, em sua Mensagem Presidencial em 1910, ressalta a necessidade de concurso para o provimento de cargos das professoras, pedindo inclusive a revogação da lei nº 548, entendendo que o diploma de normalista, apesar de conceder vitaliciedade no cargo, não garantia a habilitação necessária:

*" Não quero em absoluto considerar o concurso como processo unico para o bom preenchimento dos lugares do magisterio, em qualquer dos seus graos: este processo pode ser dispensado em paizes onde a instrucção é largamente difundida e onde as competencias são em avultado numero. Ainda assim não se pode abrir mão do concurso de documentos. Ao concurso, em regra não se apresentam os inteiramente incapazes, por vezes os mais protegidos. (...) Penso que o concurso entre as normalistas deve ser a regra para preenchimento das escolas primarias, porque infelizmente o titulo de normalista, que dá a vitaliciedade ao professor primario, está longe de ser uma prova de habilitação. "*<sup>98</sup>

As críticas ao protecionismo político às professoras oriundas de um estrato social mais elevado e à formação da Escola Normal são constantes nas Mensagens Presidenciais do Dr. José Rodrigues da Costa Dória. Em 1911, além destes aspectos, defende a necessidade de professores primários homens, já que entende que as mulheres devem continuar se dedicando às crianças

---

<sup>97</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Presidente da Província Dr. José Rodrigues da Costa Dória, 1910. p. 7.

<sup>98</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Presidente da Província Dr. José Rodrigues da Costa Dória, 1910. p.7-8.

menores, e que os homens possuem "qualidades superiores" para educar os meninos mais velhos:

*"Em minhas anteriores Mensagens vos expuz a situação lastimavel da Instrucção Publica do Estado, 'cujos gastos', disse eu 'não correspondem aos resultados obtidos' de um ensino feito por methodos atrazados, e ministrado por docentes muitas vezes catados entre os mais protegidos e afilhados, sem attender ás aptidões e competencia, e só com interesse de dar emprego. A Instrucção Publica, ao lado da Policia, tem sido o campo mais fertil para a politicagem. (...) A cadeira de ensino publico tem sido aqui comprehendida como emprego para salva-guardar protegidos da penuria. Muita vez tenho ouvido, a respeito de nomeações que não atendem à competencia, a condoida approvação de ter sido justa por ter recahido em pessoa muito precisada. Em materia de ensino a precisão tem muita vez sobrepujado o saber. A limitação constitucional das cadeiras do ensino primario às normalistas formadas pela Escola Normal, não resolveu a questão da habilitação, pois de modo algum esse titulo tem sido uma garantia de competencia, como já tive occasião de dizer. Com essa limitação concorreu a faculdade conferida pelo Regulamento ao Presidente do Estado, de poder escolher para as cadeiras do sexo masculino professoras, sem a preferencia dos professores, para afastar os homens do ensino, convido rechamal-os, pois, se para lidar com as crianças em idade escolar mais baixa as mulheres são incontestavelmente superiores aos homens; não acontece assim quando se trata de meninos da idade maxima do regulamento, exigindo disciplina mais energica e menos condescendencia."*<sup>99</sup>

Inicialmente à mulher caberia a instrução de classes mistas com crianças de até 8 anos. Alguns anos mais tarde a faixa etária foi ampliada para até 10 anos.

Percebe-se que o Presidente da Província identifica qualidades específicas nas professoras mulheres para o trabalho com crianças pequenas, provavelmente vinculadas à perspectiva da maternidade. Mas insiste na necessidade de professores homens para garantir maior disciplina e rigor. Entretanto, como o nível salarial das professoras primárias permanece baixo, a possibilidade

---

<sup>99</sup> Cf. Mensagem Presidencial do Presidente da Província Dr. Rodrigues da Costa Dória, 1911. p.50-1.

de garantir professores homens para substituir as mulheres na educação das crianças não se concretiza e cada vez mais a categoria se feminiza.

Nunes apresenta a situação financeira do magistério primário:

*" Encontrava-se o professor primário em péssima condição financeira. O último aumento obtido datava de 1896, na primeira administração do Presidente Valadão. Este, em 1916, procurou corrigir a situação através do Decreto nº 630, de 24 de abril que aumentou razoavelmente os vencimentos dos professores de acordo com a realidade financeira da época, tentando, assim atrair pessoas qualificadas para ocuparem as cadeiras do ensino público." <sup>100</sup>*

Apesar do aumento salarial, alguns dados estatísticos permitem observar a falta de profissionais habilitados para o ensino primário ao longo dos anos, tendo em vista o analfabetismo no Estado e a matrícula nas escolas públicas primárias, como se vê nos quadros a seguir.

Em relação ao índice de analfabetismo, o ensino primário não acompanhou o ritmo de crescimento demográfico do Estado; o recenseamento de 1920 acusava Sergipe como o Estado onde menos crescera o índice de alfabetização.<sup>101</sup>

QUADRO 4: ANALFABETISMO EM SERGIPE E NO BRASIL 1872-1920

ANOS	% ANALFABETOS EM SERGIPE	% ANALFABETOS NO BRASIL
1872	66,4%	-
1890	67,2%	85%
1900	58,2%	75%
1920	60,1%	75%

<sup>100</sup> NUNES, M. T. Op. cit. p. 228.

<sup>101</sup> Fonte: Cf. NUNES, M. T. Op. cit. p. 232.

Em relação à matrícula nas escolas públicas primárias, percebe-se que se mantém a defasagem entre a matrícula e a frequência, sendo mínima a percentagem dos que concluíam a quarta série. No ano de 1917, somente chegaram ao fim da quarta série, em todo o Estado, 165 alunos, sendo aprovados 160.<sup>102</sup>

QUADRO 5: MATRÍCULA E FREQUÊNCIA NO ENSINO PRIMÁRIO EM SERGIPE<sup>103</sup>

ANOS	MATRÍCULA	FREQUÊNCIA
1919	9.120	7.315
1920	9.559	7.343
1921	9.820	7.855

O número de crianças atendidas pelas escolas primárias públicas, na década de 30, ainda é deficiente frente a população em idade escolar, como pode ser constatado nos dados apresentados na Mensagem do Governador Dr. Eronides Ferreira de Carvalho:

*"A população geral do Estado para 1935 foi calculada em 624.950 habitantes, donde se conclue que temos aproximadamente uma população escolar de 124.990, tomando-se por base a percentagem de 20% sobre a população global. Só possuímos escolas com capacidade para 27.550 alumnos, resultando ficarem sem escolas 97.440 pessoas em idade escolar. Seriam preciso mais 1.044 professores, ou mais o triplo dos que agora temos, para atender um número tão alto de creanças sem escola."*<sup>104</sup>

<sup>102</sup> NUNES, M.T. Op. cit. p. 233.

<sup>103</sup> Fonte: NUNES, M. T. Op. cit. p.222.

<sup>104</sup> Cf. Mensagem do Governador Dr. Eronides Ferreira de Carvalho, 1936. p.43.

Depois de 30 temos um ritmo acelerado de crescimento do número de escolas pelo

Estado, como mostra o quadro seguinte:<sup>105</sup>

QUADRO 6: UNIDADES ESCOLARES DO ENSINO PRIMÁRIO EM SERGIPE<sup>106</sup>

ANOS	TOTAL	FEDERAIS	ESTAD.	MUNIC.	PART.
1933	432	---	286	57	89
1938	588	---	350	111	127
1943	635	---	361	150	124
1948	747	1	424	188	134
1953	814	1	441	275	97

A situação financeira do magistério continuava dramática<sup>107</sup>. Em 1955, o pesquisador e professor da Escola Normal, Nunes Mendonça, utilizando as expressões do Dr. Helvécio Andrade, de 1931, descrevia o quadro econômico do professorado:

*" O quadro pintado pelo dr. Helvécio de Andrade ('Escola Sergipana'), em 1931, persiste ainda, na viveza de suas cores, no presente. Naquele ano, assim se externava o ilustre educador sergipano:- 'O professorado primário e normal tem vergonha, é o termo, de dizer quanto ganha, aquele menos que um porteiro de*

<sup>105</sup> MENDONÇA, J. A. N. *Op. cit.* p. 74. Conforme o autor, em 1852 o Estado dispunha de 54 Escolas primárias; em 1931, o número delas era de 363.

<sup>106</sup> Fonte: MENDONÇA, J. A. N. *Op. cit.* p. 362.

<sup>107</sup> " Ao contrário do que se pensa comumente, essa profissão desde a sua origem (e não só no Brasil) era mal remunerada e desprestigiada socialmente." Cf. VILLELA, Heloísa. A primeira Escola Normal do Brasil. In: NUNES, Clarice. *O passado sempre presente*. São Paulo: Cortez, 1992, p.34

*trata de melhorar vencimentos, algures ou alhures, considera-se a posição social, a nobreza das funções, a independência do funcionário. O professor é esquecido; não tem necessidades sociais e morais, não precisa estudar, ter livros, elevar-se, nobilitar-se; mesmo sob o peso de todas as dependências humilhantes deve ensinar bem e melhor".<sup>108</sup>*

Lina comprova a descrição feita por Dr. Helvécio de Andrade sobre as condições salariais do magistério em Aracaju. No seu depoimento ela destaca a ajuda financeira recebida:

*" Quando recebia, era aquela importância pequenininha, né!? Que não correspondia pra gente, pra manter a gente assim...mas eu sempre tive ajuda de minha irmã, porque verdadeiramente não dá pra viver do ordenado! Nada feito! A pessoa só pode, só pode usar chinelo...se for por viver, viver com o ordenado de professor, tem que morar num quartinho, viver de chinelo, com a cesta, com o bocapio no braço e indo pra feira! Porque é assim! É muito pouco!" (Lina, 1933)*

Conclui-se, pois, que a professora primária em Sergipe era mal remunerada, apesar de inicialmente adquirir vitaliciedade no cargo a partir do diploma de normalista.

Eram contratadas através de concursos ou nomeações, estas, na maioria das vezes, envolviam favores políticos. Deveriam - de acordo com a lei dos acessos - iniciar sua carreira no interior e passar por promoções sucessivas até a transferência para a capital. No entanto, as professoras pertencentes às camadas mais elevadas da sociedade cumpriam trajetória mais cômoda, ingressando diretamente no magistério da capital.

---

<sup>108</sup> MENDONÇA, J. A. N. Op. cit. p.165.

### 3.2. As ex-normalistas e o processo de ingresso na carreira profissional.

Os processos de formação e de ingresso no magistério são relatados individualmente. No entanto, compõem um processo coletivo, no que diz respeito à perspectiva de classe e gênero.

Thompson ressalta que:

*" Homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo - 'experiência'- não como sujeitos autônomos, 'indivíduos livres', mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ' tratam' essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas da prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, 'relativamente autônomas') e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classes resultantes) agem por sua vez sobre sua situação determinada." <sup>109</sup>*

As experiências vivenciadas pelas normalistas são permeadas de forma ambígua pela resistência e pelo conformismo, uma vez que, procuram independência social e econômica através do magistério, profissão socialmente permitida e considerada respeitável para as mulheres da classe média, no período analisado.

As trajetórias vivenciadas no processo de ingresso no magistério - primeiros cinco anos - relacionam-se com as motivações de ingresso no curso normal.

---

<sup>109</sup> THOMPSON, E. P. Op. cit. p. 182.

Diana e Lina começaram lecionando na primeira entrância, em escolas localizadas em povoados e através da "lei dos acessos", dos cursos e dos bons termos de visita. Depois de alguns anos, conseguiram voltar à capital.

Diana relata as dificuldades da profissão na sua época:

*" Era uma profissão ingrata no sentido político, porque muitas professoras viviam como cordeiro, polichinelo, não é!? Muitas vezes a professora era uma ótima servidora... mas, quando mudava o quadro político, era uma perseguição tremenda! Contra aquela professora, embora que ela não tivesse essa queda... mas nós sofremos muito com a política! Eu não sei se hoje há essa maneira de agir dos políticos! (...) Nesse tempo, quem não quisesse seguir a carreira de professora, que era muito perseguida, não só pela política, como também pelos bandoleiros, como: Lampião, Sereno e Corisco, e não sei quem mais... eu sei que era o pavor das professoras, somente as pobres, praticamente, iríamos ao interior!" (Diana, 1933)*

Além das perseguições políticas, a falta de infra-estrutura e o medo de Lampião

<sup>110</sup> e seus seguidores também contribuíam para que as professoras não ficassem muito tempo no interior. Diana começou a lecionar em uma reserva indígena, próximo ao rio São Francisco:

*" Fui ensinar na Aldeia dos Índios, era como esses índios Xocós, já ouviu falar nesses índios Xocós... eles ficavam lá na ribeirinha do Rio São Francisco e esses ficam próximos ao Vaza-Barris... todas essas terras de índios, as áreas eram delimitadas e eles mesmos não podiam vender, teriam que residir ali, com a sua, a sua aldeia, os seus descendentes, mantendo os costumes, e eu fui pra lá..." (Diana, 1933)*

O dinheiro que Diana recebia do Departamento de Educação não pagava nem o aluguel da casa onde funcionava a escola. Apesar das dificuldades, Diana só deixou a escola quando

---

<sup>110</sup> " Elemento presente com Lampião no final da década de 30 foi Corisco, também conhecido por Diabo Louro." Cf. CAMELO, J. V. F. Op. cit. p. 126.

foi promovida.

*" Quer dizer, eu me sacrificava, o Departamento de Educação dava uma cota de cinco mil réis, é, cinco mil réis, mas a casa custava dez, e eu tirava do meu bolso. E por que rendia tanto? Eu não sei! Até hoje eu vivo me perguntando, economicamente como era a minha ginástica, eu não sei! Era muito bom, eu gostei de Aldeia, sai de Aldeia porque promovida como fui, eu não podia mais ficar na escola de primeira entrância. E agora aqui tem um aparte, os índios eram acossados por todos aqueles senhores de engenho pra tomarem as terras, tomarem os capões de mato, pra fazer combustível para os engenhos... Houve um (dono de engenho) que passando por mim, eu ia, eu vinha do banho, e ele ia atravessando a localidade, pra uma fazenda dele adiante, e forçosamente eu ia na estrada, ele me encontrou: 'Bom dia!', Bom dia... ele estava com o capataz, ao lado o xodó dele, e foi embora... então ele deu um parecer: 'Essa não dá não, os carrapatos comem!' Porque o que tinha, era carrapato! "*  
(Diana, 1933)

Depois de sair da Aldeia, Diana voltou a Aracaju para se preparar para o Curso de Aperfeiçoamento da Escola Normal. Ela e outras colegas tiveram aulas com professores particulares, sendo preparadas para o exame de seleção:

*" Mas, o curso de aperfeiçoamento era para preparar, ou renovar, ou aperfeiçoar como dizia o curso... Eu fiz em 1940... Eu fiz o curso de aperfeiçoamento... Para fazermos o curso de aperfeiçoamento, teríamos que fazer uma espécie de admissão, ora, nós já tínhamos o curso normal, mas para chegarmos a esse curso de aperfeiçoamento teríamos que nos submeter a exames, quer dizer, exames com currículo não estranho, mas atualizado... quer dizer, avançado, então eu me submeti, eu fiz, procurei professores, quer dizer a turma toda procurou professores e, fomos estudar, nesse tempo, ficamos com o Professor Acrísio Cruz em Português, e o Professor José Cardoso em Matemática e Álgebra, que eu não tinha álgebra, não é... estudávamos à tarde com eles lá na Pensão... Era na pensão de Dona Rubina, ali onde é o Palácio da Justiça, era o Hotel de Rubina, tinha o nome mesmo, não era pensão, era Hotel de Rubina, era tradicional. Depois do Hotel de Rubina havia um outro melhor era o Marrós... (...) Então, nós íamos, e estudávamos com esse, José Cardoso, que era de São Cristovão, nos preparamos e fizemos os exames, prestamos os exames. Raramente havia reprovação a não ser*

*os professores muito... como é que se diz, muito... dispostas, mas interinas, que não tinham feito o Curso Normal, mas que de uma maneira extraordinária elas iam, e faziam, passavam, quer dizer, era aquele interesse de se atualizar quer dizer eu praticamente não encontrei dificuldade, porque quando eu me submeti aos exames, eu era muito observadora, quando os professores estavam lecionando... nos ensinando, eu estava atenta, de sorte que não escapava nada, no sentido de aprendizagem. Tanto que quando terminaram os exames, houve quem quisesse conhecer o professor... era o Padre José Fonseca, era de Lagarto... ele era catedrático, lecionava e quis me conhecer, porque eu havia tirado 100 !... Na prova, agora sabe por quê? É o tema, era cooperativismo!" (Diana, 1933)*

Depois do Curso de Aperfeiçoamento, Diana recebeu sua nomeção como instrutora de Educação Física e trabalhou em muitos grupos escolares da cidade de Aracaju, chegando até a receber convites para a Direção em grupos escolares no interior.

Lina, que também iniciou sua carreira no interior, viajou de carro de boi com a sua mudança, juntamente com a avó, para a primeira escola em que atuou. Após a longa viagem, dormiram em colchões improvisados com folhas de bananeira:

*"É... tivemos de pegar carro de boi... nós fomos chegar no povoado à noite... então, quando, eu estava fazendo a minha arrumação, disseram assim: 'Lina, você não leve colchão, porque vai ser um trabalhão pra você... lá na fazenda, você encontra de capim, porque, de ordinário no interior tem...' Eu fiz... quando eu cheguei lá à noite, e agora !? Como ia dormir !? Dentro tinha uma cama de vento, conhece!? Cama de vento é assim transpassada... assim, né!? Como essas cadeirinhas de hoje, assim... Agora, comprida com aquelas varas, assim... De lona! de lona, e outra, chama-se cama de ferro, pois é, quando nós chegamos lá... cadê onde é que dormia ? Ai, o rapaz disse... a Escola tinha um bananeiral no fundo, à noite, levei um candeeiro, uma placa... sabe o que é placa, né! Então, quando nós chegamos ele disse assim, 'que nada, dona professora, vamos tirar a palha da bananeira!' E aí tirava aquelas palhas da bananeira, capaz de vim, qualquer coisa, né! Encheram o colchão, pra gente deitar, então, quando era noite, foi com minha avó... Quando era à noite, que a gente ia se mexer a minha avó, dava risada! Olha, foi um show essa noite, que quando a gente se virava era choc-choc-choc*

*(risadas) era aquela coisa! Pouco, pouco dormia, sabe!? já estava dormindo, quando se virava, era... Ela era muito engraçadinha, minha avó, e eu a queria muito bem, a gente só ficava rindo... no dia seguinte, os vizinhos: 'Fessora, por que...'; 'Fessorinha...' eu estava com 19 anos... 'Fessorinha, por que a senhora ria tanto!' E a gente contando a história... e lá eu fiquei né, mas só fiquei... foi... eu fui... nomeada em agosto, e... não fiquei, só fiquei um ano, lá... Deus me ajudou! Arranjei uma colega, pra fazer uma transferência, né! Sem conhecer, não conhecia outros lugares não, só conhecia a capital... E com essa dificuldade toda! Fui lecionar, e... fui muito feliz! Depois vim fazer o curso de aperfeiçoamento..." (Lina, 1933)*

Lina voltou em 1939 à capital para fazer o Curso de Aperfeiçoamento. Depois do Curso, apesar de sua qualificação ser reconhecida como mais elevada, foi lecionar em uma escola de segunda entrância, em Riachuelo:

*"Em 39, eu vim fazer o Curso de Aperfeiçoamento! Um ano! Mas, era fogo! sabe!? É... nós tínhamos era, História Universal, Física, Química... E fui, fazer... ensinar em comissão! Educação física também eu me destaquei! Fui pra Riachuelo, lá, passei 2 anos... do povoado, pra Riachuelo..." (Lina, 1933)*

A possibilidade de lecionar na periferia de Aracaju ocorreu como consequência do reconhecimento de que havia desenvolvido um bom trabalho junto aos seus alunos, atestado pelos termos de visita:

*"... foi quando o Diretor (Geral da Instrução Pública) botou um edital, que, quem tivesse bons termos de visita, então ficaria aqui em Aracaju. Eu apresentei, que eu tinha bons termos, pelo seguinte, eu era muito assim, eu gostava muito de ensinar... eu fui uma pessoa que, fui por vocação... Eu ensinava trabalhos manuais, costuras, assim, trabalhozinho, daquilo que eu aprendi. E nesse ínterim, o meu inspetor... Havia um Inspetor do Departamento de Educação... a professora ficava com sempre assim ativa, sabe!? Porque eles (inspetores) não avisavam quando chegavam, para inspecionar a escola. E então ele lavrou, foram dois, dois... termos de visita, só! Esses dois termos de visita me botaram na Atalaia! (bem próximo de Aracaju)" (Lina, 1933)*

Ieda não começou a lecionar logo depois de formada. Fez primeiro o Curso Comercial na Escola " Conselheiro Orlando", diplomando-se em 1925. Em 1928, ela foi trabalhar como oficial de gabinete do então Diretor Geral da Instrução Pública, Clodomir Silva:

*" E também aqui, também aqui eu estive, porque eu fui oficial de gabinete do Diretor, Dr. Clodomir Silva, eu era, fui nomeada adjunta do grupo escolar... porque antigamente a gente começava como adjunta, depois como professora, lá nas brenhas, depois, ia chegando... até chegar à Capital. Ele me requisitou para ser Oficial de Gabinete dele, eu trabalhei aqui, justamente aqui... (mostra a sala na foto do prédio da Escola Normal)" (Ieda, 1920)*

Depois da Escola Normal, Ieda foi trabalhar na Escola de Aprendizes e Artífices, atual Escola Técnica Federal.

Clarinha também fez o curso comercial, realizando dois cursos concomitantemente. Por ser muito nova quando se formou, foi aconselhada pelo Inspetor a esperar mais alguns anos para voltar a lecionar.

*" Mas, eu era muito nova quando eu me formei, tinha 19 anos! eu fui substituir Marieta Machado... Quando eu cheguei lá, os alunos já rapazes, num sabe!? Que ficavam mais entretidos em, em olhar pra mim... (risos)... É aquele... berlinda, colocar na berlinda, num sabe!? Eu era... o Doutor, o Inspetor chegou e disse: 'Não, ela não serve ainda prá ensinar, assim.'" (Clarinha, 1929)*

Clarinha foi trabalhar na Casa Fonseca. Tratava-se de um importante estabelecimento comercial da cidade, que ficava às margens do Rio Sergipe:

*" Eu quando me formei, eu fui pra... Não, primeiro eu fui pra Casa Fonseca... trabalhei lá na Casa Fonseca em 30 ! Terminei em 29, dei três meses de adjunção no Grupo Manoel Luís e... então, foi, pra lá... pra Casa Fonseca... Ali, eu aprendi muita coisa ali (Casa Fonseca), muito! Aquela, a Matemática, eu aprendi muita coisa ali, naquela casa, num sabe!? Os viajantes, quando chegavam aqueles códigos, eu tirava tudo, ia pra lá, pra o fundo e tirava fora aqueles códigos todos e já sabia e... conta de somar, olhe a conta de somar a gente..."*

*Como eu fazia a conta! Porque eu não repito! Eu não repito a... tanto, mais tanto, mais tanto... eu venho assim trá-trá-trá-trá-trá... de uma vez, num sabe!?!..." (Clarinha, 1929)*

Apesar da experiência adquirida com a matemática, no atendimento aos viajantes na Casa Fonseca, Clarinha precisou deixar o estabelecimento por causa da saúde. A proximidade do rio e do mar e a falta de saneamento básico adequado na cidade, favorecia o contágio de doenças:

*" O Dr. José Aparício disse: 'Você não pode ficar aqui, não! Você está querendo começar o impaludismo (malária), aqui, aquele mar ali perto...' Ai, eu fui pra Itabaiana... Ave-Maria, o povo lá em Itabaiana só faltava me colocar lá em cima! Fiz a primeira quermesse lá, de Itabaiana!" (Clarinha, 1929)*

Depois de Itabaiana, Clarinha esteve em outras localidades, casou-se e assumiu vários cargos, sempre contando com a amizade dos Governadores e Diretores da Instrução e de outras autoridades. Acabou sendo promovida para Aracaju, onde depois realizou o Curso de Aperfeiçoamento:

*" O ano de 31, em Itabaiana! Foi...Itabaiana, em 32, eu fui para, eu fui pra o Espinheiro... porque Alvina, irmã de Padre Pedro, porque eu estava, eu sozinha com a minha mãe, ela perguntou: 'Minha filha, você quer ir?' Eu disse: Ô, mamãe, nós somos duas sós, vamos fechar nossa casa e passamos lá... eu gostei muito de 32, 33, minha prima Josefa, era de lá, e eu gostei muito, era ela doida por mim, 32, 33 eu passei lá. 34! Eu já vim pra... Caititu! Caititu... foi... um ano, depois foi General Maynard, ele, era muito amigo nosso, não sabe!? Principalmente a Helena, e então eu fiquei, passei o ano de 34 ali, e 35 também, eu casei, no novo ano casei, passei aí, eu fui pra Tobias Barreto, e lá eu fiquei como Orientadora! ... Eu não quis a Direção, não! Dr. José perguntou, nesse também era... era Dr. José Rollemberg e era...e... o Dr. Cavalheira me chamou em março. Ele disse: 'Por que você não fica como Diretora de primeira (entrância)?' Eu preferi ficar como Orientadora, nesse tempo... ali, eu me desenvolvi bem, né!? Com canto orfeônico, num sabe!? Depois passei pra Direção, e saí de lá, vim pra'aqui, e aqui fui professora no General Siqueira, fiquei depois como Vice-Diretora!" (Clarinha, 1929)*

- RODRIGUES, Neidson. Da mistificação da escola pública à escola necessária. São Paulo: Cortez (Autores Associados), 1992.
- ROMANELLI, Otaíza O. História da Educação no Brasil (1930-1973). Petrópolis: Vozes, 1991.
- ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHERE, Louise (coords.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ROSEMBERG, F. et al. Mulher e educação formal no Brasil: estado da arte e bibliografia. Brasília: INEP/REDUC, 1990.
- SAFFIOTTI, H. I. B. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SCHILLING, Flávia I. Estudos sobre resistência. Campinas, UNICAMP/FE, 1991. (Dissertação de Mestrado).
- SEGNINI, Liliana R. P. Disciplina e resistência no cotidiano do trabalho. São Paulo, 1992. (mimeo)
- Inovação Tecnológica, escolaridade e qualificação profissional no setor bancário: aspectos referentes à função caixa. Campinas, UNICAMP/FE, 1992. (mimeo)
- O processo de feminização do trabalho bancário em um contexto altamente informatizado: uma conquista social? Campinas, UNICAMP/FE, 1994. (mimeo)
- SERGIPE. Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe. Sergipe, 100 anos de História Constitucional. Aracaju: BANESE/CNI/SESI/SENAI/IEL, 1992.
- SILVA, Jefferson I. Formação do educador e educação política. São Paulo: Cortez (Autores Associados), 1992.
- SILVA, José Calazans Brandão da. Aracaju e outros temas sergipanos. Aracaju: FUNDESC, 1992.
- SILVA, Maria Aparecida. Professor: caminhos e descaminhos da profissionalização. Belo Horizonte, AMAE Educando, n.204, jun. 1989.
- SILVA, Rose Neubauer da; DAVIS, Claudia. Formação de professores das séries iniciais. São Paulo, Cadernos de Pesquisa, n.87, pp. 31-44, nov. 1993.
- SOUZA, Maria Aparecida Neri. Sou professor sim senhor! Representações sobre o trabalho

docente, tecidas na politização do espaço escolar. Campinas, UNICAMP/FE, 1993.  
(Dissertação de Mestrado).

SOUZA-LOBO, Elizabeth. A classe operária tem dois sexos. Trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense; Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

SOUZA, Maria Christina S. A formação dos professores no Brasil: do Império à Primeira República. São Paulo, Cadernos CERU, n.3, série II, 1991.

TANURI, M. L. O ensino normal no Estado de São Paulo - 1890-1930. São Paulo, USP/FAE, 1979.

----- Política integrada de formação de professores. São Paulo, Cadernos de Pesquisa, n.71, pp. 82-5, nov.1989.

TELLES, Maria Amélia A. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TRIGO, Maria Helena B.; BRIOSCHI, Lucila R. Família: representação e cotidiano-reflexão sobre um trabalho de campo. São Paulo, CERU/CODAC/USP, 1989.

VIEZZER, Moema. O problema não está na mulher. São Paulo: Cortez, 1989.

VILLELA, Heloisa. A primeira Escola Normal do Brasil. In: NUNES, Clarice. O passado sempre presente. São Paulo, Cortez, 1992.

#### DOCUMENTOS OFICIAIS CONSULTADOS - MENSAGENS PRESIDENCIAIS, GOVERNAMENTAIS E RELATÓRIOS:<sup>1</sup>

1903. Mensagem do Presidente Josino de Menezes.

1904. Mensagem do Presidente Josino de Menezes.

---

<sup>1</sup> Estes documentos encontram-se arquivados na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na cidade de Aracaju.

1907. Relatório do Padre Possidônio Pinheiro da Rocha, Diretor da Instrução Pública e da Escola Normal, ao Presidente Desembargador Guilherme de Sousa Campos.

1908. Mensagem do Presidente Desembargador Guilherme de Sousa Campos.

1909. Mensagem do Vice-Presidente Manoel Baptista Itajahy.

1910. Mensagem do Presidente Dr. José Rodrigues da Costa Dória.

1911. Mensagem do Presidente Dr. José Rodrigues da Costa Dória.

1913. Mensagem do Presidente Dr. José Siqueira Menezes.

1915. Mensagem do Presidente General Manoel P. de Oliveira Valladão.

1916. Mensagem do Presidente General Manoel P. de Oliveira Valladão. (20/06)

1916. Mensagem do Presidente General Manoel P. de Oliveira Valladão. (7/09)

1918. Mensagem do Presidente General Manoel P. de Oliveira Valladão.

1920. Mensagem do Presidente Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lobo.

1921. Mensagem do Presidente Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lobo.

1922. Mensagem do Presidente Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lobo.

1925. Mensagem do Presidente Dr. Maurício Graccho Cardoso.

1926. Mensagem do Presidente Dr. Maurício Graccho Cardoso.

1927. Mensagem do Presidente Dr. Manoel Corrêa Dantas.

1928. Mensagem do Presidente Dr. Manoel Corrêa Dantas.

1929. Mensagem do Presidente Dr. Manoel Corrêa Dantas.

1935. Mensagem do Governador Eronides Ferreira de Carvalho.

1936. Mensagem do Governador Eronides Ferreira de Carvalho.

1937. Mensagem do Governador Eronides Ferreira de Carvalho.

1956. Mensagem do Governador Leandro Maciel.

1957. Mensagem do Governador Leandro Maciel.

## **ANEXOS**

ANEXO 2: Leitura e comentários dos termos de inspeção por Diana:

" Nessa data no povoado denominado Aldeia, no município de São Cristovão, inspecionei a Escola Rural, número 11, criada pelo Decreto nº239, de 24 de agosto de 1934, e instalada a 13 de setembro do mesmo ano. Para regê-la foi nomeada a normalista diplomada, dona Diana Saturnino dos Santos... 'eu me chamava Saturnino por causa de uma certidão, dada por meu pai, depois foi... 'que está em pleno exercício...' eu não, sabia... era praticamente... era impraticável prá mim saber quando era, examinada, inspecionada, a escola ia, e ele era rigoroso e ele ia e sempre me encontrava firme, porque às oito horas, era sagrado! Eu estava, na mesa, na cadeira, com os meus alunos, ele diz aqui: 'a matrícula está completa, 22 meninos e 28 meninas... todas cegas às luzes das letras, estão presentes 21, a sala de pequenas dimensões e sem entejolamento, está asseada, os alunos sentam-se em bancos simples e em caixões de sabão... do governo a escola só, só possui um contador e uma caixa de paker...' que eu nem sei se ainda existe?... 'É urgente dotá-la pelo menos de um quadro-negro' e eu não tinha... 'objeto imprescindível às classes. A mestra posto, que inexperiente ainda, revela gosto pelas coisas do ensino apontei-lhe o caminho a seguir com os rumos certos para realizar o programa'... programa com dois erres (risadinha)... 'Tratei demoradamente do ensino da leitura, cálculos, etc, proibi o processo absurdo das lições decoradas', e aí ele segue... 'que prejudica observação, raciocínio e as energias mentais da criança ... se a jovem preceptora seguir a orientação que lhe dei será promissor o resultado do ensino... para constar mandei lavrar o presente termo, funcionária tal... tal...' Esse foi o primeiro, no dia 26 de abril de 34, ou de 1935, porque eu fui lá em setembro de 1934, não tinha um ano, ele sabia que todos estavam cegos. Quando ele chegou na segunda inspeção ele viu que muita gente não precisava óculos para ler. Ele diz aqui: 'A escola pública do povoado de Aldeia do município de São Cristovão, dirigida pela professora Diana Saturnino dos Santos foi hoje por mim inspecionada, relatório: matrícula 34, sendo 15 do sexo masculino, classificação: 1º ano, 1ª seção: 25 feminino, segunda seção: uma, que era adiantadozinho, 34 frequência. Presentes 10, tem sido diminuta, porque o estado sanitário do lugarejo é pouco lisonjeiro. Rendimento escolar bom. Os trabalhos manuais que vi, e o aproveitamento que observei em um aluno, recomendam uma professora...' Isso era uma garantia! 'Conduta funcional docente boa! Escrituração perfeita!' Eu tinha cuidado mesmo, nunca atrasei um boletim, porque a gente ficava subordinada, mandava o boletim para o Departamento de Educação, e eu mandava... 'Mobiliário didático: todas as peças em perfeito estado de conservação' Eu já tinha ... 'Higiene do prédio... e os discentes, a sala da escola está asseada, porém é pequena demais! Os alunos têm asseio... processo de ensino: o método intuitivo...' (...) 'Asseada,

porém é pequena demais, os alunos têm asseio. 'Manda cópia... Agora o segundo aqui... 'Inspeccionei nesta data a Escola Mista do povoado de Aldeia, do município de São Cristovão, dirigida pela professora Diana Saturnino dos Santos. Relatório: Matrícula: 30 alunos, sendo 11 do sexo masculino, um sergipano e um alagoano. Classificação: 1º ano, 1ª seção 15; 2ª seção 6; 2º ano 8...' Isso em 37, está vendo!?'... '3º ano 1, frequência: 19, nos dias anteriores, tem sido satisfatório...' Era o seguinte, os meninos, dia de sexta feira, isso foi, coincidiu no dia de sexta feira, os meninos eram todos ocupados em rachar lenha, ajudar os pais, roceiros. Então, o combustível nosso eram feixes de lenha, vocês não viram isso, porque depois passamos para o carvão, o carvão vegetal, e depois, e depois da lenha o carvão vegetal e atualmente o gás, não é, o gás rarefeito como nós chamamos do petróleo. Mas vinham de lá em animais, trazendo aqueles feixes de um cento, dois centos, conforme a resistência do animal, para vender aqui nas vendas. Era assim, que a vida, a vivência do matuto, do rural, nesse aspecto. Ele então dizia: 'Rendimento escolar: há trabalhos manuais, especialmente de costuras, bem trabalhadas, os meninos estão construindo malocas, flechas, coisas que falam da tradição da localidade. O aluno que arguir revelou inteligência e notável aproveitamento.' Ganhou um livro de... Oiticica, era um livro próprio para o terceiro e quarto anos, trazia muitos motivos da nossa vida brasileira, não é, especialmente da nordestina, era maravilhoso! 'Conduta funcional da docente: por ela responde o aproveitamento de seus alunos. Escrituração: perfeita! Mobiliário e material didático: 10 carteiras americanas, mesa e respectiva cadeira, quadro negro, contador mecânico, mapas, objetos novos e bem cuidados. Falta quadro de linguagem para completar o material didático. Processo de ensino: lições intuitivas!' Eu gostava mesmo, agora levando em conta, este meu esforço, aos vinte e um anos de trabalho, eu estava com a garganta... apareciam polipos, eu teria que deixar, como deixei, na época eu tinha feito concurso e fiquei na esfera federal como escriturária, lotada na Capitania dos Portos. Mas isso foi um grande golpe para mim, eu queria continuar lecionando...(se emociona) 'Higiene do prédio dos docente: A sala onde funciona a escola apesar de baixa, e sem grandes dimensões, está asseada, tem ar e luz, é a melhor que se pode encontrar no local...' (...) 'Numa palestra incisiva que fiz combatendo o extremismo...' a professora tinha um certo extremismo (se considerava socialista), mas com as crianças jamais! 'observei que a professora já havia cumprido a portaria do Departamento... onde vigia, saneamento espiritual e social que neste sentido baixou o Departamento de Educação do Estado.' Quer dizer, até isso eu observava... toda a regulamentação que partia do Departamento para que fosse ministrado eu fazia. (...) Outra coisa aqui, eu lecionei e ensinei lá, e ele (inspetor) achou admirável. 'Rendimento escolar: há pequeno número de trabalhos de agulha, desenho, recortes e cartolina, tarefa unicamente das meninas. A seção masculina nada fez até agora, mostrei a necessidade de maior produção escolar por parte dos meninos.' É como eu

disse a você, os pais arrebanhavam os meninos para trabalhar na roça e isso dificultava. Quando chegava, se eu fosse me empenhar em fazer os trabalhos manuais, já não dava oportunidade de cumprir o programa. Então eu tinha que... 'Fui ouvido por vários pais na preleção que fiz, sobre as necessidades da escola movimentada, com educação física, com o canto orfeônico, com as excursões pedagógicas, com os jogos, etc.' Quer dizer, tudo isso eu já fazia. Olha, eu entoei um canto, a quatro vozes, na visita dele. Ficou maravilhado! Os meninos sintonizados, agora imagine rústicos! Mas eu senti mesmo que estavam sintonizados, quando eu comecei a reger, era... (canta e faz gestos de regência) 'pequeninos somos nós, nossa vida é cantar, nessa hora de alegria... todos nós vamos cantar! Carneirinho, carneirão, vestidinho de algodão, era assim que antigamente se cantava essa canção!' Mas, menina, foi uma coisa tão harmoniosa! Que o professor Zezinho se entusiasmou... hoje eu penso, que ele ainda é vivo!' (Diana, 1933)